

R219 Raposo, Leila Cunha

Ficção, história e memória em romances contemporâneos: diálogos entre Brasil e Portugal / Leila Cunha Raposo – Ilhéus, BA: UESC, 2013.  
108 p.

Orientadora: Inara de Oliveira Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações.  
Inclui bibliografia.

1.Literatura brasileira – História e crítica. 2. Literatura portuguesa – História e crítica. 3. Memória na literatura. 4. Buarque, Chico, 1944 -. 5. Mãe, Valter Hugo, 1971 -. I. Título.

CDD 869.09



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC

LEILA CUNHA RAPOSO

**FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS:  
DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**

ILHÉUS – BA  
2013

LEILA CUNHA RAPOSO

**FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS:  
DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras como requisito parcial e último à obtenção do grau de Mestre em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Inara de Oliveira Rodrigues

ILHÉUS – BA  
2013

LEILA CUNHA RAPOSO

**FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS:  
DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**

Ilhéus-BA, 18 de março de 2013.

---

Inara de Oliveira Rodrigues – Prof<sup>a</sup>. Dra.  
(UESC-BA)  
Orientadora

---

José Luís Giovanoni Fornos - Prof. Dr.  
(FURG-RS)

---

André Luís Mitidieri Pereira - Prof. Dr.  
(UESC-BA)

## DEDICATÓRIA

A Nilza, Milena e Dilton,  
Aos meus avós,  
A Inara Rodrigues e a André Mitidieri,  
Obrigada por me fazerem acreditar que é possível.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir essa etapa que é, ao mesmo tempo, finalização e início de novos estudos, agradeço à professora Inara de Oliveira Rodrigues por suas orientações, pelo acompanhamento, pelo incentivo e pela amizade ofertada. Sem o seu olhar amigo e disciplinador, não seria possível este estudo.

Agradeço também à minha família, em especial a minha mãe e a minha irmã, pois sem elas eu não teria conseguido chegar até aqui. Do mesmo modo, agradeço a meu pai, pois tenho certeza que recebi durante todo o percurso o seu incentivo e o seu carinho. Aos meus avós, maternos e paternos, agradeço por terem sido os primeiros idosos com os quais convivi e pude me encantar por suas memórias narradas.

Como a família é grande demais, não tenho espaço para agradecer a todos. Mas ressalto que me sinto orgulhosa e confiante pelo carinho que me ofertam e é maravilhoso saber que tenho o apoio de todos. Marcela, Lai, tio Assis, Juninho, Nana, tio Braz, tia Joana, tia Bina, Nido e Cida, como não citar vocês? Obrigada!

Aos amigos, agradeço pelo suporte e apoio em toda a jornada. De modo especial, me sinto muito grata por saber que tenho amigos como Marli, Marleusa, Marcela, Handerson Fredson, Luciana Mazzutti e Glorinha, com os quais posso contar e renovar alegrias.

Agradeço à coordenação do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da UESC, bem como ao corpo docente desse curso. Obrigada pelas valiosas contribuições acadêmicas em minha formação. Igualmente, agradeço a Josy Borges pela cordial presteza na secretaria do curso. De modo muito especial, agradeço ao professor André Mitidieri pela sempre gentil disponibilidade em ensinar, informar e partilhar conhecimento. Não há palavra que possa traduzir minha gratidão e apreço pelos professores-amigos Inara e André!

Aos colegas de curso e companheiros de jornada, agradeço também pelos momentos tão especiais que vivemos. E tenho certeza que cada um terá ótimo futuro acadêmico. Mércia, Mayllin, Miguel e Nadson, obrigada pelo carinho de sempre!

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus, que me auxiliou e também permitiu que esse sonho se concretizasse.

Mas se com a idade a gente dá para repetir  
certas histórias, não é por demência senil, é  
porque certas histórias não param de acontecer  
em nós até o fim da vida.  
(Chico Buarque)

estive a noite inteira no purgatório da ilusão e  
acordei para entrar no fugaz turbilhão da memória,  
recuperando tudo, lembrando tudo como se a vida  
se condensasse em alguns minutos.  
(Valter Hugo Mãe)

## FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

### RESUMO

Objetiva-se discutir as relações entre ficção, história e memória nos romances **a máquina de fazer espanhóis**, de Valter Hugo Mãe (2011) e **Leite derramado**, de Chico Buarque (2009). Para tanto, este estudo, eminentemente bibliográfico, fundamenta-se em Ricoeur (2007), Le Goff (1994), Sarlo (2007), Pollak (1992), Halbwachs (2006) e Namer (2004) no que concerne aos estudos sobre memória. No tocante ao entrecruzamento história/ficção, o aporte prioritário encontra-se em Ricoeur (2007), Pesavento (2006) e Chartier (2010). Trata-se de perceber, nos entrecruzamentos da história e da literatura, os sentidos atuais da problematização evidenciada nas narrativas sobre as memórias cindidas que se mostram entre as tensões do eu e do coletivo, suscitando, assim, o contexto do Estado Novo no romance de Mãe, assim como há uma revisão da história brasileira tendo como foco certa aristocracia decadente no romance brasileiro. Como resultados mais relevantes, afirma-se a possibilidade de delinear as memórias nacionais, ainda que cindidas pelas tensões entre a subjetividade e a coletividade, como representação de questões atinentes à construção dessas memórias, as quais problematizam, com vistas ao passado, a contemporânea realidade em Portugal e no Brasil

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Chico Buarque; Valter Hugo Mãe.



## FICÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

### RESUMEN

Se objetiva analizar la relación entre la ficción, la historia y la memoria presente en las novelas **a máquina de fazer espanhóis**, de Valter Hugo Mãe (2011) y **Leite derramado**, de Chico Buarque (2009). Así, este estudio, eminentemente bibliográfico, se basa en Ricoeur (2007), Le Goff (1994), Sarlo (2007), Pollak (1992), Halbwachs (2006) y Namer (2004) en relación con los estudios sobre la memoria. En cuanto al entrelazamiento ficción/historia, la contribución principal radica en Ricoeur (2007), Pesavento (2006) y Chartier (2010). Se observa, en las intersecciones de la historia y la literatura, los sentidos actuales de la problematización evidenciada en las narraciones sobre las memorias nacionales rotas que muestran las tensiones entre el yo y lo colectivo, presentando así el contexto del Estado Novo en paralelo con la crisis actual portuguesa, en la novela de Mãe, al igual que se hace una revisión de la historia de Brasil con vistas a cierta aristocracia rural esclavista y sus descendientes en la novela brasileña. Como resultados más relevantes, se afirma la posibilidad de delinear las memorias nacionales, aunque estén rotas por las tensiones entre la subjetividad y la colectividad, como una representación de las cuestiones relacionadas con la construcción de estas memorias, que problematizan, con vistas hacia el pasado, la realidad contemporánea en Portugal y en Brasil.

**Palabras-clave:** Literatura Brasileña; Literatura Portuguesa; Chico Buarque; Valter Hugo Mãe.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
RESUMEN .....	viii
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. HISTÓRIA, FICÇÃO E MEMÓRIA – CONCEITOS PLURAIS .....</b>	<b>16</b>
1.1 Entre a história e a ficção: a afirmação da narratividade.....	16
1.2 Os sentidos da memória nos entrecruzamentos da história/ficção .....	22
<b>2. O BRASIL REVISITADO EM <i>LEITE DERRAMADO</i> .....</b>	<b>36</b>
2.1 <i>Leite derramado</i> : a revisão crítica da história brasileira .....	38
2.2 As memórias em um tempo de queda .....	53
<b>3. PORTUGAL: A MEMÓRIA E AS ANGÚSTIAS DO PRESENTE .....</b>	<b>67</b>
3.1 <i>A máquina de fazer espanhóis</i> : a história de Portugal revisitada .....	68
3.2 A agonística memória histórica portuguesa.....	78
<b>4. DE QUANTAS MEMÓRIAS SE (DES)FAZ UM PAÍS.....</b>	<b>94</b>
4.1 Brasil e Portugal: por uma história de aproximações e distanciamentos .....	95
4.2 Sentidos da memória nos romances contemporâneos .....	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

*A memória e a linguagem são fatores que permitiram aos homens [...] definir escolhas e, por isso, instituir e definir significados e valores.*  
(Ulpiano Bezerra de Meneses)

Na contemporaneidade ocidental, vive-se um momento de valorização dos relatos memorialísticos, dos museus, dos documentários e é massiva a ideia de que as memórias (sociais ou individuais) precisam ser preservadas. Assim, cada vez mais há um acúmulo no volume de informações oferecidas e, ao mesmo tempo, tudo muda muito rapidamente, o que origina percepções diferentes em relação às noções de passado e presente. Nesse cenário, destaca-se o texto literário como uma das fontes de acesso às memórias coletivas/individuais, as quais tanto podem ser narradas por uma pessoa que realmente vivenciou os contextos que relata quanto podem ser ficcionalizadas, mas ainda assim representantes da vivacidade de alguém que, em meio a diversos contextos históricos, construiu sua vida no entremear do coletivo e do subjetivo, entre a contingência sócio-histórica e as suas percepções e desejos como indivíduo. Desse modo, por meio da narração dessas experiências, torna-se possível conhecer a memória coletiva de determinado grupo e observar as marcas sociais que formaram esse sujeito.

Jésus Martín-Barbero, em **Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria** (2000), analisa as mudanças que envolvem a concepção de tempo nas sociedades modernas e o modo como lidam com suas memórias. Para o autor, o *boom* da memória é uma das mais contundentes manifestações da crise da moderna experiência do tempo, pois relativiza a noção de presente, passado e futuro, ademais de caracterizar uma obsessiva busca pela arquivização de memórias. Huyssen (2000), por sua vez, elucida que esse memorialismo cultural pode ser observado desde a publicação de narrativas históricas e relatos biográficos a até mesmo o crescimento e expansão dos museus, fatos que, em conjunto, caracterizam uma multiplicação de práticas voltadas para o passado.

O ato de volver ao passado, em relação à experiência do tempo no *boom* da memória, indicia um tempo contínuo, no qual o presente se erige a partir das experiências de outrora, em contraposição à ideia de supervalorização do tempo futuro, por isso, a referência de Martín-Barbero às deslocções do tempo. Em

conformidade, Huyssen (2000, p. 9) afirma que, “a partir da década de 1980 o foco parece ter se deslocado dos futuros presentes para os passados presentes”. Conseqüentemente, ocorre um deslocamento na experiência e na sensibilidade do tempo atual, mostrando como o passado interfere na configuração do tempo presente ou no que Huyssen chama de “presente recodificação do passado” (2000, p. 9). Essa ânsia moderna pela presentificação de memórias denota tanto uma tentativa de apreender essas reminiscências quanto a aceleração do processo de esquecimento, visto que há um acúmulo de informações em meio à “febre da memória”. Ademais, nota-se que o esquecer e o lembrar também são direcionados por ações de poder que determinam o que deve ou não ser lembrado/esquecido.

Nesse complexo cenário e diante do crescente número de publicações literárias que remetem a biografias, narrativas históricas e memorialísticas, como indica Sarlo (2000), destaca-se o texto ficcional como uma das fontes privilegiadas na captação dos imaginários sociais, capaz de, correlacionado à história, problematizar representações identitárias e memorialísticas acerca tanto dos contextos sociais e históricos evocados nas narrativas, quanto em relação ao seu contexto de produção.

Assim, com base na noção de que as narrativas de memórias denotam uma presentificação do passado na sociedade ocidental contemporânea (Huyssen, 2000), entende-se o estudo do texto literário que revisita o passado como um caminho para compreender o que essas memórias revelam também acerca do tempo presente. Com essa perspectiva, desenvolve-se o estudo sobre o tema Ficção, História e Memória nos romances **Leite derramado** (2009), de Chico Buarque de Holanda, e **a máquina de fazer espanhóis** (2011), de Valter Hugo Mãe, problematizando-se como as memórias neles apresentadas permitem refletir sobre o contexto sócio-histórico e cultural contemporâneo do Brasil e de Portugal, respectivamente.

Trata-se de verificar que Eulálio, narrador de **Leite derramado**, a partir do relato das suas vivências, traz um questionamento sobre o passado que delinea problemáticas sobre certa tradição histórico-sociológica brasileira, a partir da revisitação da historiografia do Brasil. De modo semelhante, ao rever as ações ditatoriais de Salazar e o papel político da Igreja Católica em Portugal, como também ao desconstruir alguns mitos portugueses, Silva, o narrador de **a máquina de fazer espanhóis**, questiona certa tradição do imaginário social português e desvela as relações de poder como fundamentos dessa tradição.

Para o desenvolvimento deste estudo, a base teórica acerca das questões relativas à memória concentra-se nas considerações conceituais de Ricoeur (2007), Le Goff (1994), Sarlo (2007), Pollak (1992), Halbwachs (2006) e Namer (2004). No tocante ao entrecruzamento história/ficção, o aporte prioritário encontra-se em Ricoeur (2007), Pesavento (2006) e Chartier (2010). Por sua vez, metodologicamente trata-se de pesquisa qualitativa, eminentemente bibliográfica, e a análise desenvolve-se a partir de estudos sobre os conceitos-chave da investigação, correlacionando os relatos memorialísticos ficcionais dos textos selecionados como *corpus* aos respectivos contextos sócio-históricos delineados nos romances sobre Brasil e Portugal.

Nesse sentido, dividiu-se o presente trabalho em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, apresenta-se uma discussão teórica sobre os principais aportes que embasam a pesquisa. No segundo e terceiros capítulos, desenvolve-se uma análise, respectivamente, sobre os romances **Leite derramado**, do Chico Buarque, e **a máquina de fazer espanhóis**, do Valter Hugo Mãe, a fim de que essas obras literárias sejam consideradas em suas especificidades, dada a abordagem de contextos histórico-sociais diversos.

No capítulo em que se analisa o primeiro romance referido, objetiva-se, a partir do enredo, correlacionar a saga dos Assumpção a momentos importantes da história do Brasil. Ademais, pretende-se também já delinear possíveis sentidos das memórias de Eulálio em relação à formação sócio-histórica e cultural do país. Observa-se, igualmente, a forma como o racismo e o preconceito social estão arraigados na formação sociocultural brasileira, destacando, entre outros enfoques, a correlação entre o romance de Chico Buarque e alguns aspectos referentes a **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda.

Por sua vez, no capítulo referente ao romance **a máquina de fazer espanhóis**, verifica-se o modo como as memórias de António Jorge Silva relacionam-se ao período histórico do Estado Novo em Portugal. A partir desse mote, discute-se a realidade portuguesa apresentada pelo narrador-protagonista considerando-se o passado representado e a forma como contingencia o presente. Nesse último sentido, destacam-se possíveis inter-relações entre o romance e o poema “Tabacaria”, do heterônimo pessoano Álvaro de Campos, do mesmo modo em que se analisa a representação de lusismo corporificada no texto.

Por fim, no quarto capítulo, intitulado “De quantas memórias se (des)faz um país”, apontam-se possíveis aproximações entre as referidas obras literárias e os diálogos que podem ser estabelecidos entre Brasil e Portugal a partir das representações sócio-históricas e culturais apresentadas nos romances.

Desse modo, com base nas representações que a literatura possibilita, justifica-se este trabalho em razão de acreditar-se que o texto literário deve ser lido não só no tempo narrado, como no tempo de sua escritura, pois nela se encontram elementos históricos, geográficos, linguísticos, além da dinâmica da vida e o imaginário humano em ação. Assim, entende-se que há uma estreita reciprocidade entre o estético e o social que possibilita apreender o texto literário como objeto de análise da realidade sócio-histórica.

Considerando-se que nos referidos romances os narradores são idosos que revisitam suas memórias e assim questionam não somente o passado, mas também o modo como cada um construiu sua identidade contingenciado por determinado contexto sócio-histórico e cultural, é possível observar que essas narrativas literárias abordam também questões identitárias, tema tão atual, em pleno desenvolvimento nas relações sociais e, portanto, sem respostas definitivas na contemporaneidade. Nesse quadro atual, muito se problematiza em relação aos sentidos possíveis para o conceito de identidade quando prevalecem identificações e fragmentações de uma visão identitária única. A crise de identidade acompanha também um momento de crise global, envolvendo aspectos econômicos, sociais e morais, do mesmo modo que se repensa a noção de identidade nacional.

Assim, na análise de romances contemporâneos cujos enredos problematizam a construção da identidade cultural, delineia-se a noção de que toda identidade é construída e atravessada pela memória da nação, a qual envolve também a rememoração de fatos históricos. Nesses romances, a problematização identitária, frente aos sujeitos contemporâneos, pode indiciar uma crise de pertencimento ou, no mínimo, um questionamento acerca das circunstâncias que entrelaçam a identidade cultural aos contextos históricos narrados.

De acordo com Bauman (2005) e Hall (2005), o questionamento de uma identidade advém da situação em que o sujeito sai da sua zona de conforto e se vê obrigado a pensar no que determina a sua identidade e o quanto ela pode ser marcada por situações plurais e não mais pela rigidez do Estado-Nação (BAUMAN, 2005) ou do sujeito iluminista (HALL, 2005). Seguindo-se Hall (2005), os momentos

de conflito levam a um questionamento sobre a identidade do sujeito e, quando isso ocorre, as noções de pertencimento e identidade que o mesmo possui são testadas. Assim, vivencia o que poderia ser chamado de descentramento ou perda de um sentido de si. Para Hall (2005, p. 9), o “duplo deslocamento – descentramento dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”.

Desse modo, entende-se que os protagonistas dos romances em estudo problematizam questões atinentes à identidade cultural e, de modo mais contundente, dada a sua contemporaneidade, representam também a crise identitária do sujeito contemporâneo que, descentrado, busca nas memórias do passado possíveis respostas para o presente.<sup>1</sup>

É preciso considerar, igualmente, que o *corpus* desta pesquisa é formado por romances nos quais o enredo é pautado na narração das memórias de seus protagonistas e, ainda que elas sejam ficcionais, inserem-se também no cenário que configura o *boom* da memória. Como uma das questões basilares da contemporaneidade envolvendo a “febre da memória”, a presentificação do passado permite duas formas de acesso a esse tempo presente: pela história e pela memória. Tendo em vista a opção de análise do texto ficcional memorialístico, destaca-se a noção de memória coletiva, salientando-se a relevância da subjetividade que a representa. Destaca-se, assim, a importância desses romances, considerando-se não só as problematizações que representam quanto aos contextos sócio-históricos de Brasil e Portugal, mas em especial porque, como são textos memorialísticos, compreende-se que recordar é também um ato social através do qual uma coletividade situa no tempo e no espaço um evento que tem para ela um significado, permitindo, por sua vez, uma discussão que inter-relaciona passado e presente.

Ademais, observa-se também, que Chico Buarque de Holanda e Valter Hugo Mãe, mesmo com uma produção literária relativamente recente, já são merecedores de grande reconhecimento no âmbito da crítica literária e ganharam importantes prêmios da literatura em seus países. Desse modo, considerando-se o fato de que há relativamente

---

<sup>1</sup>Ainda que se entenda como incontornável abordar os questionamentos identitários presentes tanto no romance **Leite derramado**, de Chico Buarque, quanto em **a máquina de fazer espanhóis**, de Valter Hugo Mãe, o tema identidade não será aprofundado neste estudo, priorizando-se uma análise mais específica acerca do imbricamento entre a ficção, a história e a memória.

poucos estudos sobre esses autores, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o aprofundamento teórico-crítico sobre suas respectivas produções literárias.

Aponta-se, por fim, a importância desempenhada pela memória na evolução humana e a da linguagem na constituição da cultura, destacando que os romances **Leite derramado** e **a máquina de fazer espanhóis** permitem leituras sobre as dicotomias entre o indivíduo e a sociedade, por um lado, e passado e presente, por outro. Analisar a relação entre a ficção, a história e a memória, com base nesses romances, assume-se, portanto, como proposição que visa contribuir para a análise de um mundo que se caracteriza pelo encontro e pelo conflito entre diferentes culturas, considerando-se, precipuamente, a relação que se estabelece entre a realidade brasileira e a portuguesa.



## 1. HISTÓRIA, FICÇÃO E MEMÓRIA – CONCEITOS PLURAIS

*Todo proyecto sociopolítico supone implícitos culturales e ideológicos que hacen factible su comprensión, su análisis y su sentido. Un proyecto cuya esencia es su dimensión ética y configuradora de una subjetividad histórica.*

(DÓNOAN, 2009).

### 1.1 Entre a história e a ficção: a afirmação da narratividade

A relação entre a literatura e a história pode ser vista como uma via de mão dupla, em cujo tráfego se interseccionam as ideias de representação do real. Como expressão cultural, o texto literário é criação de um sujeito que, contingenciado pelo contexto histórico e social vivido, recorre à ficção para construir realidades distintas, mas todas plenas de significados e simbologias em diálogo com o mundo da vida. Desse modo, a literatura se constitui como um elemento social vivo, capaz de representar a realidade de sujeitos historicamente posicionados em situações concretas.

A história, por sua vez, considerando-se seu caráter primeiro de busca da “verdade”, não pode prescindir de certa referencialidade. Entretanto, ainda assim, o historiador obedece à função de organizar fatos e reuni-los num enredo, cujo resultado será uma narração acerca do seu objeto da análise. Para o historiador francês Roger Chartier,

[...] a brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem a ocupar o lugar desse passado permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção (2010, p. 12).

Assim, se a literatura é uma possibilidade de representação do real e, ao mesmo tempo, apropria-se da realidade histórica para recriá-la, pontua-se o caráter narrativo e interdependente entre a literatura e a história. Salienta-se que essa interdependência se caracteriza pelo estabelecer factível de correlações entre o

texto literário, o seu contexto de produção e o contexto sócio-histórico evocado pela trama narrativa. Tal possibilidade de correlações envolve, também, o leitor, que interage com a obra e, conseqüentemente, com o autor, originados ambos em contextos e subjetividades diversas. Desse diálogo, a cada nova leitura, o texto literário adquire existência social e se insere na condição de produto histórico representativo de uma cultura.

Para Ricoeur (2007, p. 274), “o par narrativa histórica/narrativa de ficção, tal como aparece já constituído no nível dos gêneros literários, é claramente um par antinômico. Uma coisa é um romance, mesmo realista, outra coisa, um livro de história”. O filósofo francês, contudo, destaca que a antinomia dessa relação se dá pelo pacto de expectativas que se estabelece entre leitor e obra. Ao deparar-se com uma narrativa literária, o leitor espera encontrar e adentrar num mundo no qual não é necessário saber se o que está sendo narrado, de fato, ocorreu. Entretanto, se a leitura for de um texto de história, o leitor espera encontrar, justamente, a possibilidade de correlacionar o lido à comprovação verídica daquilo que é narrado.

O que se destaca, no caso da narrativa histórica, é o sentido de representância: “a capacidade do discurso histórico de representar o passado” (RICOEUR, 2007, p. 250). Para tanto, ganha destaque o sentido de pacto de leitura, da seguinte maneira:

A palavra ‘representância’ condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos. Introduzimos [...] essa relação sob a feição de um pacto entre o escritor e o leitor. Diferentemente do pacto entre um autor e um leitor de ficção que se baseia na dupla convenção de suspender a expectativa de qualquer descrição de um real extralinguístico e, em contrapartida, reter o interesse do leitor, o autor e o leitor de um texto histórico convencionam que se tratará de situações, acontecimentos, encadeamentos, personagens que existiram realmente anteriormente, isto é, antes que tenham sido relatados, o interesse ou o prazer da leitura resultando como que por acréscimo (RICOEUR, 2007, p. 289).

Ricoeur salienta assim, que, quando se trata da obra literária, o leitor, por um lado, deixa-se conduzir pela narração e aceita as propostas ficcionais delineadas, pois a sua expectativa é justamente a da ficcionalidade, a do jogo baseado no “como se”, o faz de conta.<sup>2</sup> Por outro, ao deparar-se com a narrativa histórica, o leitor

---

<sup>2</sup> Registra-se que há uma similaridade entre essa noção do “como se” com o ato de autodesnudamento de Wolfgang Iser. Ao pesquisar a relação entre o fictício e o imaginário, Iser

espera que esteja pautada em critérios de veracidade, salientando assim o caráter científico e metódico que deveria acompanhar o texto histórico, encontrando, então, o mundo do que realmente aconteceu:

a intencionalidade histórica implica que as construções do historiador tenham a ambição de serem reconstruções mais ou menos aproximadas daquilo que um dia foi 'real', quaisquer que sejam as dificuldades supostamente resolvidas do que continuamos a chamar de representância (RICOEUR, 2007, p. 275).

Assim, ao referenciar a intencionalidade histórica, observa-se que Ricoeur enfatiza o tratamento dialético de uma dicotomia elementar desencadeada a partir do entrecruzamento dos efeitos originados por ficções e narrativas históricas no nível do texto. Esse entrecruzamento, para o filósofo francês, se dá pela perspectiva de que o narrar, seja qual for o objeto da narração, é o ato de desenvolver uma narrativa como se, de fato, tivesse acontecido. Por essa condição, é possível compreender que

'o como se efetivamente ocorrido' faz parte do que atribuímos a toda narrativa: nesse nível, o sentido imanente é inseparável de uma referência externa, asseverada, negada ou suspensa, essa aderência da referência *ad extra* ao sentido até na ficção parece implicada pelo caráter posicional da asserção do passado na linguagem comum (RICOEUR, 2007, p. 275-276).

Desse modo, há a reafirmação do imbricamento entre história e literatura a partir da ideia de que o "como se" representa também uma realidade externa ao texto, pautada em situações concretas. Disso decorre a noção de que "a narrativa de ficção mantém esse traço posicional na forma do quase. Quase-passados são os quase-acontecimentos e os quase-personagens das intrigas científicas" (RICOEUR, 2007, p. 276). Essa composição erigida no "quase" liga-se ao componente da verossimilhança presente no texto literário e que permite conjugações com a

---

(1999) propõe três atos de fingir como intrínsecos ao fictício: seleção, combinação e auto-evidenciação ou autodesnudamento. O primeiro consiste na representação do imaginário como um jogo no qual passado e presente se contrapõem, apresentando, assim, múltiplas jogadas possíveis entre os elementos selecionados – o que já caracteriza o ato de combinação, cujo desenvolvimento se dá pelas fronteiras intratextuais. Por fim, o terceiro ato estrutura-se a partir do *como se*: "a evidenciação de que algo deve ser tomado apenas *como se* fosse aquilo que designa" (ISER, 1999, p. 69 – grifo do autor). O crítico alemão analisa que, ao considerar-se o mundo representado no texto como se fosse real, ocorre assim a transformação do próprio mundo empírico como um espelho que orienta o leitor à percepção do inexistente enquanto real. Desse modo, os três atos de fingir se unem para que a representação do "como se" propicie a configuração do fictício.

realidade vivenciada pelo autor e/ou leitor. Do mesmo modo, é possível também dizer que a narrativa histórica é uma representação e, como tal, conjugada ao caráter verossímil da realidade descrita.

Para Ricoeur (2007, p. 276), o que antes era chamado de ficcionalização do discurso histórico pode ser “reformulado como entrecruzamento da legibilidade e da visibilidade no seio da representação historiadora”. Assim, partindo do princípio de que a narrativa dá a ver e a entender, importa, para esse autor, investigar o elo entre legibilidade e visibilidade no âmbito da recepção do texto literário, aplicando-se, também, à narrativa histórica. Ressalta-se que, no desdobramento dessa relação, a visibilidade supera a legibilidade com o retrato das personagens da narrativa, sejam narrativas de vida, sejam narrativas de ficção ou históricas. Isso porque Ricoeur defende a tese de que “as personagens da narrativa são inseridas na intriga ao mesmo tempo em que o são também os acontecimentos que, juntos, constituem a história narrada” (RICOEUR, 2007, p. 276-277).

Segundo o pensador francês, o caráter superior da visibilidade se dá em razão de a legibilidade só acontecer numa relação polar com aquela, visto que a narrativa se torna legível a partir do visível, retomando, assim, a junção entre o entender e o ver. A superioridade da visibilidade consistiria, então, no poder da imagem, suscitando, assim, uma relação de presença/ausência a partir da força imagética do texto. Esse caráter aproximaria a narrativa ficcional e a histórica, visto que as duas se apoiam na representação de acontecimentos, sujeitos, realidades narradas.

De acordo com o historiador Roger Chartier,

Entre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se se aceita que, em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é ‘um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende representá-lo nem se abonar nele’, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é (2010, p. 24).

A partir dessa definição é possível compreender que o real se torna, concomitantemente, “objeto e fiador do discurso da história” (CHARTIER, 2010, p. 25). Esse autor problematiza, entretanto, que nem sempre é possível observar claramente a distinção entre a história e a ficção. Dentre as razões que podem obscurecer tal distinção, Chartier elenca, como primeira delas, “a evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura” (CHARTIER, 2010, p.25). Trata-se do que ele destaca como o caráter enérgico do literário e o poder que teve de, em algumas situações, moldar

as representações coletivas do passado de forma muito mais veemente do que os escritos históricos.

As peças históricas de Shakespeare são, para ele, exemplos dessa força representacional da literatura, ao citar que a organização histórica proposta nesses textos dramáticos não corresponde à cronologia dos fatos tal como relatado pela história, entretanto, ainda assim, é a dimensão ficcional que ganha vida e identificação na memória do povo inglês. Do exemplo acerca da literatura inglesa também surge a correlação com o segundo ponto de interferência na diferenciação entre a ficção e a história, o qual seria a apropriação de fontes históricas por parte da literatura na construção das narrativas ficcionais:

Uma segunda razão que faz vacilar a distinção entre história e ficção reside no fato de que a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina história (CHARTIER, 2010, p. 27).

Nesse caso, e citando Roland Barthes, Chartier menciona o “efeito de realidade’ como uma das principais modalidades da ‘ilusão referencial’” (CHARTIER, 2010, p. 27). O historiador francês ressalta que, assim como a história busca nos documentos, citações e demais fontes históricas o caráter de veracidade para narrar o passado, a ficção assim também o faz, buscando imprimir em seus textos o caráter de verossimilhança e a “ilusão de um discurso histórico” (CHARTIER, 2010, p. 28), marcando, desse modo, o caráter narrativo de uma reconstrução do passado, seja pela história seja pela ficção.

Para Sandra Pesavento (2006), a relação entre história e literatura continua sendo uma das questões atuais dos estudos acadêmicos contemporâneos na área das ciências humanas a partir da problematização de como esses saberes representam a realidade. Em relação às características dos dois campos, a autora afirma que

História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música (PESAVENTO, 2006, p. 3).

Como traço comum à história e à literatura, observa-se, nessa citação, o destaque para o fato de as narrativas, em suas variadas formas, serem expressas pela linguagem humana, sublinhando, ainda, que essas narrativas foram a maneira

que o homem encontrou para representar o seu mundo. Essa noção aproxima a história e a literatura, por serem “narrativas que têm o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo” (PESAVENTO, 2006, p. 3). Salienta-se, assim, que ambos os campos exercem função representativa do viver e também uma possibilidade de explicação/reflexão acerca da vida.

Ao aprofundar a discussão sobre possíveis diferenças entre literatura e história, Pesavento salienta a ideia aristotélica de que a literatura é o discurso sobre o que poderia ter acontecido ou, como registrou Ricoeur (2007), uma narrativa estruturada no “quase”. Já a história, por sua vez, ocupa-se mais do caráter “verídico” em suas narrativas. Entretanto, ao confrontar os estudos históricos e literários da atualidade, a historiadora enfatiza a aproximação que tem ocorrido entre esses campos do saber e o modo como os historiadores estão se apropriando do caráter ficcional das narrativas na tentativa de preencher lacunas da história humana.

Pesavento tem por base a noção de que tanto a literatura quanto a história criam suas narrativas pautadas no imaginário, o qual é “sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente” (PESAVENTO, 2006, p. 2). Assim, as narrativas expressariam representações sociais da realidade e, de acordo com a historiadora, na visão proposta por Le Goff, estariam pautadas nos imaginários, os quais, por excelência, “são construções sociais e, portanto, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades e assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e através do espaço” (PESAVENTO, 2006, p. 3). Defende-se, portanto, a discussão entre história e literatura em movimento dialógico, a partir de um caminho nas veredas do imaginário.

Em relação à literatura propriamente, Pesavento (2006) a compreende enquanto expressão cultural humana, indicativa do agir, pensar e viver dos indivíduos. Essa condição, considerada tanto a figura do autor quanto a dos personagens da narrativa, permitiria pensar a “literatura na relação com a história como um inegável e recorrente testemunho de seu tempo” (PESAVENTO, 2006, p. 8). Isso se torna possível a partir da noção de que o texto literário permite acesso não a uma verdade totalizante, mas sim à leitura de questões postas no jogo textual em dada temporalidade.

Para Paul Ricoeur (1994, p.15), “o desafio último, tanto da identidade estrutural da função narrativa quanto da exigência de verdade de toda obra narrativa, é o caráter temporal da experiência humana”. Isso porque, para o filósofo francês, o delineamento que se tem do mundo representado na narrativa é sempre um “mundo temporal”, ou, ainda:

o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo: em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal (RICOEUR,1994, p.15).

Desse modo, é preciso considerar que tanto a narrativa histórica quanto a literária são produzidas por homens e mulheres em contextos específicos, atrelados às questões do seu tempo em situações concretas, o que contingencia a escrita de tais narrativas e afirma, assim, o caráter temporal desses textos. Para Ricoeur (1994), a narrativa traz em sua composição a ressignificação do mundo representado em sua dimensão temporal na proporção em que o fazer narrativo se propõe a uma recriação e representação do mundo.

Assim, a literatura marcaria a representação de um tempo (passado ou futuro) atrelado a questões emblemáticas acerca do ser humano. Daí a possibilidade de ser também vista como uma fonte para a história. Dessa condição de representar uma dada temporalidade e sujeitos que vivenciam esse tempo narrado, o texto literário se entrelaça à história para a encenação de memórias, as quais tanto podem ser marcadas pelo peso de uma experiência concreta quanto podem ser vividas apenas ficcionalmente e, ainda assim, representativas de uma vida.

## **1.2 Os sentidos da memória nos entrecruzamentos da história/ficção**

De acordo com Roger Chartier (2010), na atualidade, a história não é mais a única detentora do saber que revela conhecimentos sobre o passado e os historiadores reconhecem isso:

Atualmente, [...] os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais

poderosa do que a que estabelecem os livros de história (CHARTIER, 2010, p. 21).

Pode-se perceber, desse modo, o imbricamento entre a história, a ficção e a memória como meios de representação/revelação do passado. Assim, a memória, seja ela coletiva ou individual, tanto servirá como fonte para as narrativas históricas, como também será elemento desencadeador de narrativas literárias, as quais podem ser baseadas na rememoração de experiências vividas pelo sujeito que rememora seu passado ou na representação de lembranças que foram experienciadas por determinada geração e narradas por seus descendentes. Nessas memórias narradas, destaca-se que o relembrar do passado está diretamente inter-relacionado à representação da história, ao modo como essas gerações interseccionam sua subjetividade ao contexto histórico referido.

Entretanto, ainda que sejam claramente relacionadas, Chartier (2010), apoiado na obra **A memória, a história, o esquecimento**, de Paul Ricoeur, estabelece três pontos primordiais como diferenciadores entre a história e a memória. A primeira diferença “é a que distingue o testemunho do documento” (CHARTIER, 2010, p.21). Nesse caso, o relato está intrinsecamente ligado a uma testemunha e necessita da credibilidade dessa pessoa que apresenta suas memórias e da confiança a ela chancelada. Por sua vez, o documento refere-se à história e, por ter uma certificação oficial, mostra-se como um indício verificável dos vestígios do passado comum a todos, passível de comprovação e imparcialidade.

Chartier pontua, como segunda diferença, a oposição entre “o imediatismo da reminiscência à construção da explanação histórica” (2010, p.22). Essa oposição tanto pode ocorrer em razão da explicação das regularidades e causalidades, as quais são desconhecidas dos atores, como também da explicação pelas razões, as quais seriam vistas então como estratégias desses atores. Essas condições retomam, de acordo com Chartier (2010), as modalidades da compreensão historiadora, visto por Ricoeur sob a ótica da noção de representação, a qual também teria uma função ambígua.

Como último ponto diferenciador entre a história e a memória, Chartier destaca a oposição entre “reconhecimento do passado e representação do passado” (CHARTIER, 2010, p. 22), com base na noção de que ao imediatismo fidedigno da



memória se oporia à intenção de verdade da história, pautada em documentos e outras fontes históricas verificáveis.

Sequencialmente, Chartier questiona qual seria o modo de certificar a representação histórica do passado. Como resposta, apoia-se em Ricoeur e retoma a noção de representância, explicitando que a operação historiográfica compõe-se de três fases: “o estabelecimento da prova documental, a construção da explicação e a colocação em forma literária” (CHARTIER, 2010, p.23). Além dessas fases, há também a referência “à certeza da existência do passado, tal como a assegura o testemunho da memória” (CHARTIER, 2010, p.23), o que determinaria uma maior aproximação entre a história e a memória, resultando no imbricamento entre esses elementos, os quais podem ser ainda mais entrecruzados ao se coadunarem à ficção.

Entretanto, é preciso ressaltar que, mesmo com as aproximações possíveis, “a memória e a história continuam sendo incomensuráveis” (CHARTIER, 2010, p. 24), conservadas as peculiaridades de cada uma dessas instâncias e o caráter equitativo entre as duas, sem que haja prioridade ou superioridade entre elas. De acordo com Chartier,

O saber histórico pode contribuir para dissipar as ilusões ou os desconhecimentos que durante longo tempo desorientaram as memórias coletivas. E, ao contrário, as cerimônias de rememoração e a institucionalização dos lugares de memória deram origem repetidas vezes a pesquisas originais. Mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. A segunda se inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável, ‘científico’, no sentido de Michael de Certeau (2010, p. 24).

Desse modo, salienta-se a possibilidade de, a partir de textos literários, observar o passado que neles é representado com base no imbricamento entre a história, a ficção e a memória. No tocante à representação do passado e à configuração da memória, Le Goff (1994) observa que a primeira envolve diretamente a representação de memórias, sejam elas individuais ou coletivas, pois é preciso considerar que

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p. 423).

A representação das memórias sugere, dessa forma, uma relação de ausência/presença, retomada na narrativa a partir das imagens suscitadas que tanto podem evocar ausências quanto, por meio de lembranças, podem presentificar tempos remotos ou reconstruir determinadas informações, por exemplo. Apoiado em Pierre Janet, Le Goff (1994) destaca que o ato de memória fundamental vem a ser o comportamento narrativo, dada a função social desse ato, voltada a comunicar ao outro uma informação, na ausência do acontecimento/fato do objeto da narração.

Para Le Goff (1994), assim como para Pesavento (2006), há, portanto, uma aproximação entre linguagem e memória, dado que a primeira é utilizada como meio de expressão da segunda. Antes que se referencie a linguagem verbal ou não-verbal, porém, há uma espécie de linguagem própria para o armazenamento da memória, que transcende os limites de um corpo físico ou de determinada coletividade e se estende à toda a sociedade, por meio das expressões culturais humanas.

Le Goff (1994) destaca o conceito básico de memória a partir do pensamento de Leroi-Gourhan:

Memória é entendida, nesta obra, em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos (LEROI-GOURHAN, 1964-54 *apud* LE GOFF, 1994, p. 425).

As concatenações referenciadas são, de modo constante, reconstituídas em narrativas que marcam tanto uma memória individual quanto social. Em relação a essas construções narrativas, deve-se salientar o seu caráter subjetivo visto que estão sujeitas às “manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual” (LE GOFF, 1994, p. 26). No que concerne às memórias coletivas, elas interferem ainda no processo narrativo dos jogos de poder, visto que narrar uma memória é também enfatizar ou tentar apagar determinados fatos de um contexto vivenciado e, assim, marcar uma força política na história de determinada sociedade. Para Le Goff,

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (1994, p. 426).

Esses jogos de poder que marcam as narrativas das memórias coletivas estão presentes em todas as sociedades, desde as ditas primitivas, de tradição oral, até as sociedades contemporâneas, marcadas pela escrita e pela evolução tecnológica. Observa-se, assim, que nessa disputa pelo direito à narração das memórias e pelo direito a orientar o que deve ser esquecido ou lembrado, o próprio ato de narrar as memórias torna-se tanto um instrumento de resistência quanto simboliza a representatividade do poder. Isso porque “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1994, p.476). Quando se trata de uma memória coletiva, é possível que a narração seja feita por uma nova geração, com base nas lembranças e histórias contadas por aqueles que já morreram ou que estão em idade avançada.

No que concerne, por sua vez, ao modo como uma memória pode ser formada, Pollak (1992) afirma que essa constituição se desenvolve por elementos fluidos, submetidos a constantes transformações e flutuações, como também por marcos invariantes, os quais podem ser definidos enquanto “acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente” (POLLAK, 1992, p. 3). O autor afirma ainda que a memória é constituída por elementos individuais ou situações vivenciadas coletivamente:

Em primeiro lugar, [os elementos constitutivos da memória] são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p. 2).

Com base nessa perspectiva acerca das possibilidades de uma pessoa vivenciar um acontecimento, compreende-se a ocorrência do fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado. Desse modo, a partir da identificação gerada, afirma-se a possibilidade de uma memória herdada. Após delinear os acontecimentos, os personagens e os lugares como elementos que constituem e estruturam uma memória, seja ela individual ou coletiva, Pollak (1992) destaca o caráter seletivo que a memória tem e analisa como seu último elemento estruturador o caráter organizacional, daí a razão de sua seletividade. Para ele,

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento, mostra que *a memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 4-5 – grifo do autor).

Assim, observa-se que essa relação entre a memória e o sentimento de identidade possibilita a noção de pertencimento, ainda mais quando se trata de uma memória nacional. Entretanto, a memória nacional, por mais que seja coletiva, abriga também memórias cindidas, as quais acabam entrando em conflito com algumas características da suposta unidade nacional, desencadeando, dessa forma, uma crise de pertencimento no sujeito.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), ainda que a faculdade da memória esteja ligada a um sujeito físico, representativo de um corpo ou cérebro individual, pode-se falar em memória coletiva. Para esse autor, é preciso ensaiar um exercício imaginativo no qual se observe tanto as memórias individuais se agrupando em torno de um indivíduo quanto se distribuindo dentro de uma sociedade e, a partir daí, compreende-se as noções de memória individual e memória coletiva: “Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memória” (HALBWACHS, 2006, p.71), as quais se interpenetram e constituem a memória social de um grupo ou de uma comunidade.

De acordo com o sociólogo francês, entre esses dois tipos de memória, a primordial seria a coletiva, visto que a individual só ocorreria ao perspectivar a coletividade. Do mesmo modo, em relação à singularidade das memórias individuais, para Halbwachs, essa composição é casual e arbitrária, mas sempre originada pelos quadros sociais nos quais a vida do indivíduo se desenvolvia. De acordo com Myrian Sepúlveda dos Santos (2003), Halbwachs defende que quaisquer que sejam as lembranças do passado que a pessoa tenha, ainda que pareçam resultar de sentimentos, pensamentos e experiências pessoais, só podem existir a partir dos quadros sociais da memória. Observa-se, portanto, que o pensamento do sociólogo francês privilegia, em sua análise a memória coletiva.

Gérard Namer, em *Postfacio a Maurice Halbwachs* (2004), publicado em edição da obra *Los marcos sociales de la memoria*, analisa que, na tese do sociólogo francês, a memória de uma classe é compreendida como um sistema de classificação social:

O pensamiento de una clase es un pensamiento de valores que jerarquiza la sociedad global y legitima el lugar de esta clase en la jerarquía, el marco social es inicialmente el marco de un sistema de valores que unifica tanto los pensamientos como las memorias colectivas (NAMER, 2004, p. 390).

Em sua análise, Namer (2004) afirma que, para equivaler o pensamento coletivo à memória coletiva, foi necessário transcender os limites religiosos e colocar como ponto basilar a normatividade ética familiar, a qual ele nomeia como “espírito familiar”, usando a mesma terminologia de Halbwachs. Esse espírito seria, pois, o orientador do agir individual, sob a condição social, visto que a família é a primeira instituição que normatiza a conduta social do indivíduo e lhe determina noções como honra e moral, contingenciando a formação identitária e impondo valores que se desenvolvem no seio familiar. Ademais, à medida que cresce, a pessoa gradativamente se insere em outros quadros sociais e, a partir deles, ocorre uma interação entre os diferentes marcos da memória, os quais funcionam como pontos de referência para a sua construção/reconstrução, visto que eles seriam orientadores das recordações e norteadores da localização de lembranças, como, por exemplo, os acontecimentos públicos e as festas, fatos que marcam a inter-relação social. Desse modo, compreende-se que, para a formação da memória coletiva, precipuamente o indivíduo será contingenciado pelas instituições sociais como o parentesco, a comunidade, a religião, a organização política e a classe social.

Em relação à obra de Halbwachs e, tendo em vista a imprecisão vocabular do sociólogo francês quanto ao uso dos termos marcos sociais e coletivos, Namer opta por definir o que seria cada uma das correntes (social e coletiva) e considera que a primeira seria a memória na qual a tradição não tem suporte no grupo, mas sim no periódico. Por sua vez, quanto à memória coletiva, Namer (2004, p. 398-399) a define como “en el estricto sentido la memoria de un grupo o de una sociedad y en el más amplio sentido, la memoria de la sociedad nacional que integra todas las sociedades particulares”. Salienta-se que essas memórias coletivas, tanto em sentido restrito quanto amplo, diferem-se da história, ainda que estejam diretamente

correlacionadas ao contexto histórico vivido pela coletividade e claramente inter-relacionadas com as instituições sociais que cerceiam esses grupos.

Myrian Sepúlveda Santos (2003) apresenta as considerações de Halbwachs e Pierre Nora em relação à diferenciação entre a história e a memória coletiva. De acordo com ela, para o primeiro, a história ligar-se-ia à representação esquematizada e periódica do passado, enquanto a memória coletiva representaria a consciência de um grupo que humanamente vivenciou experiências coletivas e as registrou de modo mais parcial, sem a objetividade imparcial da história. De modo similar, Pierre Nora caracteriza a história associada às narrativas lógicas e lineares, concernindo-lhe um caráter mais estanque, enquanto que, por sua vez, a memória teria como característica primordial a vivacidade da experiência humana, o que se refletiria até mesmo na forma como a sua transmissão se dá entre gerações. Por fim, no tocante às relações entre história e memória, Myriam Santos (2003, p. 91) aponta que os estudos atuais, ainda que imprimam à história uma condição hermenêutica e não mais com rigidez linear, seguem por caminhos bifurcados e “continuam a se dividir entre os que enfatizam ou a reconstrução cognitiva do passado, ou a análise das marcas deste passado deixadas em mitos fundadores, como imaginários nacionais e heranças patrimoniais”.

Ulpiano Bezerra de Meneses (2007), por sua vez, analisa que, para a compreensão da teoria de Halbwachs sobre a memória coletiva é preciso considerar o contexto em que o sociólogo francês produziu seus aportes. Para o historiador, a virada do século XIX para o XX exigia uma vinculação coletiva sobrepujante à individual a fim de manter a coesão, a unidade social. Por essa razão, a Ciência Social da época buscava elementos que mantivessem a sociedade como um todo e os escritos de Halbwachs, de acordo com Meneses, levavam ao entendimento de que a “memória somente pode ser entendida a partir das condições preexistentes na sociedade, para que determinadas lembranças possam estabelecer a coesão social” (2007, p.18). Se foi possível, entretanto, compreender o predomínio do coletivo em razão das políticas do Estado-Nação que visavam à uniformidade social (BAUMAN, 2005), na contemporaneidade, frente ao descentramento do eu (HALL, 2005), com um sujeito marcado pela multiplicidade e uma identidade multifrênica (MENESES, 2007), não é mais possível compreender a memória coletiva na perspectiva da homogeneização social. Igualmente, não há como considerar a memória individual do mesmo modo que era entendida antes da constituição da concepção de sujeito.

Não raro, na contemporaneidade, a narrativa literária traz, em seu enredo, um sujeito marcado por memórias nacionais, mas que, diante de contextos diversos, se põe a problematizar essas memórias numa revisitação ao passado. A partir de fatores variados, esse eu narrativo se vê descentrado e, assim, questiona as tradições nacionais das quais é fruto ou, ao menos, põe em revisão questões socioculturais a partir de relatos memorialísticos. Como a sociedade atual é marcada por uma multiplicidade de grupos sociais, aparentemente, tanto essas narrativas quanto a própria conjuntura social dão a entrever uma perda do sentido dessa totalidade nacional em contraposição à fragmentação, aos conflitos e às diversas identificações dos sujeitos sociais. Entretanto, ainda assim, há uma busca pela interação, por uma coesão em meio à diversidade e esse se tornou um dos questionamentos que envolvem as memórias e as representações sociais contemporâneas: mesmo em meio aos múltiplos conflitos, como manter laços de interação? (MENESES, 2007).

Ao revisitar e questionar as memórias nacionais e, portanto, coletivas, o sujeito contemporâneo suscita uma antiga questão que continua a permear as ciências sociais: o lugar da subjetividade na composição dessas memórias ou a importância da memória individual. Quando Halbwachs priorizou a preponderância daquela sobre essa, relegou à arbitrariedade a configuração das memórias individuais e, desse modo, a individualidade resultaria das diferentes combinações das construções sociais com as quais o indivíduo se relacionou no decorrer da sua vida.

Pode-se problematizar, entretanto, que há, nessa construção de memórias, uma maior participação da subjetividade desse sujeito que é sim marcado pela coletividade, mas que agiria de modo subjetivo também, no processo de escolher e selecionar as memórias sociais que a ele se apresentam. Nos estudos atuais das Ciências Sociais, a arbitrariedade de Halbwachs em relação à memória individual foi questionada e os que estudam as “representações coletivas dificilmente negam que estas são resultado de interações sociais” (SANTOS, 2003, p.75). Desse modo, observa-se que há uma tendência a associar a memória e a representação, o que resulta num campo de pesquisas muito amplo para o qual se faz necessária uma abordagem interdisciplinar. Saliencia-se, contudo, que essa ainda é uma questão em aberto, cujas respostas e explicações estão sendo construídas e postas em debate.

A discussão sobre a participação subjetiva na constituição das memórias coletivas e individuais também tem como base o embate entre a tradição e a

modernidade, assim como as novas concepções de temporalidade, as memórias nacionais cindidas e o *boom* da memória:

Os conceitos de reflexividade, contigência e risco foram formulados paralelamente à noção de 'destraditionalização', em que também o passado passa a ser redesenhado de acordo com interesses e motivações do presente. [...] O que essa ideia de reflexividade ou de prática reflexiva nos traz em termos de experiência humana é a tão desejada amálgama entre memória individual e coletiva, uma vez que a memória é compreendida tanto como responsável por ações sociais como pelas funções estruturantes dos sistemas sociais (SANTOS, 2003, p. 79).

Trata-se, assim, de reconhecer que os estudos contemporâneos das Ciências Sociais conduzem a subjetividade ao cenário das pesquisas sobre memória e isso reitera a noção de reconstrução subjetiva do passado, enfatizando, desse modo, o aspecto construtivo da memória. Compreende-se, portanto, que na relação passado/presente, suscitado pelos estudos de memória, o passado vivido, de modo geral, continua a ser aquele que é percebido pelos indivíduos em interação no presente, delineando, assim, a subordinação do tempo passado.

A subjetividade também suscita uma discussão que envolve o *boom* da memória, por duas razões que se imbricam: a primeira refere-se à industrialização do memorialismo cultural e, a segunda diz respeito à consciência histórica. A efervescência em torno da necessidade de construir/restaurar monumentos, realizar documentários e registrar informações e documentos sob o prisma de resgatar e preservar memórias gera também um estímulo para a produção capitalista de memórias industrializadas, pré-fabricadas, nas quais o sentido primeiro é o da obtenção de lucro e disso decorre um consumismo desenfreado em torno do memorialismo cultural. Questiona-se, então, qual o sentido atribuído realmente a essas memórias difundidas comercialmente a partir do acúmulo de informações que ronda o cliente/consumidor desses produtos "guardiães" da memória. Se a memória se constitui também de uma participação subjetiva, em que lugar se enquadraria a subjetividade diante das memórias capitalizadas, massificadas e pré-fabricadas?

O imbricamento entre essa primeira questão posta e a segunda diz respeito justamente à presença/ausência de consciência histórica frente às memórias massificadas. Ulpiano Bezerra de Meneses define que uma das funções da memória é a do aumento da "capacidade de perceber as transformações da sociedade pela ação humana,



permitindo que se tenha quase que afetivamente – e não apenas cognitivamente – a experiência da dinâmica social, da ação das forças que constroem a sociedade” (2007, p. 21). Desse modo, problematiza-se até que ponto a febre da memória promoveria essa consciência histórica, ou ao contrário, facilitaria o esquecimento dessa primordial função da memória e traria prejuízos, considerando-se o fato de que a sociedade é composta por mudança e a experiência afetiva e cognitiva do passado pode imprimir novo ânimo às ações modificadoras do presente.

A febre da memória, aliada à subjetividade, também traz à cena a inseparável relação entre a memória e o esquecimento. O boom memorialístico auxiliaria no processo de amnésia em razão da industrialização e acúmulo de memórias, o que poderia ocasionar mais rapidamente o esquecimento. Por sua vez, o sujeito pode selecionar o que deseja tanto lembrar quanto esquecer e, desse modo, a subjetividade também configura um dos elementos que interfere nesse processo de seleção do que deve ser lembrado ou esquecido. Contudo, conjuntamente à escolha subjetiva, há a contingência social, que ocorre de forma macro, determinando as memórias que devem permanecer nítidas ou apagadas. Para isso, há os mecanismos de repressão que, nem sempre, são impostos apenas pelo Estado, pois o próprio grupo social do qual o indivíduo faz parte muitas vezes assume essa função repressora e determina o que convém e o que não convém ser objeto de memória.

Ainda quanto à subjetividade do sujeito e o modo como ele foi reinserido nas análises sociais, Beatriz Sarlo afirma que “a história social e cultural deslocou seu estudo para as margens das sociedades modernas, modificando a noção de sujeito e a hierarquia dos fatos, destacando os pormenores cotidianos” (SARLO, 2007, p. 11). Influenciadas pelo movimento da *École des Annales*, dos Estudos Culturais e também pela revalorização dos textos biográficos e relatos memorialísticos, as ciências sociais e humanas tendem a analisar o indivíduo comum e sua subjetividade perfazendo uma “poética do detalhe e do concreto”, como afirma Sarlo (2007, p. 11). Esse novo protagonista das narrativas passa então a ser visto como o sujeito que representa o indivíduo comum e, por meio dele, é possível chegar às características das comunidades às quais está filiado, sem que haja a obrigatoriedade de uma homogeneidade nas filiações identitárias desse sujeito. Trata-se do que Beatriz Sarlo identifica como guinada subjetiva :

[...] a atual tendência acadêmica e do mercado de bens simbólicos que se propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente, não são surpreendentes. São passos de um programa que se torna explícito, porque há condições ideológicas que o sustentam. Contemporânea do que se chamou nos anos 1970 e 1980 de ‘guinada linguística’ ou muitas vezes acompanhando-a como sua sombra, impôs-se a *guinada subjetiva* (SARLO, 2007, p. 18 – grifo da autora).

A guinada subjetiva pode ser vista como um “reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade” (SARLO, 2007, p. 18). Essa postura reflete uma mudança teórica também nos estudos históricos, que se voltam aos relatos memorialísticos e à história oral como fontes documentais, além de acompanharem os postulados dos Estudos Culturais e da Sociologia da Cultura.

Durante muito tempo o olhar dos pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais esteve voltado para os sujeitos marginalizados, entretanto, focalizava-se, em especial, o que havia de exótico nessas figuras. Com o desenvolvimento de novos estudos, “se acentuou o interesse pelos sujeitos ‘normais’, quando se reconheceu que não só eles seguiam itinerários sociais traçados, como protagonizavam negociações, transgressões e variantes” (SARLO, 2007, p. 16). Esse novo posicionamento teórico delineava, dessa forma, um interesse pela inventividade subalterna, em contraposição ao desinteresse relegado por tanto tempo ao homem comum e apresentava esse sujeito que, dentro do seu contexto, reinventava sua história com as poucas condições que tinha. De acordo com Sarlo,

*Os novos sujeitos do novo passado* são esses ‘caçadores furtivos’ que podem fazer da necessidade virtude, que modificam sem espalhafato e com astúcia suas condições de vida, cujas práticas são mais independentes do que pensaram as teorias da ideologia, da hegemonia e das condições materiais, inspiradas nos distintos marxismos. No campo desses sujeitos há princípios de rebeldia e princípios de conservação da identidade, dois traços que as ‘políticas de identidade’ valorizam como autoconstituintes (SARLO, 2007, p. 16 – grifo da autora)

Esses sujeitos, que foram marginalizados durante décadas em outros modos de narração do passado, tendem a uma representação dos discursos de memória a partir dos diários e das cartas, por exemplo. Esses relatos memorialísticos revelam identidades marcadas pela pluralidade de identificações e podem, também, propor novos olhares a

situações passadas, numa constante rememoração que oferta a possibilidade de nova visão para o presente.

Beatriz Sarlo enfatiza que, ao admitir-se a possibilidade “de uma reconstituição do passado, abrem-se as vias da subjetividade rememorativa e de uma história sensível a ela” (2007, p.67). Assim, numa perspectiva em que se valoriza a subjetividade das experiências narradas, é possível observar que a narração dá sentido ao passado por seu caráter de autenticidade diante da experiência vivenciada, ainda que essa experiência tenha sido vivida pelo outro e recontada a partir dos relatos memorialísticos. Para Sarlo (2007, p. 12), a irrupção do tempo do passado no presente “é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa e, através deles, por uma ideologia que evidencie um *continuum* significativo e interpretável do tempo”

Assim, com base nessa relação de um tempo passado que se apresenta continuamente no tempo presente, destaca-se que “o tempo *próprio* da lembrança é o presente” (SARLO, 2007, p. 10 – grifo da autora), sendo as lembranças involuntárias e originadas a partir de uma relação entre presença e ausência:

O aspecto fragmentário do discurso de memória, mais que uma qualidade a se afirmar como destino de toda obra de rememoração, é um reconhecimento exato de que a rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença discursiva (2007, p. 99).

Além do caráter evocativo da relação presença-ausência que acompanha uma narrativa memorialística, a pesquisadora salienta o aspecto fragmentário, subjetivo e plural da memória. Essa característica fragmentária origina-se tanto do caráter seletivo e, portanto, subjetivo que uma narrativa memorialística pode ter quanto também está ligada às lacunas que inevitavelmente aparecem nas fontes que servem como base para o relato da memória.

Por sua vez, a subjetividade do relato está essencialmente ligada à individualidade do sujeito e ao modo como ele escolherá os aspectos a serem ressaltados em sua narrativa, o que desencadeia, também, a característica plural dos textos memorialísticos, visto que cada indivíduo fará o seu relato de acordo com a sua experiência vivida. É preciso ressaltar que o experienciar das situações pode ocorrer tanto de modo concreto quanto de modo mais subjetivo, a partir da identificação com as memórias de outrem.

Essa identificação vem sendo muito estimulada nas sociedades ocidentais a partir de numerosas publicações no campo das artes e das Ciências Sociais e Humanas com foco nas narrativas de memórias, como indica Sarlo (2007). O incentivo a essas publicações atende a um desejo de mercado, mas, também, a uma preocupação social pautada na ideia da necessidade de salvaguardar memórias, as quais tanto podem ser vividas ou recriadas por meio da ficção. De acordo com Huyssen (2000, p. 09), essa emergência da memória como preocupação cultural e política é um fenômeno surpreendente, pois “caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX”.

Assim, a partir de narradores que contam suas trajetórias de vida, entende-se como incontornável correlacionar a literatura à história para, desse modo, perspectivar as representações identitárias que permeiam essas narrativas, tendo como base a representação que esses sujeitos fazem de si mesmos e de suas respectivas sociedades. Acredita-se, desse modo, na pertinência da análise de romances contemporâneos que apresentam uma narrativa em primeira pessoa, no caso, protagonistas idosos que rememoram suas histórias de vida. Trata-se de homens comuns que vivenciaram contextos históricos específicos – no caso de **Leite derramado**, a narrativa remete à história brasileira, desde os tempos coloniais até o presente e, em **a máquina de fazer espanhóis**, o protagonista rememora o período salazarista português. Defende-se, então, a possibilidade de problematizar o entrelaçamento entre a ficção, a história e a memória, por meio do qual delineiam-se diferentes perspectivas que revisitam e questionam passados complexos a fim de buscar, quem sabe, respostas para o presente e o futuro.

## 2. O BRASIL REVISITADO EM *LEITE DERRAMADO*

*Senti-me um idiota por dentro, mas sorri.  
era da cultura, o estupor da cultura que  
nos mascara cada gesto.*  
(Silva, em **a máquina de fazer espanhóis**)

Em **Leite derramado**, de autoria de Chico Buarque de Holanda (2009), o leitor é convidado a (re)conhecer as memórias de um idoso que, internado em um hospital, conta suas histórias a quem quiser ouvi-las. Com variados ouvintes, os quais vão desde a enfermeira ao leitor, Eulálio Montenegro de Assumpção revive, por meio de suas lembranças, a história do Brasil de modo não linear e, como deveria ser, fragmentada pelo ir e vir da rememoração de um idoso medicado com morfina e já senilmente debilitado pelos seus cem anos de idade. Aliadas a essa narração fragmentada, são muitas as relações intertextuais presentes no romance que aludem a fatos históricos e auxiliam na construção da narrativa, a qual, por vezes, apresenta nuances de um relato oral.

Ao narrar a saga da família Assumpção, com a letra p bem marcada para mostrar a sua nobre influência europeia, o protagonista revela a trajetória do clã, retrocedendo da atual decadência, como elite falida, ao seu áureo período de nobreza e opulência. Desse modo, tendo por base o imbricamento da história e da literatura, torna-se possível perceber que as transformações que ocorrem com a família Assumpção permitem uma análise sobre a própria história da sociedade brasileira.

As lembranças de Eulálio concentram-se em torno das memórias que evocam a presença/ausência de Matilde, sua esposa desaparecida, e a partir desse mote são desencadeados outros fatos no romance, como a rejeição da mãe ao envolvimento dele com Matilde, o nascimento de Maria Eulália, filha do casal, ou a ausente relação que mantém com a filha após o sumiço de sua esposa. Também se destacam as lembranças de Eulálio quanto aos pais e a seu avô paterno. De acordo com suas palavras,

Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas de

faculdade que eu já tinha esquecido, [...] mais as reminiscências dessa gente toda, até o tempo de Napoleão.<sup>3</sup>

Ao dedicar-se a rever as memórias do tempo passado e apresentá-las a quem quiser ouvi-lo, Eulálio, apesar de sua decadência na escala social, não perdeu o ar de empáfia e a superioridade costumeiros aos membros da elite. É justamente desse narrador que não se esforça para ser simpático, que o leitor “ouve” uma narração desencontrada, irônica, por vezes confusa, entrecortada por lembranças distintas e sempre repetitivas. Entretanto, alguns fatos, ainda que recontados muitas vezes, assumem versões diferentes no decorrer da narrativa, como é o caso do primeiro encontro entre Eulálio e Matilde, por exemplo, cujo desenrolar é narrado três vezes no texto, mas com enfoques alternados: ora é o desejo dele pela jovem, ora o contexto da missa de *réquiem*, ora a reação de sua mãe ao perceber o que estava acontecendo. Contudo, em nenhum momento foi apresentada a situação com enfoque no modo como Matilde vivenciou esse primeiro encontro.

Pode-se entender que a narração entrecortada e não linear de Eulálio advém da representação de uma memória não mais confiável, em razão tanto da idade do protagonista, quanto de sua condição senil. Além disso, deve-se considerar o fato de Eulálio estar internado em um hospital e nesse local fazer sua narração, em meio a tratamento médico com base em morfina, droga que acentua sua tendência a devaneios (FIGUEIREDO, 2010).

Ademais, há o próprio processo de solidão provocado pelo internamento no hospital, fato que não lhe permite ter companhia continuamente e, mesmo quando as tem, nem sempre encontra nessas companhias o interesse pelos acontecimentos narrados. O protagonista acostuma-se então a falar sozinho, envolto em seu mundo passado, buscando possíveis interlocutores, repetindo, assim, um comportamento comum aos idosos e, conseqüentemente, insiste na narração dos mesmos episódios ou não se atém à linearidade do que narra.

Eulálio constantemente refere-se ao passado como se esse fosse o seu tempo presente e, assim, em cenas que lembram a técnica do *flash-back*, aproxima fatos e personagens do passado a sua presente realidade, o que caracteriza ainda mais o aspecto não linear de sua narração. Em razão disso, optou-se pela análise

---

<sup>3</sup> BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 14. Todas as demais citações foram retiradas dessa edição, passando-se apenas a indicar LD em referência ao título, com o número das respectivas páginas.

das memórias do protagonista a partir das personagens e das possíveis discussões e temas que eles possibilitam.

### **2.1 Leite derramado: a revisão crítica da história brasileira**

Com base na correlação entre a história e a ficção, Denise Tardeli destaca que a historiografia brasileira pode ser observada no romance junto ao desenrolar da trajetória de Eulálio:

Como o personagem de Eulálio viveu cem anos, lembrados em passagens ora cômicas, ora trágicas, esses episódios se misturam com momentos importantes de nossa história nacional (TARDELI, 2009, p. 208).

A essa afirmação, acrescenta-se que a história nacional não somente é revista pelos cem anos do protagonista, mas também por todas as memórias que ele evoca com as personagens de sua linhagem familiar. A narração revela que ele é filho do Senador Assumpção, neto de um “figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical” (LD, p.15) e herdou o nome Eulálio do seu “tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai” (LD, p.31). Só nessa breve apresentação de sua linhagem, é possível observar que a história do clã se inicia ainda no período da colonização portuguesa no Brasil e tem seu auge no Império e na República Velha. O jovem Eulálio cresceu, então, marcado pelo pensamento conservador de todas essas gerações de homens que exerceram o poder na política brasileira.

A pesquisadora Ana Maria Abrahão Oliveira ressalta o panorama histórico delineado no romance de Chico Buarque, destacando alguns relevantes fatos e momentos registrados na trama de Buarque e as suas consequências:

a vinda da Família Real para o Brasil, no século XIX, com quem veio o seu trisavô, atravessando o fim do período imperial, a luta abolicionista, até chegar ao século XX, com a Revolução de 30, o Golpe Militar de 64, entre outros fatos relevantes, compondo um painel do Brasil Republicano, em que se mostra a decadência da elite, e promovendo, assim, uma dura crítica à sociedade brasileira, em que imperam a desigualdade social e a racial (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Desse modo, observa-se que, concomitante ao enredo biográfico, desenvolve-se na trama um panorama complexo acerca da sociedade brasileira, com imagens da política e de fatos históricos que marcaram a economia nacional e mundial. A princípio, é possível destacar, a partir do avô paterno de Eulálio, a constante referência ao período escravocrata no Brasil. De acordo com as memórias do protagonista, seu avô é descrito como um homem que tinha muita riqueza construída no período imperial com base no comércio das grandes lavouras: “Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda da raiz da serra” (LD, p.15-16). Essa riqueza provinha, igualmente, do envolvimento familiar nas atividades políticas do período imperial em relação à escravidão – “Meu avô [...] queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele” (LD, p.15). Há, portanto, a referência ao avô como um senhor de escravos e, assim, suscita-se, no romance, o contexto histórico que remete tanto ao período escravocrata quanto à abolição da escravatura no Brasil. Controversamente, o ex-dono de escravos é apresentado como abolicionista que propõe um projeto cuja finalidade maior seria, supostamente, beneficiar aos escravos:

Meu avô foi um grande benfeitor da raça negra. Creiam que ele visitou a África em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nação para os ancestrais de vocês. Viagrou de cargueiro até Luanda, esteve na Nigéria e no Daomé, finalmente na Costa do Ouro encontrou antigos alforriados baianos na comunidade dos Tabom [...]. E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria (LD, p.50-51).

Nessa passagem, duas referências chamam a atenção: a relação com os colonizadores ingleses e a Nova Libéria. Ao percorrer um roteiro de viagem que remete às rotas do tráfico negreiro, suscita-se a possibilidade de o avô de Eulálio ser também um comerciante de escravos e a parceria com os ingleses viria como provável finalização do exercício dessa atividade comercial, oficialmente proibida no Brasil em 1888, com a assinatura da Lei Áurea. Entretanto, sabe-se que essa lei não assegurou, de imediato, uma vida digna aos negros, em razão de não terem escolaridade, condições financeiras para o seu sustento e, principalmente, porque enfrentavam forte preconceito racial e social. Assim, sem outras opções, muitos escravos continuaram nas fazendas onde já



estavam, trabalhando por míseros salários ou em troca de alimentos que garantissem sua subsistência. O próprio Eulálio, em outro trecho da narrativa, ao falar sobre a ausência de sua esposa, apropria-se da imagem do sofrimento dos escravos que decidiram sair das fazendas: “Sem Matilde, eu andava por aí chorando alto, talvez como aqueles escravos libertos de que se fala” (LD, p.56). Pela afirmativa do protagonista, é possível ter uma dimensão sobre o quão difícil foi o processo de inserção desses homens e mulheres na vida social e econômica do Brasil e é a partir desse contexto que o avô de Eulálio cria o seu projeto de Nova Libéria.

Pelo nome dado ao novo país que pretendia criar, subentende-se que a proposta política era a da criação de um país construído nos moldes da Libéria, em razão das condições peculiares dessa região da África Ocidental. De acordo com Wanderley (2007), esse país foi fundado e colonizado por escravos americanos libertos com a ajuda de uma organização privada chamada *American Colonization Society*, entre 1821 e 1822, na premissa de que os ex-escravos americanos teriam maior liberdade e igualdade nessa nova nação. Assim, o novo projeto visava ofertar aos negros que foram escravizados no Brasil a possibilidade de retorno à África e a vida num país mais igualitário e justo. De acordo com Eulálio, seu avô empreendeu grandes esforços para que a ideia se concretizasse:

Vovô era mesmo um visionário, desenhou de próprio punho a bandeira do país, listras multicores com um triângulo dourado no centro, e dentro do triângulo um olho. Encomendou o hino oficial ao grande Carlos Gomes, enquanto arquitetos britânicos projetavam a futura capital, Petróvia. Conquistou o apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos de África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância (LD, p. 51).

No plano para a construção do novo país, a bandeira da nova nação evidencia a influência maçônica; os arquitetos eram britânicos em razão da parceria firmada com os ingleses; e o hino composto por Carlos Gomes, um dos mais renomados músicos do período imperial no Brasil, demonstra o apoio e a influência conquistados pelo autor do projeto. Entretanto, dada a sua grandiosa complexidade, a empreitada não se concretizou e, com isso, foram frustrados também os planos implícitos a esse suposto projeto de benfeitorias aos negros.

Destaca-se que, dado o contexto histórico de forte preconceito racial e social, a função política do avô de Eulálio e, primordialmente, o seu lucro com o tráfico de escravos, a construção da Nova Libéria era, em realidade, uma tentativa tanto de branqueamento da população brasileira quanto de obter vantagens financeiras com o transporte dos ex-escravos e manter a riqueza familiar à custa da exploração dos negros, objetivo maior do magnânimo gesto de “bondade” do autor desse empreendimento. O romance pauta-se nas relações raciais que se desenvolvem no Brasil e, reconhecidamente, a história do país é marcada pelo racismo, o qual se traduz nessa passagem pelo ensaio da expulsão dos negros das terras brasileiras, mas visando, igualmente, à obtenção de lucro para os senhores de escravos. Destaca-se, de modo especial, o quanto o racismo e o interesse comercial foram camuflados a partir de um discurso de preocupação e benfeitorias para com os negros, de forma que o projeto soava, inicialmente, como benéfico aos ex-escravos a partir da linguagem utilizada pelo avô de Eulálio. Lamentavelmente, como uma triste herança, até a atualidade as relações racistas se mantêm, ainda que continuem a ser disfarçadas no cotidiano social.

O preconceito racial e social também é retomado no decorrer da narração. A partir de um trecho em que Eulálio começa a reclamar de fome, ao pensar em castigar os funcionários do hospital pelo atendimento recebido, o protagonista rememora os castigos físicos dados aos negros no Império e, posteriormente, na República, os castigos e humilhações impostos aos empregados. Ao reclamar que tem fome e exigir sua goiabada, depois de ter jogado no chão o prato de comida que lhe trouxeram, Eulálio começa a confundir passado e presente, repetindo aos funcionários do hospital as ameaças que fazia aos empregados da casa de sua mãe quando era pequeno: “Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. [...] Mas estou com fome e sou capaz de ficar batendo a cabeça na parede até me servirem a sobremesa” (LD, p. 101). Ainda repetindo na velhice as suas birras de criança mimada, o idoso continua com suas ameaças aos funcionários, afirmando que se machucaria até que o pai chegasse, então conversaria com ele em francês – “Vou contar em francês, para ficar todo mundo com cara de imbecil e ninguém me contestar” (LD, p. 102). Dessa conversa, o protagonista esperava que o pai pegasse atrás da “biblioteca Larousse” (LD, p. 102), um chicote que era relíquia da família e, quando soubesse que o filho fora machucado, distribuísse chibatadas nos funcionários.

A partir da rememoração do chicote e dos castigos, o narrador volta ao passado ainda mais longínquo e, por meio de suas lembranças, traça um painel

acerca dos costumes e usos do chicote na sua família, a qual representaria parte da aristocracia brasileira. A lembrança começa com um ato comparativo entre seu pai e seu avô, rememorando o tempo da escravidão, no qual o avô castigava o seu escravo mais fiel – “Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho Balbino” (LD, p. 102) – e então prossegue com comentários a respeito da suposta necessidade do Velho Balbino que, mesmo quando não era mais escravo, todos os dias tirava a roupa e “se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo” (LD, p.102). Desse mote, o narrador faz um retrospecto sobre as formas de açoitar os escravos e como esse “costume” marcou a sua família:

E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria seu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. O golpe mal estalava, era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre. Pegara a manha com o seu pai, que veio além-mar com a frota da corte portuguesa, e quando não estava prestando ouvidos à rainha louca, subia ao convés para dar lições a marujo indolente. Mas isso talvez meu trisavô Eulálio tenha inventado para fazer jus ao chicote que seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto, que comprou o chicote em Florença com o intuito de fustigar jesuítas (LD, p. 102-103).

Nessa passagem, observa-se não só a referência ao processo de escravatura no Brasil, como também são referenciados os castigos impostos aos marujos nas travessias além-mar e as relações que se estabeleceram entre Brasil e Portugal, com a marca da cultura europeia nos costumes brasileiros. Dentre esses costumes, destacam-se, nos excertos anteriores, a alusão à biblioteca Larousse, a conversação cotidiana em francês e as viagens à Europa. O texto também apresenta muitas outras referências aos costumes europeus, sublinhando-se a moda, as viagens no navio Lutetia e as diárias no Ritz, em Paris.

Se, a princípio, para Eulálio, parece ser um bom castigo aos empregados o uso do chicote, ele indica que, como punição, melhor do que o castigo físico seria a demissão para os funcionários, evidenciando a evolução dos tempos. Entretanto, nesse comentário, ele já não mais se refere aos funcionários do hospital, mas sim à criadagem dos seus pais, em sua época de infância e adolescência – “Papai vai

simplesmente pô-los na rua e esse será o pior flagelo para vocês, que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum” (LD, p. 103). Desse modo, é possível observar não só que há uma equiparação entre o desemprego e o castigo físico, como também se nota que as relações comerciais mudaram.

No referido trecho, o processo de escravatura já fora abolido e as relações entre patrão e empregado indiciam o período republicano. Como o pai de Eulálio fora senador, o cargo político de Eulálio Ribas d’Assumpção indica que o jovem Eulalinho cresceu em meio ao desenvolvimento do primeiro período republicano no Brasil e, por isso, ele pôde usufruir da riqueza e das benesses que essa época política ofertou ao clã dos Assumpção. O protagonista descreve o pai como um “político importante, além de homem culto e bem apessoado” (LD, p. 52). E continua: “Saiba o doutor que meu pai foi um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes, [...] [n]a Europa, desfrutava imenso prestígio e intermediava comércio de café” (LD, p. 52). Destaca-se que, além da atividade política, a sustentação financeira dos Assumpção provinha também do comércio de café, importante lavoura para a economia do Brasil durante o período da República Velha. Além dessas atividades, havia o comércio de armas e o envolvimento com construtoras estrangeiras.

Ao prosseguir sua descrição sobre as relações entre patrões e empregados, Eulálio apresenta os pais como ótimos empregadores e ressalta as vantagens dos empregados que trabalhavam com sua família: “não falo só pelo salário em dia, pela casa dos fundos onde vocês se embriagam e se masturbam, pelas provisões de bocas [...] ou pela folga quinzenal” (LD, p. 103). De acordo com o narrador, as vantagens iriam muito além dessas, pois havia também as questões morais, encaminhadas por sua mãe, Maria Violeta, seus conselhos, o trato pessoal, as roupas doadas e até mesmo as obrigações religiosas acompanhadas por ela: “[...] faz questão de que vão todos bem vestidos à missa, e a cozinheira, que era dada à macumba, fez exorcizar na igreja da Candelária” (LD, p. 103).

Na visão aristocrática do protagonista, até mesmo o desrespeito para com a religião da cozinheira era visto como algo positivo, pois a preocupação da sua mãe estava em salvar a alma da empregada. Todavia, caracteriza-se sim como desrespeito para com as religiões afro-brasileiras e esse tipo de situação impôs séculos de perseguição aos adeptos do candomblé, o que é sentido até a atualidade pelos

seguidores dessa religião.<sup>4</sup> Esse processo de perseguição foi iniciado no período da escravidão, intensificou-se na República Velha e instaurou a proibição do candomblé até 1946, expulsando os negros para os morros e terrenos afastados dos centros das cidades, promovendo, assim, ao mesmo tempo, a demonização dessa religião e a “higienização” social (branqueamento) urbana. Como resquícios de tais represálias e perseguições, até a atualidade são necessárias políticas afirmativas para o reconhecimento dessa cultura religiosa que ainda é observada de modo pejorativo.<sup>5</sup>

Como Eulálio cresceu junto aos que combateram a expansão da cultura afro-brasileira, é fácil compreender sua rejeição aos costumes populares e, em especial, aos costumes ligados a essa cultura. Em razão disso, o protagonista faz questão de solicitar que a enfermeira escreva seu nome corretamente, com a letra p bem marcada, para evitar aproximações com a forma abrigada e popular do sobrenome Assumpção:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavaleiro do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roloço, foi meu amigo de infância (LD, p. 18).

Nessa passagem, deve-se observar o paralelo estabelecido entre a família aristocrática e a dos escravos: para cada representante dessa família (avô, pai e filho) houve um subserviente Balbino Assunção a acatar ordens e executar trabalhos exigidos. Em razão de esses homens permanecerem trabalhando para o enriquecimento da aristocrática família desde o período em que o avô do protagonista

---

<sup>4</sup> Como exemplo, destaca-se uma situação ocorrida no Distrito Federal, em 2009, relativa à demolição de um terreiro de candomblé. O fato foi noticiado em jornais e blogs e até hoje mantém viva a discussão sobre a presença dos terreiros e a tentativa de extinção deles nessa região. De acordo com Najla Passos (2012), “em 2009, as agressões foram ainda mais vorazes. Um terreiro localizado na quadra 905 da Asa Norte, área nobre da capital, chegou a ser demolido pelo mesmo motivo [preconceito religioso]. Localizado em terreno público, se encontrava, de fato, irregular. ‘O curioso é que os outros 50 ou 60 estabelecimentos que cercam o terreiro, também irregulares, não sofreram a sanção. A demolição foi, sim, um ato de preconceito e intolerância religiosa’, afirma a mãe de santo Vera Lúcia Chiodi, proprietária do local”. O autor da reportagem destaca ainda que, em 2011, um terreiro foi interditado em Planaltina e outros dez foram notificados no Distrito Federal, todos considerados como atividades comerciais e não como centros religiosos, o que denota, igualmente, intolerância para com os terreiros e, conseqüentemente, perseguição aos seus seguidores.

<sup>5</sup> Nesse sentido, destaca-se a sanção, em 2010, do Estatuto da Igualdade Racial pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esse estatuto estabelece, dentre outros encaminhamentos, que os terreiros são um patrimônio histórico e cultural a ser preservado. O documento encontra-se disponível no endereço eletrônico a seguir:

<[http://www.educapro.org.br/site/cariboost\\_files/Estatuto\\_da\\_Igualdade\\_Racial\\_Novo.pdf](http://www.educapro.org.br/site/cariboost_files/Estatuto_da_Igualdade_Racial_Novo.pdf)>

mantinha o comércio de escravo, destaca-se mais um aspecto que retoma a constituição histórica da sociedade brasileira: a relação entre brancos e negros, senhores e escravos, marcada pela exploração.

Na família Assunção, quem servirá a Eulálio será Balbino Neto, a princípio, descrito pelo protagonista como seu amigo de infância. Contudo, no decorrer da trama, observa-se que essa “amizade” é muito bem marcada pela hierarquia que há entre eles, sendo ressaltada a postura servil do jovem Balbino: “então volta e meia lhe pedia um favor à-toa, mais para agradar a ele mesmo, que era de índole prestativa” (LD, p. 19). A postura senhoril de Eulálio se mostra ainda mais enfática quando ele revela que, por volta dos 18, 19 anos, decidiu que iria ter relações sexuais com Balbino e, por seu desejo no negro, começa a visualizar atitudes do jovem rapaz que denotavam uma insinuação sexual:

Estava claro para mim que o Balbino queria me dar a bunda. Só me faltava ousadia para a abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias, ponderações tão acima do seu entendimento, que ele já cederia sem delongas (LD, p. 20).

O ato sexual com Balbino não se concretiza porque, nesse mesmo período, o narrador conheceu Matilde, e para ela voltou seu desejo. Curiosamente, Matilde e Balbino Neto formarão, no romance, um par que referencia costumes populares e os dois serão muito amigos, além de se aproximarem por serem negros. Eulálio, a partir da convivência com Balbino, afirma ter se tornado “um adulto sem preconceito de cor” (LD, p. 20), porém, isso não se confirma. É possível observar o modo como o protagonista é preconceituoso não só pelo trato dado a Balbino, como também pela referência a Matilde, como no irônico fragmento citado:

Talvez seja até um avanço para os negros, que ainda ontem sacrificavam animais no candomblé, andarem agora arrumadinhos com a Bíblia debaixo do braço. Tampouco contra a raça negra nada tenho, saibam vocês que meu avô era um prócer abolicionista, não fosse ele e talvez todos aí estivessem até hoje tomando bordoadas no quengo (LD, p. 193).

Se Eulálio tenta disfarçar de algum modo o seu preconceito, é possível observar a fragilidade desse disfarce em várias passagens, como exemplificam as seguintes lembranças de Eulálio sobre o seu pai “[...] não puxei ao meu pai, que só apreciava

as louras e as ruivas, de preferência sardentas” (LD, p. 20) ou quando ele relata que a mãe o questionou se Matilde não tinha cheiro de corpo, insinuando assim que, por ser negra, a moça deveria cheirar mal.

O protagonista conhece pessoalmente a jovem Matilde no dia da missa de sétimo dia do seu pai e esse encontro denota não só uma relação amorosa marcada pelo racismo, como também marca a neurose dele quanto à semelhança do seu desejo sexual voraz com o de seu pai, como se fosse uma herança deixada pelo patriarca. Na trama, o falecimento do proeminente senador indicia também o fim da República Velha no Brasil, delineando uma mudança no cenário político e também na vida dos Assumpção. Essa mudança ocorre em razão do declínio nas atividades comerciais do senador, tanto as referentes ao ciclo da borracha quanto ao comércio de armas e às lavouras de café.

O senador fora conhecido não apenas por sua função política, mas também porque “tinha negócios com armeiros da França, amigos graúdos em Paris e, na virada do século [...], fez sociedade com empresários ingleses. Espírito prático, foi parceiro dos ingleses na Manaus Harbour” (LD, p. 52). A referência à empresa *Manaus Harbour Limited* e aos ingleses indica que o senador também esteve envolvido no comércio referente ao ciclo da borracha no Brasil. *A Manaus Harbour Limited:*

era uma empresa estabelecida em Londres, na Inglaterra, instituída pela família Booth (donos da empresa de navegação Boothand Steamship Company), tinha como sócios em Manaus, o Barão de Rymkiewicz (titular da firma B. Rymkiewicz & Comp.) e o engenheiro Antônio de Lavandeyra. A concessionária foi autorizada a operar no Brasil através do Decreto no. 4.533, de 8 de Setembro de 1902, com exclusividade para operar no Porto de Manaus, teve uma concessão de 60 anos (MARTINS, 2011).

A concessão que a empresa inglesa ganha se deve à necessidade de exportar a produção da região Amazônica, em virtude do ciclo da borracha, como informa o *site* do porto de Manaus: “Com o desenvolvimento econômico produzido pela borracha, tornou-se necessária a ampliação das instalações portuárias existentes, que se resumiam no prédio da Recebedoria [...] e o trapiche 15 de Novembro”.<sup>6</sup> Ademais, no decorrer da narrativa, Eulálio também afirma: “Saiba a senhora que ao ganhar do presidente Campos Sales a concessão do porto de Manaus, meu pai era um jovem político bem-conceituado” (LD, p. 78). Campos Sales esteve na presidência do Brasil

<sup>6</sup> Essa informação encontra-se disponível no site do Porto de Manaus: <<http://www.portodemanau.com.br/?pagina=historia>>. Acesso em 28 de dezembro de 2012.

de 1898 a 1902, concluindo seu mandato justamente no ano em que fora concedida à empresa citada o direito de explorar o porto referido.

A partir de fatos como esses, é importante salientar que a trama oferece, de modo entrecortado, um painel do primeiro período republicano no Brasil – época que teve como principais acontecimentos:

a sustentação da economia centrada no café; a reurbanização e o saneamento do Rio de Janeiro; os surtos econômicos regionais da borracha e do cacau; as novas imigrações de europeus, italianos e japoneses; as revoltas sertanejas de Canudos e do Contestado; a revolta da chibata; a construção de estradas de ferro, usinas hidrelétricas e redes telegráficas; a retomada dos contatos com as populações indígenas; o crescimento industrial: a consolidação do modo de vida urbano; as primeiras greves operárias; as revoltas dos tenentes e a coluna Prestes; a Semana de Arte Moderna; a quebra da bolsa de Nova Iorque e o fim do ciclo do café (GARCIA, 2012).

Dos momentos elencados por Garcia, são representados em **Leite Derramado** a economia cafeeira; a reurbanização do Rio de Janeiro, observável em trechos como “Por fim trouxe da Suíça um mestre-de-obras que levantou um chalé no longínquo areal de Copacabana” (LD, p. 62); a referência ao ciclo da borracha; a alusão à imigração dos italianos, na figura do genro do protagonista; a construção de estradas de ferro, representada nos momentos em que Eulálio recordava a desapropriação da fazenda da raiz da serra; a industrialização: “Aquela área rural tinha sido ocupada por indústrias” (LD, p. 79); um modo mais citadino de viver, observável nas descrições sobre o trabalho e as idas à praia; e, por fim, a quebra da bolsa de Nova York e a derrocada do café. Com o fim da República Velha, em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil, o clã dos Assumpção estava sofrendo duros golpes pessoais e financeiros, pois, acompanhando o fim do velho período republicano, morreu o senador Assumpção e a família perdeu muito dinheiro também com as lavouras de café a partir da quebra do *crack* de 1929.

Após a morte de Eulálio Ribas d’Assumpção, o jovem filho deveria assumir os negócios da família, entretanto, ele não tem a competência nem as artimanhas políticas para conquistar altos cargos. Forçado pela mãe a ir a Paris acompanhar os negócios familiares, o protagonista descobre as consequências financeiras que a crise norte-americana de 1929 proporcionou ao seu clã:



Em Paris fui recebido com pasmo, me perguntaram se na América do Sul não chegavam notícias do mundo. Havia mais de um mês fora sustada a importação de café em toda a Europa, levando à falência os atacadistas sócios do meu pai. Em Londres, me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso do espólio da família Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norte-americano (LD, p. 59).

Assim como ocorrera aos Assumpção, muitas famílias brasileiras foram violentamente atingidas por uma situação financeira caótica com a suspensão das importações do comércio de café e, a partir daí, tiveram sua estabilidade financeira abalada, entrando num processo de falência. Com a mudança política ocorrida, agravou-se o quadro das tradicionais famílias que perderam seus postos políticos a partir do governo de Vargas, visto que ficaram sem prestígio, sem fortuna e sem influência política, caracterizando, assim, ainda mais a decadência que se iniciava.

No romance, após as perdas financeiras, os Assumpção entram em acentuado declínio a partir das escolhas pessoais do protagonista e de sua família, agora composta por sua esposa Matilde e a filha Maria Eulália. Com o desenrolar da trama, novamente há o entrelaçamento entre a história e a ficção, a partir do momento em que Eulálio, já abandonado pela esposa e após sofrer um golpe financeiro do genro, mora com a filha e a ajuda a criar o neto Eulálio d'Assumpção Palumba. O menino desde cedo se interessou por política e, quando cresceu, optou por se tornar comunista. Com base nessa escolha, a trama delinea o contexto do Golpe 1964, período em que, no Brasil, iniciou-se a ditadura militar:

E um dia veio me comunicar que se tornara comunista. Que seja, falei comigo. Se vier o comunismo, Eulálio d'Assumpção Palumba chegará provavelmente a algum bureau político, a um conselho de ministros, se não ao comitê central do partido. Mas em vez do comunismo, veio a Revolução Militar de 1964, então tratei de lhe lembrar nossas antigas relações de família com as Forças Armadas, até lhe mostrei o chicote que pertenceu ao seu sexto avô português, o célebre general Assumpção. Mas, na sua pouca idade, [...] ele cismou de ser um herói da resistência (LD, p. 126).

Observa-se que, como homem acostumado a adequar-se aos contextos que lhe eram propostos, Eulálio não apresenta convicção política, pelo contrário, em vez de uma defesa de ideais, há a representação de um homem pragmático, que vê na política uma forma de ascensão, independente de diretrizes ideológicas. Essa postura do protagonista tanto reflete a educação que tivera, a qual priorizava a

manutenção do *status quo*, quanto revela um indivíduo que age de modo a tentar sobreviver em meio aos contextos sócio-históricos que enfrenta.

Por essa passagem, também nota-se que, na trama, é representada tanto a vida clandestina de quem era opositor à ditadura, quanto a perseguição que sofriram aqueles que não obedeciam ao regime militar. Eulálio narra que o seu neto “Trouxe um mimeógrafo para casa, imprimia panfletos” (LD, p.162) e “uma noite carregou suas tralhas na mochila, e minha filha entrou em desespero, disse que ele tinha partido para a vida clandestina” (LD, p.126-127). Observa-se que o comportamento do neto implicava experiências proibidas oficialmente e que, na trama, simbolizam as pessoas que lutaram contra a ditadura militar e fugiam da polícia, a qual agia com muita violência em nome da lei.

Como o neto de Eulálio também passou a ser procurado em função de sua opção política, a casa do protagonista foi invadida e revirada pela polícia, indicando como os agentes governamentais agiam naquele período:

Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. Ainda lhes apontei o retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamontes me deu um tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu. Esse ignorante espalhou no chão meu acervo de fotos, e nem me adiantaria protestar quando confiscou o chicote florentino (LD, p. 127).

Evidencia-se, nesse trecho, a violência policial nas buscas aos comunistas, do mesmo modo que são representadas as coações e humilhações impostas às famílias dos opositores ao regime militar. Ademais, revela-se característica do uso dos pseudônimos como uma tentativa de disfarçar a real identidade do sujeito, a fim também de preservar os familiares dessas pessoas. No caso dos Assumpção, Eulálio Palumba provavelmente usou o codinome de Pablo e, mesmo que não tenha sido preso nessa exata passagem, o avô e a mãe dele não tiveram mais notícias concretas, muito menos boas, em relação ao rapaz:

E perdeu o senso quando ele sumiu no mundo, o Eulálio mudou de nome, dizem que era um destemido, partiu determinado a enfrentar as Forças Armadas. Maria Eulália nunca mais dormiu direito, saía toda manhã atrás de más notícias e só voltava tarde da noite com boatos pavorosos (LD, p. 144).

Maria Eulália ficou destruída com o sumiço do filho, representando assim a condição de muitas mães que tiveram os seus filhos arrancados de casa, torturados, mortos e dos quais elas não mais tiveram notícias concretas. Na trama, nem mesmo o neto nascido na prisão, filho de Eulálio Palumba, conseguiu devolver a alegria à mãe do jovem comunista. Entretanto, é a partir desse jovem que lutara contra a ditadura que a linhagem dos Assumpção Palumba vai se desenvolvendo até chegar ao tataraneto do protagonista. A imagem desse novo rapaz, aliado ao internamento hospitalar de Eulálio Assumpção, suscita no romance um breve panorama dos anos 2000.

A referência ao período mais contemporâneo da história do Brasil se dá pela crítica ao comportamento mais consumista e atual: “o menino continuava a comprar jaquetas de couro, tênis fosforescentes, aparecia sempre com o último modelo de telefone celular” (LD, p. 169). Ademais, há também a descrição de Kim, uma das namoradas do tataraneto de Eulálio:

De saia curta e barriga de fora, uma argola espetada no umbigo, era uma brunette extrovertida. Foi logo me dando beijinhos e me tratando por você. Sentou-se no braço da minha cadeira e se divertiu com as minhas fotografias, na altura do seu cóccix estava tatuado Jesus Cristo em letras góticas. [...] e quando num arroubo eu lhe disse que o palácio Imperial era a casa de veraneio da minha família, ela deu um assobio e falou, caraca! (LD, p. 171-172).

Pelo comportamento da moça, assim como por suas roupas, pela linguagem, pelo *piercing* e pela tatuagem que tem, é possível observar a representação de uma jovem que se veste, fala e se comporta de acordo com os ditames da moda dos anos 2000. Em especial, destaca-se a intimidade instantânea com que ela trata Eulálio, a quem acabara de conhecer, e isso denota um comportamento juvenil contemporâneo, no qual as relações sociais ocorrem de modo muito rápido, sem preocupações de hierarquia ou cerimonialismo.

Do mesmo modo, no romance, esse contexto mais contemporâneo é também enfatizado pelas as referências à calamitosa realidade dos hospitais públicos e particulares, bem como à violência no Rio de Janeiro. Em relação à paisagem urbana carioca e a violência, Eulálio destaca:

Quando eu morrer, meu chalé cairá comigo, para dar lugar a mais um edifício de apartamentos. Terá sido a última casa de Copacabana, que então se igualará à ilha de Manhattan, apinhada de arranha-céus. Mas antes disso, Copacabana se assemelhará a

Chicago, com policiais e gangsters trocando tiros pelas ruas, e ainda assim dormirei de portas abertas (LD, p. 49).

As imagens suscitadas no fragmento sugerem uma cidade contemporânea, com todas as suas nuances de tráfico e violência, pois a imagem dos tiros em plena Copacabana, com o passar dos anos, se tornou mais comum, quando o tráfico de entorpecentes e as brigas entre facções rivais deixaram as áreas suburbanas e tomaram a cidade como um todo, assim como ocorre na maior parte das cidades brasileiras na atualidade. Ao mesmo tempo, entretanto, que é representada essa violência no texto, por se tratar da narração de um idoso, o romance comporta memórias nostálgicas que remetem a um Rio antigo, numa época de maior calma.

A capital fluminense é o cenário primordial de **Leite derramado** e, por meio da narração de Eulálio, é possível um passeio pelo Rio de Janeiro, acompanhando suas transformações ao longo do tempo. Enfatiza-se o período em que a cidade entra em declínio como grande centro político e se delineiam as transformações urbanas que vão ocorrendo quando a sua natural paisagem cede lugar aos ícones do progresso, como ferrovias e grandes prédios:

Aliás, bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia (LD, p. 7).

As ruas de Botafogo, Copacabana, a serra e o porto são marcos cartográficos que se repetem nas memórias de Eulálio e o conduzem por uma cidade que já não mais existe como ele conhecera. O porto, em especial, marca a possibilidade de comunicação do Brasil com a Europa e é por esse meio que chegam os grandes navios como o transatlântico francês Lutétia, o britânico Arlanza e o Cap Polonio, de uma montadora alemã. Esse tema está ligado também à composição do romance, pois Chico Buarque, em entrevista concedida a Isabel Coutinho, para o jornal português **Público**, com edição em julho de 2009, afirmou que o Lutétia foi a sua primeira rota para a escrita do **Leite derramado**. De acordo com as palavras do romancista, foi a partir do momento no qual decidiu escrever o romance situado no começo do século passado, que em meio a suas pesquisas e conversas com a matriarca, ele encontrou informações sobre o navio Lutétia e esse foi o mote inicial de seu romance:

Tenho uma mãe centenária, vai fazer 100 anos em Janeiro. Tenho a impressão que foi ela a primeira pessoa a me falar sobre esses navios. Ela mora em Copacabana, aqueles navios ali passando [...]. Como precisava de um caminho para o livro, comecei a me interessar por esses navios. Comecei a ler sobre o 'Lutétia' e havia várias histórias interessantes ali.

Li sobre várias viagens, a última viagem do Santos Dumont [aviador] da Europa para o Brasil foi a bordo do 'Lutétia'; o grupo Oito Batutas — que era do Pixinguinha com músicos brasileiros que pela primeira vez se apresentaram na Europa, em Paris, com grande sucesso — voltou no 'Lutétia'. Le Corbusier [o arquiteto] e Josephine Baker [a cantora] fizeram nele uma viagem do Rio para Bordeaux (BUARQUE, 2009).

A partir desse trecho da entrevista, é possível observar que ele viu no referido transatlântico a possibilidade de estabelecer uma conexão entre passado e presente, Brasil e Europa, fatos históricos e ficcionalizados, para, a partir desse espaço no qual muitas histórias ocorreram e muitas histórias foram contadas, desenvolver a narrativa desse homem senil, perdido entre as memórias ora gloriosas, ora dolorosas do Lutétia e dos outros transatlânticos. Gloriosas porque o protagonista recorda-se da deferência com que era tratado no transatlântico em tempos de opulência, como no trecho a seguir:

Era o que eu ruminava no tombadilho do Lutetia, [...] quando o mordomo veio me cumprimentar. Eu era conhecido de outras travessias naquele navio, e todo o pessoal de bordo me expressou os sentimentos pelo senador. Papai era ali admirado por seu impecável francês e suas gorjetas generosas, especialmente nas viagens de ida, ou rumo à civilização, como ele dizia. E logo na primeira noite fui convidado a cear na mesa do comandante, que perante o arquiteto Le Corbusier e a cantora Josephine Baker, ergueu um brinde à memória do meu pai (LD, p. 57-58)

Nessa passagem, observa-se não só o atendimento especial concedido a Eulálio no Lutétia, como também a referência a Le Corbusier e Josephine Baker, que foram reais passageiros desse transatlântico. Entretanto, com a decadência que atingira os Assumpção, as memórias do narrador em relação ao navio francês também se tornaram dolorosas: “fui acomodado em mesas de argentinos e vi pouco a pouco esvaziar meu prestígio no Lutétia, talvez porque já me falhasse o francês fluente do meu pai. Ou porque meu dinheiro de bolso [...] era comido” (LD, p. 58). É possível observar que a referência ao transporte marítimo se une aos demais elementos já apresentados e, assim, constituem os meios usados no romance para

a construção das memórias do protagonista, as quais entrelaçam a ficção e a história em suas cento e noventa e cinco páginas.

Muito mais do que a saga de uma imponente família, observam-se as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas no Brasil, bem como o modo como essas mudanças interferiram para que parte de uma aristocrática elite brasileira fosse, ao longo do tempo, impelida à decadência. Desse modo, a metáfora pautada no ditado “não adianta chorar pelo leite derramado” coincide com o título do romance em análise e possibilita a interpretação de que, diante de realidade decadente, restariam duas posturas possíveis ao protagonista: ou o enfrentamento à situação, ficando patente sua incompetência nesse sentido; ou viver de recordações, nas quais o tempo passado se mostrou cenário de riquezas e prestígio, sem reconhecer nem aceitar a sua derrocada, mesmo tão flagrante.

## 2.2 As memórias em um tempo de queda

Na vida de Eulálio Assumpção, o que deveria ser uma trajetória de sucesso, resulta em decadência: “eu tinha de comparecer à repartição de manhã cedo, me acotovelar com gente estranha, estender meu cartão de visita, chamar a atenção do funcionário, escute aqui senhor, meu nome é Eulálio d’Assumpção” (LD, p. 57). Em contraposição às memórias de um tempo passado de bajulações e riquezas, com o desenrolar da trama, o protagonista vivencia um tempo em que a degradação financeira e moral o atingem cada vez mais.

Esse caminho de falências que envolve a vida do protagonista diz respeito também às relações familiares, as quais são mantidas, em sua quase totalidade, pelas aparências. É possível perceber que o modelo de família perfeita, tradicional no clã dos Assumpção, sempre foi apenas uma forma de manter o *status* desde a época do avô de Eulálio. Entretanto, esse molde vai se tornando mais difícil de ser sustentado a partir do assassinato do pai do narrador, quando começam as especulações acerca do verdadeiro motivo da morte: “corria que meu pai tinha sido morto a mando de um corno” (LD, p. 36).

O pai de Eulálio, o Senador Eulálio Ribas Assumpção, é descrito como um homem poderoso, envolvido na venda e compra de armamentos bélicos, usuário de cocaína, dono de voraz apetite sexual, frequentador dos melhores bordéis

parisienses, mulherengo e, por conta disso, morre assassinado pelo marido de uma de suas amantes. Todo esse comportamento conquistador era tolerado pela esposa do senador, Maria Violeta, que, aparentemente, de nada sabia, do mesmo modo que a avó de Eulálio tolerou os encontros de seu marido com as escravas da fazenda: “contam que ela gania de dor nas juntas [...] cada vez que meu avô ia procurar as negras. Mas se declarava indiferente às andanças dele, que sempre teve esses vícios” (LD, p. 62). O comportamento da avó é semelhante ao reproduzido pela mãe do protagonista, visto que, por sua condição social, elas não deveriam demonstrar sofrimento nem preocupação com as histórias que envolviam o nome dos seus maridos. Desse modo, quando o senador morreu, Maria Violeta preferiu acreditar que foi um crime político e não um assassinato motivado por traição amorosa.

Com a morte do pai, o filho se viu então na condição de novo homem da casa, mas ele não tinha a altivez necessária a essa função:

Porque se não fosse eu, iria ela própria à Europa, iria ela falar grosso com os agentes financeiros do meu pai, que não respondiam a seus telegramas. Seria ela o homem da família, e eu um marmanjo que vive de mesada. [...] Quanto ao dinheiro, querendo ou não, mamãe para mim seria sempre uma salvaguarda (LD, p. 56-59).

Já desgastada por sua natural inaptidão aos negócios, a situação de Eulálio, frente à postura de sua mãe, se complica ainda mais quando ele se envolve com Matilde. Pelas memórias dele, ela é apresentada como sedutora, envolvente e “a mais moreninha” (LD, p. 29) das filhas de um deputado federal, a princípio correligionário do pai dele e, posteriormente, membro da oposição. Entretanto, o que mais incomoda a Maria Violeta é a cor da pele de Matilde. Eulálio exemplifica a implicância de sua mãe com a jovem por ele escolhida ao relatar um dos primeiros comportamentos da matriarca: “minha mãe, [...] ao me ver arrastando asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo” (LD, p. 20). A implicância mostra-se então, principalmente, por uma questão racial. Contudo, Eulálio desobedece às convenções familiares e se casa com Matilde em uma cerimônia reservada, às escondidas da sociedade.

Mesmo após o casamento com a jovem, Eulálio ainda não havia se acostumado com o jeito mais simples da esposa, filha bastarda do deputado federal, e não escondia o constrangimento com o fato de ela dançar tão naturalmente o maxixe, assobiar, cantar cantigas folclóricas, tendo enfim “vergonha e raiva de gostar de uma mulher que

vive na cozinha” (LD, p. 66). Desse modo, nota-se que os costumes de Matilde eram considerados inadequados para uma mulher casada com um Assumpção, como destaca o protagonista:

Imagino que os franceses esperassem de um homem na minha posição uma esposa mais circunspecta, com certos atributos intelectuais. Mas Matilde quase não participa das nossas conversações, e ainda costuma trazer a Eulalinha à mesa de almoço, para meu desconforto (LD, p. 109).

Matilde possibilita uma discussão que tanto permeia as questões de gênero quanto as de raça e etnia, denunciando os muitos preconceitos em relação à mulher e, em especial, à mulher negra/mulata. A essa personagem também estão atreladas as representações da cultura popular e, em especial, a cultura dos negros e das classes mais desfavorecidas socialmente. É dessa filiação da jovem aos elementos mais populares e, de modo mais implícito, pela cor dela, em contraposição à cor e aos costumes de Eulálio, que os desacertos acontecem no casamento entre os dois.

Roberto Schwarz, em artigo sobre o romance, afirma:

o feitiço irreverente de Matilde, entre modernista e patriarcal, também foge ao decoro: a esposa perturbadora não tem ginásio completo, é mãe aos 16 anos e assobia para chamar os garçons, além de ser aluna-problema do *Sacré Coeur* e congregada mariana.[...] Entre várias irmãs claras, Matilde é a única escura, para desgosto da sogra (SCHWARZ, 2009)

Diante das características de Matilde, resumidas por Schwarz, fica evidente no romance que a relação entre Eulálio e a jovem estava destinada ao fracasso, isso porque o contorno dado à esposa pelo narrador é muito incerto, transitando entre a adoração e a raiva, o desejo sexual e um suposto desprezo, o encantamento e a vergonha. Nas descrições de Eulálio sobre Matilde, muitas vezes ela é comparada com a mãe dele – “Minha mulher, sim, suave bastante, mas ela já era de uma nova geração e não tinha a austeridade da minha mãe” (LD, p. 5) – do mesmo modo que, para ele, positiva ou negativamente, ela sempre se destaca em relação às outras pessoas, como é o caso, por exemplo, do momento em que Eulálio leva Matilde para um jantar com Dubosc, um engenheiro francês e, ao dançar com o estrangeiro o maxixe, os dois se destacam:



No meio do salão os dois se abraçaram e assim permaneceram, a se encarar. Súbito ele a girou em meia-volta, [...]. Era uma coreografia precisa e me admirou que minha mulher conhecesse aqueles passos. O casal se entendia à perfeição, mas logo distingui o que nele foi ensinado do que nela era natural. O francês, muito alto, era um boneco de varas, jogando com uma boneca de pano. Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinas, e notei que todo o cabaré se extasiava com a sua exibição (LD, p. 65).

Se a princípio Eulálio fica admirado ao ver que a esposa conhecia os passos do maxixe e percebe como ela se destaca em relação às outras dançarinas, na continuação do episódio, o marido já salienta o inadequado da dança e, principalmente, a percepção de como a esposa se tornava vulgar ao dançar: “[...] a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado” (LD, p. 66). A partir desse fragmento, ressalta-se tanto a filiação de Matilde aos costumes populares, visto que o maxixe é uma dança popular, de matriz afro-brasileira, quanto a conotação pejorativa que Matilde ganha por reproduzir os passos da dança. Igualmente, notam-se as limitações de Eulálio, que não consegue compreender sua esposa e, face à educação conservadora que recebeu, prefere depreciar a dança de sua mulher a juntar-se a ela, revelando-se, assim, um homem ciumento, controlador e preconceituoso.

A descrição da possessividade com que Eulálio trata Matilde, bem como o ciúme e o desconforto do protagonista em relação à possibilidade da esposa traí-lo, aliados à imprecisão com que narra suas impressões sobre ela, lembram as narrações de Bento acerca de Capitu, no romance **Dom Casmurro**, de Machado de Assis. Do mesmo modo, a trajetória de Eulálio, apoiado no nome e nos bens da família, também se assemelha a outro personagem machadiano, o protagonista de **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Para Roberto Schwarz (2009),

A nulidade do próprio Eulálio é quase total, uma verdadeira proeza artística a seu modo. Como ele mesmo é o narrador, temos uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela autoexposição ‘involuntária’ de um figurão. Recapitulando sua vida com propósito sentimental, este sem querer vai entregando os segredos de sua classe, em especial os podres. O pressuposto desta solução formal – trata-se de uma forma em sentido pleno – é uma certa convivência maldosa entre o autor e o leitor esperto, às expensas do canastrão que está com a palavra. O virtuosismo com que Chico encarna em primeira pessoa a mediocridade e os preconceitos oligárquicos de seu narrador, tornando-o extremamente interessante, e aliás sempre engraçado, é notável.

Eulálio, precipuamente na relação com Matilde, revela-se um homem cheio de preconceitos, os quais, como indicou Schwarz, são oligárquicos e fruto de um ensinamento conservador. Como consequência disso está a dificuldade em assumir que sua esposa é negra e, também, a implicância com os costumes populares que ela tem. Do mesmo modo, a inadequação de Matilde é não só sentida pelo protagonista, como claramente reafirmada pela mãe dele. Contudo, ainda que o casamento dos dois tivesse muitos problemas, quando Matilde misteriosamente desaparece, Eulálio fica arrasado com o sumiço da esposa: “Depois que me deixou, nem posso imaginar quantas aflições Matilde teve em sua existência. Sei que a minha se alongou além do suportável, como linha que se esgarça” (LD, p. 55).

As memórias do protagonista revelam um desespero e um ciúme doentio por Matilde, deixando em aberto para o leitor qual o possível fim que ela levara. Para a professora Eurídice Figueiredo (2010), uma das prováveis respostas para o sumiço da esposa é que ela tenha sido assassinada por Eulálio. A partir do fragmento que, a princípio, relata uma relação sexual marcada pela violência entre o casal, Eurídice Figueiredo aponta a possibilidade desse relato descrever o assassinato da jovem esposa em virtude de a passagem ser marcada pela imprecisão dos fatos e uma violência até então não revelada: “Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir gemidos nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava” (BUARQUE, 2009, p. 67). Após toda a brutalidade do ato, Matilde diz “eu vou, Eulálio” e essa fala supostamente marcaria sua morte, como uma despedida final.

De acordo com Figueiredo, se à frase “eu vou” for adicionado outro trecho da narrativa, no qual Eulálio fora confundido com seu pai, é possível ver a reafirmação da hipótese do protagonista ter assassinado a sua esposa: “E pelos cochichos compreendi que o nome do meu pai, notável na República, caíra de um jeito grosseiro na boca do povo, Assunção, o assassino? Assunção, o corno?” (LD, p. 57). A frase “Assunção, o assassino”, se aplicada ao senador, torna-se incoerente, visto que ele fora assassinado por um marido traído. Assim, não era ele o corno, muito menos era o assassino. Entretanto, se os adjetivos atribuídos ao senador forem transpostos ao seu filho, há sentido diante das possibilidades apresentadas na narrativa. Desse modo, a passagem referente ao ato sexual confirmar-se-ia como uma possível descrição do assassinato de Matilde e o “Assunção, o assassino” referir-se-ia ao filho e não ao pai. Contudo, é preciso ressaltar que, no romance, não

fica evidente nem a traição da esposa para confirmar o “Assunção, o corno” (apenas são apresentadas/imaginadas supostas traições dela em razão do ciúme que ele sente) nem o assassinato. Essa é apenas uma das possíveis leituras que podem ser feitas quanto ao desaparecimento de Matilde na trama.

Ainda que seja possível fazer essa leitura quanto ao sumiço da esposa, o próprio Eulálio levanta outras hipóteses, como a fuga dela com um amante, a fuga pela vergonha de estar grávida de outro homem e assim rejeitar Eulalinha, ou mesmo o suicídio no mar. O fato é que, para essa questão, não há resposta no romance e nem poderia haver, dada a condição senil do narrador e em razão de esse ser o mais doloroso assunto comentado por Eulálio. Se a memória é definida como “uma vasta ferida” (LD, p. 10), Matilde é o ponto mais doído dessa ferida, tanto que, mesmo revelando muitas recordações, o narrador não consegue descrever o que acontecera a sua amada. Nesse ponto, são acionados os mecanismos que ativam/desativam lembranças e determinam a vivificação ou o esquecimento de um fato. Ainda que não se saiba a real resposta para o desaparecimento de Matilde, entende-se que o romance permite entrever a noção de uma memória dolorosa quanto a essa questão, tanto pelos muitos preconceitos de Eulálio quanto pela decepção de um homem que não conseguiu transpor os limites de uma educação conservadora, a qual tem o poder de determinar que certas memórias devem permanecer esquecidas.

Mesmo após o sumiço de Matilde, a mãe de Eulálio se mantém distante do filho, assim como fizera no início do envolvimento dele com a nora, e vai se enclausurando ainda mais, até que passa a sofrer um tipo de disfasia: “Ela falava clara e correntemente, mas com as palavras todas trocadas. E ao perceber que ninguém a compreendia, enfezou-se, passou a falar francês e pronto” (LD, p. 80). Maria Violeta mantém contato apenas com Auguste, o chofer francês, e a comunicação entre eles também se dá em língua francesa. Ela passa a chamá-lo de Eulalie e ele, por sua vez, a chama de Marie Violette. Os dois acabam desenvolvendo uma relação muito próxima, na qual Auguste supostamente assume, em casa, o papel de marido dela. Porém, ele também morre e ela enfrenta novo luto:

Quando Auguste morreu na cama dela, usando um pijama com o monograma do meu pai, mamãe enviuvou de novo, de um luto mais profundo que o primeiro. E agora já não falava língua alguma, não se

locomovia, nem sequer chorava, me enternecia assisti-la assim, com sua tristeza enfim cristalizada (LD, p. 81).

Maria Violeta tem esse final cristalizado na tristeza em razão dos sucessivos fatos que agravaram ainda mais a decadência do clã dos Assumpção. Em sua vida, ela fora um importante membro da elite, de sobrenome tradicional quando solteira – Montenegro – e casada com um Assumpção, assumindo, assim, a postura esperada para uma mulher da sua classe social e com os valores tradicionais que lhe foram ensinados. Desse modo, não suporta a falência nem o casamento do filho com uma mulher negra, o que para ela fora um golpe fatal do destino.

Do casamento entre Eulálio e Matilde nasce Maria Eulália, filha do casal, e esse é mais um desconforto familiar, visto que se esperava o nascimento de um menino, daquele que seria o neto varão. Em virtude do sumiço da mãe, a menina é criada pelo pai com o auxílio da babá. Porém, esse relacionamento é notadamente marcado pela dor, visto que o pai sofre a ausência de Matilde, vive perdido em busca de respostas sobre o desaparecimento da esposa e, assim, vai acumulando fracassos pessoais e financeiros. A filha, por sua vez, cresce sem a orientação de uma figura materna e, ao longo da narrativa, também acumula desacertos em sua trajetória, além de não ter uma boa relação com as memórias de sua mãe.

Eulália apresenta uma personalidade facilmente influenciável, tanto que se casa com Amerigo Palumba e logo se deslumbra com todas as promessas de fortuna e ostentação que ele apresenta, até convencê-la a persuadir o pai a entregar o controle dos bens da família Assumpção para o genro. Amerigo dá um golpe no protagonista e some com o dinheiro da família, deixando enormes dívidas a serem pagas pelo sogro. Salienta-se que o esposo de Eulália não só acentua ainda mais a decadência dos Assumpção pelo golpe financeiro, como também, numa visão conservadora, a entrada do rapaz na família indicaria mais um escândalo, visto que ele não tinha berço aristocrático, era um imigrante italiano e o seu pai enriquecera estripando porcos:

[...] ao sobrenome Assumpção se acrescentara um Palumba. Confesso que eu também me divertia com Amerigo Palumba, principalmente ao ver o escudinho na sua lapela, com a coroa do partido monárquico italiano. O lenço de seda, a abotoadura de brilhantes, a pérola na gravata, tinha lá sua graça o estilo, se você considerar que o velho Palumba enriqueceu em São Paulo estripando porcos (LD, p.37).

O imigrante Amerigo Palumba deixou muitas dívidas ao Assumpção e abandonou sua esposa grávida, à espera do filho do casal. O jovem Eulálio d'Assumpção Palumba cresceu então sob a tutela da mãe e do avô materno. Muito inteligente e interessado pela política desde pequeno, Eulálio Palumba trouxe nova alegria à vida do seu avô:

Mas ainda que assim fosse, ela já havia me recompensado com o Eulalinho, que virou um filho para mim. Por ele até rememorei antigas berceuses, não me encabulava de cantarolar baixinho, quando no meio da noite o garoto se metia na minha cama, assustado com alguma coisa. Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas. Apeguei-me ao garoto, que malgrado o Palumba no nome e as feições um tanto rústicas, pertencia com certeza à minha estirpe (LD, p. 125).

Ao crescer, o jovem tornou-se comunista e, em meio às suas atividades clandestinas, engravidou uma companheira de partido. A moça, porém, foi presa e na cadeia nasceu Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior. Como o pai do menino provavelmente já havia morrido, pois os militares não deram notícias concretas sobre ele, Palumba Júnior, assim como o seu pai, também foi criado por Eulálio e sua filha:

O coronel me cumprimentava pelo filho do Eulálio, recém-nascido no hospital do Exército [...]. O bebê deveria ser confiado a seus parentes mais próximos, uma vez que a mãe, conhecida apenas por nomes fictícios, lamentavelmente falecera no trabalho de parto (LD, p. 145).

Em casa, o menino será criado mais pelo bisavô, pois Maria Eulália rejeitará o neto. Essa rejeição tanto será pelo que ocorrera ao seu filho, como também desvelará uma relação de preconceito, a considerar-se que o menino é negro. Por mais que o protagonista se esforce, o bisneto não é dado aos estudos, vai para uma escola pública e desde cedo demonstra ter o mesmo apetite sexual do seu tataravô: “Nem buço o moleque tinha, quando notei que se dedicava a espiar mulheres na avenida. E me arrepiei porque, de relance, num mero meneio de cabeça ele encarnou meu pai” (LD, p. 150). Ademais da semelhança com o senador, à proporção que cresce, Palumba Júnior se torna fisicamente semelhante a Matilde - “Da noite para o dia os cabelos se encrespam, o nariz de batata engrossou mais ainda, e quanto mais o menino escurecia, mais me perturbava a sensação de conhecer sua cara de algum lugar” (LD, p. 148-149). A princípio, Eulálio finge não perceber que a semelhança entre a sua esposa e

o seu bisneto se dá pelo fato de ambos serem negros e, quando Maria Eulália faz essa afirmação, o protagonista nega de modo veemente:

Era curioso porque, tirante o preto Balbino e um ou outro criado, eu não tinha muita gente da raça nas minhas relações, nem nunca avistei a mãe do menino, a dos nomes fictícios. E a cor do menino provinha dela, logicamente eu não poderia esperar de um neto comunista que se juntasse com moça de pedigree. Mas ora, ora papai, disse Maria Eulália, está na cara que esse aí puxou à minha mãe mulata. Não sei quem abastecia minha filha com tantas maledicências, Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata (LD, p.149).

Palumba Júnior assemelha-se a Matilde não só por ser negro, mas também porque herda da bisavó o interesse pelos costumes populares, pelas “músicas baratas” (LD, p.149), como Eulálio define. No entanto, o que se sobressai é realmente a similaridade com o senador, visto que o menino olhava as mulheres “como quem atendesse a um chamado” (LD, p.150), repetindo, assim, um comportamento semelhante ao do tataravô. Para o protagonista, a diferença entre seu pai e seu bisneto é que Eulálio Ribas fora racista e só apreciava loiras e ruivas. O tataraneto, por sua vez, não faz distinção de raça, idade, função social e se envolve com todos os tipos de mulheres. Acostumado a ver o bisneto com as “empregadinhas do bairro” (LD, p.150), o narrador até se surpreende no dia em que o jovem aparece em casa com uma moça branca, cheirosa e moradora de Copacabana. Coincidentemente, essa senhorita é neta de Anna Regina de Albuquerque, irmã de Matilde. A cunhada de Eulálio logo o convida para um chá e, enfática, esclarece que deseja ver Palumba Júnior afastado de sua neta. O bisavô de Júnior conversa com ele sobre os riscos de uma união entre ele e a jovem, porém, o bisneto explica que não tem interesse em compromisso e logo se envolve com outras mulheres.

A trajetória de conquistas amorosas do jovem é brutalmente interrompida numa noite em que ele fora a um motel, acompanhado por uma mulher rica e mais velha do que ele, em um carro de luxo:

Corri ao motel Tenderly, onde meu bisneto jazia nu de borco num carpete com cheiro nauseante. Segundo o delegado, os funcionários do motel suspeitaram de um seqüestro, quando viram entrar uma quarentona jeitosa num carro de luxo, tendo no banco do carona um jovem de aparência humilde. Hesitavam em chamar a polícia,

quando ouviram seis estampidos, e não houve tempo de anotar a placa do carro que partiu em disparada. Precipitaram-se a socorrer a senhora e, qual não foi sua surpresa ao dar com o corpo do suposto delinqüente (LD, p. 152).

Do mesmo modo que o senador Assumpção fora assassinado por suas relações amorosas proibidas, Palumba Júnior também é morto em função de um dos seus casos amorosos. Destaca-se a similaridade das duas mortes, tanto pela brutalidade dos fatos quanto pela motivação sexual dos crimes, ao tempo em que se observa a relação entre elas como uma provável herança do senador para o seu tataraneto. Ademais, as mortes se unem por marcarem momentos da degradação dos Assumpção: a primeira como o início da decadência familiar e financeira desse clã e a segunda, como um aviso da proximidade do fim dessa já desestruturada família. Para o narrador, que foi sozinho ao enterro do bisneto, “os coveiros estavam de má vontade, e quando o caixão bateu com o peso no fundo da tumba, o baque abafado [...] soou como o fim da linha dos Assumpção” (LD, p.152). Esse momento pode ser visto como um prenúncio de que a derrocada final dos Assumpção estava já muito próxima e, de fato, ela se concretizará por meio do tataraneto de Eulálio.

Assim como Eulálio Palumba sumira/morrera e deixara um filho, Júnior também terá um herdeiro: Eulálio d’Assumpção Palumba Neto. O tataraneto do protagonista é filho de Júnior com a neta de Anna Regina, a cunhada de Eulálio. Em razão da pele branca e dos olhos azuis do menino, o narrador terá dúvidas quanto à paternidade do garoto, porém, ainda assim, ele e a filha criarão o menino:

Cá entre nós, tenho dúvidas quanto à ascendência do rapaz, dado como filho póstumo do meu bisneto Eulálio. Os senhores vão cair para trás, mas meu bisneto era tão preto quanto o chefão aí da quadrilha. Teve um caso passageiro com a mãe da criança, moça muito refinada, por quem não ponho a mão no fogo. Pelo sim, pelo não, criamos o garoto, que recém-nascido nos foi entregue em domicílio pelo chofer particular de madame Anna Regina de Souza Vidal Pires de Albuquerque (LD, p. 168).

Ao contrário do comportamento que teve com o neto, Maria Eulália se vê muito apegada ao seu bisneto – provavelmente em razão de ele ser branco e não negro. Por essa razão, descobre nele semelhanças com o bisavô dela: “metido a galã, cabelos claros ondulados, para Maria Eulália seu olhos azuis lembram os do meu avô” (LD, p. 168) e dá ao menino muito carinho e mimos, cujos afagos ele

retribui à bisavó com carinho. Contudo, o excesso de mimo interfere negativamente na educação do jovem, que não gosta de estudar, não completa nem o curso primário, comete atos de vandalismo, rouba dinheiro do tataravô e da bisavó e apenas se preocupa em manter uma boa aparência. Maria Eulália finge não enxergar o que ocorre dentro de casa e ainda apóia o bisneto, acreditando que ele teria um excelente futuro.

O tataraneto de Eulálio agrava ainda mais a decadência da família Assumpção ao se tornar um traficante: “Porque meu tataraneto, você sabe, faz comércio de entorpecentes, acho que outro dia o vi com a namoradina nessa televisão, os dois algemados num aeroporto, escondendo a cara” (LD, p. 120). No entanto, a completa degradação da família ocorre quando o rapaz toma um empréstimo financeiro com um pastor e, como não paga, o líder religioso despeja Eulálio e a filha do apartamento em que moravam, pois o imóvel está no nome do tataraneto e essa foi a garantia dada para o agiota. A fim de usufruir rapidamente do apartamento e das vantagens que o imóvel lhe proporcionaria, o pastor decide alojar o protagonista e sua filha no subúrbio, onde lhes cede provisoriamente um cômodo nos fundos de sua igreja:

Finalmente o pastor Adelson se compadeceu da nossa situação, dizendo-se homem de Deus, antes que agiota. E esperando em Deus que o irmão Eulálio em breve reapareceria são e próspero, nos ofereceu um teto provisório. Tratava-se de uma casa de um só cômodo pegada à sua igreja nos arredores da cidade, uma hospedagem sem dúvida modesta, porém decente (LD, p. 176).

Essa é a completa decadência para os Assumpção, que se tornam moradores do subúrbio, vivem de favor nos fundos de uma igreja evangélica e já percebem que, até mesmo no tráfico de entorpecentes, a família não teve sucesso. Em sua nova residência, durante um banho, Eulálio cai no banheiro, que ficava fora da casa, e precisa ser hospitalizado. A princípio, financiado pelo tráfico, Eulálio é instalado em um hospital particular, visto que o tataraneto pagava um plano de saúde para o idoso. Ao final da narrativa, entretanto, em razão de o tataraneto também entrar em declínio financeiro e não mais quitar as mensalidades do plano médico, Eulálio encontra-se abandonado no corredor do hospital particular à espera de uma vaga num hospital público, o que indicia a falência familiar inclusive nos negócios ilícitos: “ouço rumores de que estou na fila para uma vaga em um hospital



público [...]. No início me revoltei contra os maqueiros por me largarem assim no corredor” (LD, p. 183). Como o jovem não detém poder nem no tráfico de drogas, a derrocada da família Assumpção é total e assim percebe-se a trajetória de queda de uma família da aristocracia que, durante muito tempo, exerceu grandes cargos na política brasileira, nem sempre por competência, mas sim por compadrio.

Desse modo, em **Leite derramado**, tem-se a representação da supremacia e do declínio de uma tradicional família a partir do viés de um homem fruto de uma educação conservadora e, ao mesmo tempo, sufocado por essa educação, sem conseguir expressar sua subjetividade frente às ideias do seu clã. Imbricada a essa visão, é apresentada a história do Brasil sob a ótica do poder e do amargor de quem já esteve nos altos patamares do prestígio social, mas que na atualidade faz parte da escória popular, como nomeia o narrador, sem perder os traços de sua herança escravocrata e preconceituosa.

Sérgio Buarque de Holanda (1995), em **Raízes do Brasil**, analisa que a formação social brasileira ocorreu, em parte, numa tentativa de importar os costumes portugueses e reproduzi-los em terras tropicais. Essa imitação ocorreu, em especial, por parte de uma elite escravagista, que pode ser facilmente aproximada, no romance de Chico, à família Assumpção. Sobre essa similaridade, Álvaro Silva e Reinaldo Moraes comentam:

Sérgio Buarque de Holanda, de seu lado, talvez enxergasse no percurso de Eulálio o registro literário da extinção da base social e do modo de vida de uma elite rentista que praticava seu portuguesinho escurrido, mantendo a devida distância da fala popular, enquanto exercia seu mandonismo corrupto e ineficiente, marca do poder de origem rural e lusa, segundo o autor do seminal *Raízes do Brasil* (SILVA; MORAES, 2009).

Quando se referem ao mandonismo corrupto e ineficiente, os autores suscitam outra temática ligada a **Raízes do Brasil**, que é a do homem cordial. Esse é o título de um dos capítulos da obra de Sérgio Buarque de Holanda, pai do Chico Buarque, e é inevitável apontar alguns elementos desse possível diálogo entre os dois textos. Obstante a relação pai e filho, assim como o intervalo de setenta anos entre as duas obras, nota-se que há no romance a representação do homem cordial na figura de Eulálio; a narrativa biográfica do protagonista representa um indivíduo que acreditou mais do que tudo no seu sobrenome, no personalismo das relações sociais e comerciais, pensando que a tradição familiar, pelo prestígio e as relações

personais suscitadas, lhe abriria todas as portas necessárias para a continuidade de um futuro com as ostentações do passado:

Mas eu não tinha dúvidas de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha. De trás dela, me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava. E esta me anunciaria com presteza à pessoa influente, que desceria as escadas para me buscar. E me abriria seu gabinete, onde já me aguardariam várias chamadas telefônicas. E pelo telefone, poderosas pessoas me soprariam as palavras que desejavam ouvir. E de olhos fechados, eu molharia pelo caminho as mãos que meu pai molhava. E pelo triplo do preço tratado me comprariam os canhões, os obuses, os fuzis, as granadas e toda a munição que a Companhia tivesse para vender. Meu nome é Eulálio d'Assumpção, não por outro motivo a Le Creusot & Cie. me confirmou como seu representante no país (LD, p.43-44)

Observa-se, a partir dessa passagem, que a noção de homem cordial, de acordo com Holanda (1995), remete ao indivíduo dominado pelo coração e, portanto, emotivo. O problema dessa característica está no momento em que a cordialidade passa do fórum íntimo para o público e se estende até as relações burocráticas, por exemplo. Assim, o homem cordial transita pelo viés da personalidade nas esferas públicas e privadas, como o faz Eulálio, no romance **Leite derramado**. O protagonista, ao planejar seu futuro tendo por base o sobrenome familiar e as relações sociais que a sua aristocrática família mantinha, representa justamente essa concepção de cordialidade que leva para a esfera do trabalho, por exemplo, as relações desenvolvidas por meio da amizade ou da influência de um sobrenome, como a dar um “jeitinho” para que tudo fosse resolvido da melhor forma possível.

Em meio à formação social narrada, destaca-se no romance o racismo tanto como marco dessa sociedade conduzida por uma elite conservadora, quanto como característico da história do Brasil. Quanto às questões raciais presentes na narrativa de Chico Buarque, Eurídice Figueiredo (2010, p.232) afirma:

O racismo de Eulálio é correlato de sua subserviência colonial em relação ao francês [Dubosc], emblematizada pela foto tirada no porto no dia de sua chegada, na qual se vê como um lacaios, segurando o sobretudo e a pasta de couro do engenheiro francês. Nota-se também um jogo cromático nas roupas usadas: Eulálio veste terno preto e chapéu de coco, enquanto o francês, mais alto que ele, traça um terno claro (bege ou cinza) com uma palheta meio torta na cabeça.

Assim, Figueiredo apresenta um lado do racismo existente no romance, a considerar-se o modo como Dubosc trata Eulálio, sempre de forma arrogante, e a relação de inferioridade com a qual o protagonista analisa-se frente ao engenheiro francês. Por outro lado, entretanto, o narrador inverte os papéis e mostra-se racista quanto aos negros, em especial, no relacionamento com Matilde. Agora, nesse caso, para Eulálio, ele é quem assume uma posição de superioridade. Por esse viés, é possível afirmar que o casal Eulálio e Matilde simboliza um meio de tentar entender a história desse país, cujo legado colonial e escravocrata ainda dita as relações sociais. Percebe-se, então, um delineamento pessimista, como a explicar a impossibilidade de conciliação dessa relação em um país marcadamente racista, por mais que se tente disfarçar isso no cotidiano.

Ademais, ressalta-se que essa trajetória de queda dos Assumpção não somente revela a necessidade de o Brasil lidar de modo mais claro e objetivo com o racismo presente em sua sociedade, e todas as consequências disso, mas também que é preciso agir no agora, fazer do país o Brasil do presente e não do futuro, como Eulálio que projetou e esperou por um tempo vindouro de riquezas sem que ele efetivamente trabalhasse para construir isso. Desse modo, restaria então ao país, quiçá, não chorar pelo leite derramado, mas sim reinventar sua história, aprendendo a conviver com as memórias do passado, pois este, como diz Sarlo (2007), está sempre a espreitar o presente. E já que ele é um companheiro, que sirva então para auxiliar a traçar novos caminhos em um país no qual, mesmo quando decadente, certa elite ainda mantém sua costumeira empáfia, tentando disfarçar o incômodo fato de que frequenta hospitais entregues às baratas e mora nos subúrbios das grandes cidades.

### 3. PORTUGAL: A MEMÓRIA E AS ANGÚSTIAS DO PRESENTE

*Quando perdi minha mulher foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida.*  
(Eulálio, em **Leite Derramado**)

**a máquina de fazer espanhóis** (2011), de Valter Hugo Mãe, escritor português nascido em Angola, no período em que esse país ainda era colônia portuguesa, pode ser considerado um romance que problematiza a reconfiguração do passado no tempo presente. Essa perspectiva é válida especialmente quando se analisa a representação contemporânea de parte da cultura portuguesa a partir dos entrecruzamentos entre história e literatura, nessa narrativa que retoma o contexto histórico do período ditatorial salazarista em Portugal.

Mãe, que artisticamente prefere ter seu nome grafado em letras minúsculas, adota na prosa um estilo fluente, marcado por traços da oralidade, com cenas que trazem a representação de um tempo contínuo, oscilante entre memórias e presente. Destaca-se também o escasso uso de pontuação, sem diferenciar, na maioria das vezes, letras maiúsculas das minúsculas, e a adoção de um fluxo narrativo rápido.

Lançado em Portugal no ano de 2010, o romance em estudo tem como narrador-personagem um senhor de 84 anos, chamado António Jorge Silva. A narrativa inicia-se com a angústia de Silva em um hospital, à espera de notícias de Laura – sua companheira por 54 anos. Informado, por fim, que sua esposa falecera, à dor do octogenário soma-se a insegurança e o rancor de ser levado para um asilo por intermédio de sua filha. Esses sentimentos vividos na velhice suscitam lembranças de um tempo passado, no qual outros sofrimentos também foram intensamente sentidos em razão do período da ditadura salazarista.

Em cenas de *flashback*, Silva retorna à época do salazarismo e relembra memórias desse período, experiências dolorosas que interferiram na sua trajetória e no próprio destino do país, implicando questionamentos sobre a construção da identidade cultural portuguesa. No romance, também há uma abordagem quanto à velhice, um questionamento acerca da visão de inutilidade e pessimismo que ronda

a chamada terceira idade, principalmente quando é relatada a dor daqueles que são isolados do convívio familiar e passam a morar em asilos, tendo que se readaptarem a outro modo de viver.

A partir do relato memorialístico ficcional, cujo enredo inter-relaciona literatura, história e memória, António Silva revisita de modo questionador alguns dos grandes símbolos da cultura portuguesa, como Camões, Amália Rodrigues, Salazar, Nossa Senhora de Fátima, Fernando Pessoa, dentre outros, e analisa de que modo essas figuras estiveram a serviço do discurso ditatorial ou, ao contrário, foram de encontro a esse discurso. De tal modo se configuram os relatos do protagonista que, por meio desse romance, torna-se possível analisar traços de uma memória que é, a princípio, individual, mas também se mostra coletiva a partir do imbricamento entre a ficção e a historiografia portuguesa.

### **3.1 a máquina de fazer espanhóis: a história de Portugal revisitada**

No momento em que António Jorge Silva está aguardando por informações sobre Laura, o atendente do hospital, também Silva, Cristiano Silva, tenta estabelecer uma conversa com o protagonista e já aí se discute sobre a história portuguesa ao ser referenciada a relação entre Portugal e Espanha, direcionada para uma problematização acerca de o que é “ser português”. O Silva atendente mostra-se um entusiasta da europeização, como se essa fosse a grande solução para a crise vivenciada em Portugal. Na voz do recepcionista, a afirmação de sua identidade: “a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa”.<sup>7</sup>

Por sua vez, António Silva mostra-se reticente tanto quanto ao momento vivenciado em Portugal, em virtude do que ocorrera antigamente, quanto a todo esse entusiasmo de Silva pela Europa. O narrador, ao vivenciar as necessidades do seu novo presente – sem a esposa e num asilo – volta-se às muitas dificuldades que teve no passado e relembra o quanto foi doloroso construir sua vida em Portugal durante o Estado Novo. Silva, influenciado pelas perdas consecutivas que sofre,

---

<sup>7</sup>MÃE, Valter Hugo. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 13 – registra-se que o autor não utiliza, na maioria das vezes, letras maiúsculas em seu texto. Todas as demais citações foram retiradas dessa edição, passando-se apenas a indicar MFE em referência ao título, com o número das respectivas páginas.

observa de modo pessimista a sua realidade, sem perspectivas, e atribui isso à época manipulada por Salazar e pela Igreja. Na formação social e identitária nacional portuguesa, muitos símbolos foram apresentados e consagrados como ídolos, a exemplo de Amália Rodrigues, a cantora dos fados de Portugal, ou mesmo a imagem de nação gloriosa que se fortaleceu através do time de futebol Benfica. Em sua narração, Silva analisa o impacto desses ícones na vida e na memória dos portugueses e os delinea como mais um instrumento de manipulação, uma forma de desviar a atenção do povo das questões políticas para impor às pessoas a imagem de uma nação ordeira e pacífica, em cujo cenário importava ser um homem de bem. Não por acaso, Silva inicia a narração afirmando:

somos bons homens. não digo que sejamos assim uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons homens e ainda conservamos uma ingénua vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhadores (MFE, p. 11).

Nessa passagem, é possível observar que o protagonista, desde o início da narrativa, problematiza características culturais de seu país, como, por exemplo, a noção de que os portugueses devem ser bons homens, ordeiros e pacíficos, obedecendo, assim, ao que fora ensinado na ditadura salazarista, quando o líder político assumia a função de pai do povo e ordenava o bem comum, a responsabilidade dos cidadãos em agirem em nome da pátria e se conformarem com a condição ditatorial. Salienta-se que esse fragmento citado está no primeiro capítulo, que é intitulado “o fascismo dos bons homens”. O próprio título já indicia a problematização acerca do salazarismo, visto que os portugueses são culturalmente conhecidos por serem pacíficos – imagem que fora vendida e construída durante o período salazarista – e a palavra fascismo denota um regime nacionalista e ditatorial, caracterizado pelo cerceamento da liberdade dos cidadãos.

Para o historiador português Fernando Rosas (2001), durante o Estado Novo, houve a tentativa, por parte do governo, de construir um novo homem, o homem estadonovista, com um pensamento calcado na inter-relação entre o Estado e a Igreja:

[...] o salazarismo neste período da sua história, assente numa certa ideia mítica de nação e de interesse nacional, tentou, também ele, ‘resgatar as almas’ dos portugueses, integrá-los, sob a orientação unívoca de organismos estatais de orientação ideológica, ‘no

pensamento moral que dirige a Nação', 'educar politicamente o povo português' num contexto de rigorosa unicidade ideológica e política definida e aplicada pelos aparelhos de propaganda e inculcação do regime e de acordo com o ideário da revolução nacional. Neste contexto, sustenta-se a ideia de que o Estado Novo, à semelhança de outros regimes fascistas ou fascizantes da Europa, alimentou e procurou executar, a partir de órgãos do Estado especialmente criados para o efeito, um projecto totalizante de reeducação dos 'espíritos', de criação de um novo tipo de portugueses e de portugueses regenerados pelo ideário genuinamente nacional de que o regime se considerava portador (ROSAS, 2001, p. 1032).

A afirmação de Rosas acerca do projeto ideológico do salazarismo confirma o discurso de Silva em relação à subjugação dos portugueses durante esse período político. Ademais, essa criação de tipos de portugueses referenciada por Rosas alude à imagem dos "bons homens" que Silva ressalta. Para o historiador, o projeto político do Estado Novo era o de firmar "uma ideia mítica de 'essencialidade portuguesa', transtemporal e transclassista [...] e a partir da qual se tratava de 'reeducar' os portugueses" (ROSAS, 2001, p.1034). Desse modo, baseado na ideia de educação direcionada para a essência do povo português, esse discurso foi construído a partir de alguns mitos ideológicos fundadores. Rosas concentra sua análise em sete mitos, a saber: mito palingenético, mito do novo nacionalismo, mito imperial, mito da ruralidade, mito da pobreza honrada, mito da ordem corporativa e, por fim, mito da essência católica da unidade nacional. A este estudo, interessa analisar de modo mais detalhado alguns desses mitos e observar como eles são representados e discutidos por Silva na sua narração.

Ainda que o narrador concentre suas memórias a partir do ano de 1950, é preciso salientar que o Estado Novo foi implantado em Portugal em 1933 e durou 41 anos, nos quais durante a maior parte do tempo quem esteve no comando do governo foi António de Oliveira Salazar. Mais precisamente, Salazar governou até o ano de 1968 e, posteriormente, foi substituído por Marcello Caetano. Entretanto, a narrativa de Silva enfoca de modo mais incisivo o período governado por Salazar e, foi durante o mandato dele que os mitos ideológicos fundadores do Estado Novo foram implantados e divulgados como verdades essenciais para os portugueses.

Segundo Rosas (2001), o mito palingenético é o primeiro sobre o qual se funda o discurso do Salazarismo, dada a necessidade de implantar a ideia de recomeço, de "renascença portuguesa", em virtude do contexto histórico. Era preciso suplantar "a 'decadência nacional' precipitada por mais de cem anos de liberalismo monárquico e do

seu paroxismo republicano” (p.1034). Desse modo, o primeiro mito fica intrinsecamente ligado ao segundo – do novo nacionalismo – em função de ser preciso resgatar a noção do nacionalismo mítico:

O Estado Novo surgia, assim, como a institucionalização do destino nacional, a materialização política no século XX de uma essencialidade histórica portuguesa mítica. Por isso, ele cumpria-se, não se discutia, discuti-lo era discutir a nação. O célebre *slogan* ‘Tudo pela Nação, nada contra a Nação’ resume, no essencial, este mito providencialista (ROSAS, 2001, p. 1034).

A partir da narrativa de Silva, observa-se o modo como esses dois mitos foram inculcados aos portugueses, e de tal modo foi eficaz que, mesmo após dezessete anos de Salazarismo, em 1950, o povo ainda vacilava entre ver o regime como um sistema de repressão e manipulações ou acreditar que realmente era benéfico para a população:

mas em mil novecentos e cinquenta as coisas não estavam ainda tão definidas, é isso que tento dizer. o certo e o errado eram difíceis de discernir. pois o Benfca ainda não se fizera glorioso, nem salazar parecia ainda o estupor que o povo pudesse reconhecer cabalmente. não sabíamos nada (MFE, p. 82).

A indecisão dos portugueses representada nas memórias do protagonista traduz-se também, muitas vezes, em aceitação ao nacionalismo, visto que ele era ensinado na escola de acordo com os valores estadonovistas, como lembra o octogenário: “quando as crianças daquele tempo estudavam lá la ri lá lá ela ele eles elas alto altar altura lusitos lusitas viva salazar viva Salazar, toda a gente achava que se estudava assim por bem” (MFE, p.82). Desse modo, com base nos valores nacionalistas ensinados, o protagonista ressalta que havia a crença “num país que se punha de orgulhos e valentias” (MFE, p.82) e essa crença estava ligada também ao quarto mito estudado por Rosas, o da ruralidade, que visava à valorização da terra, à afirmação de Portugal como um país agrário e à divulgação de uma visão telúrica, na qual o homem estava essencialmente ligado à sua terra.

Ainda que o mito da ruralidade não esteja totalmente representado no romance de Mãe, visto que a trama se direciona para uma vivência mais urbana, ele é fundamental para a compreensão de um dos aspectos mais criticados por Silva: a conformação dos portugueses com a pobreza. Isso porque o mito da ruralidade, ao



mesmo tempo em que reafirmava o caráter essencialmente agrário de Portugal, representava também uma oposição à industrialização e a modernização do país.

Se, por um lado, a terra era vista como “a primeira e a principal fonte da riqueza possível, o caminho da ordem e da harmonia social, o tal berço das virtudes pátrias” (ROSAS, 2001, p. 1053), por outro, isso representava “um discurso [...] de crítica à industrialização, de desconfiança da técnica, de crítica da urbanização e da proletarização, ou seja, de fundamentação de [...] uma vocação rural da nação” (ROSAS, 2001, p. 1053). Portanto, a vocação rural determinaria a pobreza do país e embasaria o quinto mito analisado pelo historiador português:

[...] o *mito da pobreza honrada*, o *mito da ‘aurea mediocritas’*, um país essencial e incontornavelmente pobre devido ao seu destino rural, no qual, como dizia António Ferro, ‘a ausência de ambições doentias’ e disruptoras de promoção social, a conformidade de cada um com o seu destino, o ser pobre mas honrado, pautavam o supremo desiderato salazaristado ‘viver habitualmente’, paradigma da felicidade possível. E, portanto, para usar uma expressão do próprio chefe do governo, ‘uma vocação de pobreza’ (ROSAS, 2001, p. 1053).

Esse mito é representado por António Silva como a aceitação e conformidade do povo português com a pobreza: “se aguentava a pobreza com uma paciência endurecida” (MFE, p. 82). Trata-se de um dos pontos mais veementemente criticados pelo narrador, que também revela como o governo se apropriou de alguns ícones portugueses a fim de que modelassem e reforçassem junto ao povo a noção de pobreza honrada. Em determinada passagem, o protagonista refere-se ao discurso da cantora de fados Amélia Rodrigues: “não é desgraça ser pobre, punha-se a amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho” (MFE, p. 134). Observa-se que o diminutivo é usado para atenuar a noção de pobreza, como a suavizar o fato de que o conforto era parco, mas que excedia o afeto na casa portuguesa, como a referenciar a ênfase em uma vivência pacífica, baseada na importância do coletivo. Nessa passagem da trama, destaca-se também que os alimentos postos à mesa, o pão e o vinho, reforçam o mito da ruralidade, enfatizando a inter-relação com a pobreza honrada.

Ademais, esse mito da pobreza também está relacionado aos dois últimos analisados por Rosas: o da ordem corporativa e o da essência católica da unidade nacional. A aceitação da pobreza impôs um processo de resiliência, no qual o português teve que aprender a lidar com essa condição financeira de penúrias, que

se torna condição nacional. Logo, o mito da ordem corporativa valoriza a coletividade e a noção de que cada um é responsável pelo bem-estar do coletivo. Silva, em sua narrativa, assim representa a sensação de responsabilidade coletiva:

havia uma decência, com um tanto de massacre, sem dúvida, mas uma decência que criava um porreirismo fiável que incutia em todos um respeito inegável pelo coletivo, porque estávamos comprometidos em sociedade, por todos os lados cercados pela ideia de sacrifício, pela crença de que o sacrifício nos levaria à candura e de que a pureza era possível. Íamos ser todos dignos da cabeça aos pés. Tínhamos ainda palavra de honra (MFE, p. 82).

Por sua vez, o mito da essência católica também se erige a partir da conformação com a pobreza e a preocupação com o coletivo. Para Rosas:

O sétimo e último, *o mito da essência católica da identidade nacional*, entendia a religião católica como elemento constitutivo do ser português, como atributo definidor da própria nacionalidade e da sua história. [...] Esclarecia ainda Carneiro Pacheco na sequência deste raciocínio: ‘Uma coisa é a separação do Estado e da Igreja que a Constituição de 1933 mantém, outra o espírito laico que é contrário à Constituição, à ordem social, à família e à própria natureza humana. Muito pior do que a treva do analfabetismo num coração puro é a instrução materialista e pagã que asfixia as melhores inclinações’ Portanto, e finalmente, uma vocação religiosa, cristã e católica da nação portuguesa (ROSAS, 2011, p. 1036).

A relação entre o Estado e a Igreja consagra Portugal como um país essencialmente católico e, no romance de Mãe, isso é representado e problematizado, de modo mais precípuo, pela referência à Nossa Senhora de Fátima. O protagonista estabelece com a imagem dessa santa uma relação de repulsa e humanização, a qual será analisada de modo mais específico ao longo deste capítulo. Entretanto, não é somente a alusão à santa que chama a atenção, pois Silva questiona também o modo como o relacionamento entre o Estado e a Igreja diretamente afetaram a educação portuguesa, promovendo uma aprendizagem que, na verdade, deseducou os portugueses, pois os tornava “cegos” para os abusos cometidos no governo de Salazar:

[...] toda a gente achava que se estudava assim por bem, e rezava-se na escola para que deus e a nossa senhora e aquele séquito de santinhos e santinhas pairassem sobre a cabeça de uma cidadania temente e tão bem comportada. assim se aguentava a pobreza com uma paciência endurecida; porque éramos todos muito robustos, na verdade, que povo robusto o nosso, a atravessar aquele deserto de

liberdade que nunca mais acabava mas que também não saberíamos ainda contestar (MFE, p. 82).

É possível observar que a manipulação em torno dos portugueses foi tão enfática que originou o sentimento geral de comodidade e aceitação, dificultando, assim, que contestassem essa situação. Em outro trecho da narrativa, durante uma conversa com os seus companheiros de asilo, Cristiano Silva, que a essa altura também já está no Lar da Feliz Idade, comenta:

é muito difícil tirarmos das ideias a educação que nos deram de crianças. Podemos ser todos inteligentes como super-homens, adultos feitos à maneira e pensantes livremente, mas a educação que nos dão em criança tem amarras para a vida inteira e, discretamente, aqui e acolá os tiques fascistas hão de vir ao de cima. já nem nos damos conta (MFE, p. 90-91)

No trecho citado, Cristiano referencia as amarras que regem os portugueses em virtude da educação que tiveram, com orientações fascistas, e o modo como isso interferiu no processo de resistência ao salazarismo, visto que sempre aprenderam a obedecer, a não contestar as diretrizes do Estado Novo. E esse foi, por certo, um dos mais importantes modos de controlar os portugueses e impingir-lhes a censura, cercear-lhes a liberdade. Não apenas porque a polícia portuguesa a tudo controlava, mas também porque a noção de coletividade e responsabilidade social construída levava os portugueses a se vigiarem e denunciarem aqueles que se posicionavam de modo contrário ao governo.

Silva, o narrador, ao rememorar um diálogo com sua esposa, relata sobre como era difícil romper com os ideais salazaristas em virtude do contexto histórico e ideológico vivenciado:

e eu começara a um bom tempo a comentar com a laura que nos punham de boca fechada porque o ditador achava que sabia tudo por nós. vai lá, português pequenino, fica sossegado e quieto no teu canto que para pensar estou cá eu, tão sapiente e doutor. e ele pensava que éramos de facto todos inertes e cordeiros, obrigados às manifestações de louvor e proibidos de contestação. o salazar pensava, na verdade, que na pior das hipóteses eram todos como eu, um pai de família acima de tudo, cuja maior rebeldia será abdicar da igreja, mesmo assim discretamente (MFE, p. 132).

Pelo fragmento, percebe-se que, gradativamente, a concepção de Silva sobre Salazar muda e essa nova orientação o leva a perceber as ações ditatoriais do

governo, do mesmo modo que também fica mais nítida a manipulação ideológica orientada para a construção do homem estadonovista português. Nesse trecho da narrativa, o octogenário igualmente analisa o catolicismo com mais rigidez e já delinea o quanto se afastara dessa religião. Entretanto, em função da constante vigilância coletiva e policial, até mesmo o afastamento religioso precisava ser feito de modo discreto e não declaradamente público. Esse cuidado que Silva tem ocorre em razão da tentativa de preservar a sua família e tentar mantê-la livre de suspeitas, evitando, assim, qualquer ato de violência contra ela.

Em virtude de rememorar o governo fascista, as lembranças do protagonista também revelam dolorosos momentos em que predominava a violência física e psicológica contra o cidadão que se mostrasse oponente ao regime ou mesmo que apenas discordasse de algumas ações políticas do governo. Ainda que essa pressão dos governantes seja representada pelos medos coletivos, Silva narra ao leitor suas memórias acerca de um jovem comunista, um entusiasta da oposição a Salazar. Oscilando entre a admiração pela coragem do jovem rapaz e o temor de que fosse delatado como um opositor ao Salazarismo, Silva, na primeira vez em que encontra o jovem, decide escondê-lo da PIDE, a polícia portuguesa: “eu olhei para aquele homem que ali se pôs diante de mim, emudecido de medo, e indiquei-lhe o compartimento interior da barbearia, [...] o homem imediatamente entrou ali e se agachou calado a fazer silêncio” (MFE, p.131). Logo após Silva esconder o homem em sua barbearia, aparece a polícia à procura do comunista e, ainda que tremesse de medo, o protagonista engana os policiais e vai para casa, deixando o jovem trancado em seu estabelecimento comercial. O narrador assim define o rapaz: “um homem muito mais jovem do que eu, ao contrário de ter se habituado à ditadura, andava a miná-la como sabia, criando brechas aqui e acolá para que ao menos se soubesse que o povo gangrenava descontente” (MFE, p. 132) e, com base nessa passagem, observa-se que há um tom de certa admiração nas palavras do protagonista em relação ao jovem comunista.

Ainda que houvesse uma parcial admiração, entretanto, contingenciado pelo contexto histórico-social do salazarismo, o narrador tende à preservação da sua família e, por essa razão, quando esconde o fugitivo, o protagonista não conta a ninguém sobre esse seu ato subversivo, nem mesmo a Laura, que era a sua fiel companheira, por temer a reação dela:

entrei em casa como se nada fosse e não disse palavra à Laura sobre o assunto. O seu coração humano entenderia talvez o gesto, mas os filhos [...] davam-lhe medos e prudências para tudo. preferiria, tenho a certeza, que nunca nos arriscássemos a nada. era o modo que tinha de fazer a sua parte pelo mundo. não bulir com coisa alguma. não arranjar nem querer confusões. por isso não gostava que eu discutisse com ela as coisas da política. queria que a política não fosse um assunto lá de casa. haveríamos de apreciar a poesia, o folclore e uns fados (MFE, p.133).

O comportamento de Laura, ao mesmo tempo em que representa uma postura ensinada pelo Salazarismo, a de conformidade com a situação social, econômica e política de Portugal, igualmente denota o temor comum a todos os que percebiam além das aparências do regime, mas que precisavam disfarçar essa percepção para sobreviver, pois, como diz Silva, “o que o estado novo menos queria de nós era a resistência, a manifestação de uma ideia diferente como sinal de esforço para sairmos do meio da carneirada” (MFE, p.132).

Após deixar o rapaz trancado na barbearia, Silva retorna no dia seguinte para abrir o seu comércio como habitualmente fazia todas as manhãs. Ainda que estivesse com muito medo, ele encontra o jovem nos fundos da loja e os dois começam a conversar. Nessa passagem, a violência da ditadura salazarista é retratada de modo mais enfático por meio das revelações que o jovem faz: “e ele acrescentou, isto agora está mesmo a rebentar. mataram uma rapariga, sabia, perguntava ele. andam a matar cada vez mais gente e isto agora vai abanar. O povo tem de ser livre, senhor, o povo tem de ter paz” (MFE, p. 135). A partir desse encontro, aparentemente, estabelece-se uma relação de amizade entre António Silva e o jovem.

Durante nove anos, o rapaz segue sua vida com algumas visitas esporádicas à barbearia de Silva, sempre levando notícias sobre a oposição ao Estado Novo. Entretanto, mesmo que se sentisse de algum modo satisfeito a cada visita do jovem por saber que alguém lutava contra aquele sistema, o protagonista também via crescer o medo de que delatassem a presença do comunista em seu comércio e isso o levasse à prisão. Na tentativa de evitar que isso ocorresse, ambos fizeram um acordo, no qual combinaram que o rapaz não levaria à barbearia nenhum tipo de panfleto ou livro comunista a fim de não levantar suspeitas. Contudo, no ano de 1971, com o Estado Novo já sob o comando de Marcello Caetano, Silva sucumbiu à pressão da PIDE e denunciou o seu cliente comunista, que foi preso na frente do narrador:

no dia vinte e cinco de setembro de mil novecentos e setenta e um, quando entraram na minha barbearia os pides que levaram o rapaz que, nove anos antes, eu ajudara a escapar, achei que fazia o que tinha de fazer. e assim me senti como a saber e a arquivar o assunto como algo que ocorrera, com outras pessoas, verdadeiramente como algo de que soubesse apenas a partir da televisão (MFE, p. 175)

A indiferença do protagonista quanto à prisão do rapaz, a princípio, pode parecer contraditória frente à admiração que ele sentia pela coragem do jovem. Entretanto, é preciso considerar que Silva vivia uma condição muito complexa e tensa, não apenas sob a pressão da PIDE e do regime, mas também em relação à sua condição de chefe de família, daquele que deveria proteger a mulher e os filhos. É na conjuntura dessas características que ele opta por entregar o cliente e continuar sobrevivendo em meio à ditadura. Para pressioná-lo, a polícia primeiro rondou Laura e, depois, cercou-lhe numa noite em que chegava em casa:

eu entregara-o três dias antes. Os pides andavam às perguntas à Laura, que genuinamente não sabia de nada, e achavam que pelo pé da nossa família tinha de haver lixo. apanharam-me a chegar a casa e entraram para um café e umas horas de inquérito. eu não tinha informações, era apenas um barbeiro e, por mais que se converse em uma barbearia, nunca se fala de outra coisa que não futebol, mulheres bonitas e doenças. e depois reiteraram a ideia, foram muitos concretos, achavam que um cliente do meu estabelecimento estava na resistência, pertencia a uma oposição agressiva, de passar armas entre os malfeitores e atentar contra a ordem pública que era preciso preservar [...] assim que me vi em segurança, comecei a colaborar. passei em revista os clientes. um a um como a lembrar-me de um a um a preceito. sabia que chegaria àquele e que, se levantasse uma suspeita, eles teriam o resto para incriminá-lo. assim o fiz. comecei por dizer o seu nome, depois descrevi-o fisicamente em traços breves (MFE, p. 174).

Na velhice, já no asilo e tempos passados após a prisão do jovem comunista, o narrador revela sua impressão acerca do comodismo e da suposta indiferença que ele teve de construir para entregar o rapaz:

tudo era para que não praticássemos cidadania nenhuma e nos portássemos apenas como engrenagem de uma máquina a passar por cima dos nossos ombros, complexa e grande demais para lhe percebermos o início, o fim e o fito de cultivar a soberba de um só homem. tudo contribuía para essa cidadania de abstenção, para que apenas a recebêssemos por título honorífico enquanto prosseguíssemos sem manifestação. como se humilham as mulheres enquanto homens honorários, nós éramos gente exclusivamente por generosidade do

ditador. portei-me como tal. um mendigo de reconhecimento e paz. fui, como tantos, um porco (MFE, p. 175).

Essa consciência de Silva sobre sua covardia torna-se dolorosa, mas amenizada pela certeza de que o regime era mesmo implacável e, portanto, tratava-se de sobrevivência. A esse cenário de muita opressão imposta pelo regime, as memórias do protagonista levam-no a revisitá-lo, questioná-lo e debatê-lo, observando também o modo como esse passado contingenciou a dura realidade contemporânea em Portugal. Dessa forma, a rememoração da história portuguesa ou, de modo mais específico, do salazarismo, torna-se elemento essencial para a reconfiguração dessas memórias, propiciando uma problematização das angústias do tempo presente em virtude dos sofrimentos do tempo passado.

### **3.2 A agonística memória histórica portuguesa**

Em **a máquina de fazer espanhóis**, quando António Silva é levado para o Lar da Feliz Idade por sua filha Elisa, ele precisa reaprender a viver, tanto fora de seu verdadeiro lar quanto sem a companhia da sua amada Laura. A princípio, Silva se recusa a conversar com as pessoas do asilo e, de modo muito doloroso, vê o seu mundo ruir. Esse espaço propicia ao narrador a oportunidade de rever suas memórias e reconstruir a vida em meio a dor e aos novos companheiros. Por seis dias Silva emudece e não permite a aproximação de ninguém. Contudo, por força das circunstâncias, ele acaba desenvolvendo alguns laços afetivos no asilo e, em meio às conversas e rememorações, o protagonista revisita a história de Portugal. Nesse processo, estabelece-se uma discussão em torno da memória coletiva portuguesa, representada a partir da subjetividade de um homem que vivenciou o regime salazarista.

Discutir a memória com base em alguns fatos históricos implica observar a trajetória de um país que já tivera planos de ser um grandioso império, que conquistara e colonizara terras além-mar, mas que não conseguira manter toda a sua imponência e, por isso, voltou-se aos caminhos interiores da terra portuguesa. Desse modo, quando o Estado Novo surgiu com a sua imposição cultural e o projeto de construir o homem estadonovista, foi preciso direcionar o discurso ao que era

mais caro aos portugueses: o nacionalismo. Entretanto, logo veio aos portugueses a percepção de que a condução nacionalista era também fascista e, ao fim de quarenta e um anos, a Revolução dos Cravos trouxe, dois anos após o movimento militar, a democracia de volta aos portugueses. Nesse tempo, era preciso então pensar novamente a nação: como reconstruí-la? Quais os novos (ou velhos?) caminhos a seguir?

Lançado em Portugal no ano de 2010, trinta e seis anos após o 25 de abril de 1974, portanto, **a máquina de fazer espanhóis** retoma questionamentos acerca da situação portuguesa, contudo, de modo mais veemente, apresenta uma memória agonizante, pessimista, como se já fosse tarde demais para as respostas esperadas. É justamente a partir dessa memória histórica agonística que este estudo desenvolve uma análise sobre a relação estabelecida entre as memórias do passado e a instabilidade da contemporânea realidade.

De modo enfático, a narração de Silva questiona o que é ser português, quais os delineamentos da cultura portuguesa e de que forma fora construído o orgulho nacional. Como um primeiro aporte para atender a essas questões, defende-se a noção de que o romance de Mãe traz uma orientação lusista disfórica e, para tanto, faz-se necessário analisar o processo eufórico e disfórico do lusismo, retomando-se alguns dos mais importantes fatos da história portuguesa, como, por exemplo, a origem traumática portuguesa, que se deu a partir do confronto matricida entre Afonso Henrique e sua mãe pela posse da terra (PADILHA, 2005).

Para Laura Padilha (2005) e Eduardo Lourenço (2001), Portugal origina-se da confrontação com o outro, o que evidencia a noção de que desde a sua origem, a construção da identidade portuguesa esteve em constante negociação simbólica. De acordo com Laura Padilha,

[...] para construir-se como diferença, no espaço ibérico, Portugal, de início, defrontou o outro, castelhano, desde a criação, por Afonso Henriques, da primeira dinastia (a afonsina). Para fazer-se dono das terras, já alargadas pelo pai, Henrique de Borgonha, o filho lutou, contra a mãe e o padrasto, pela posse do território. Nasce, desse enfrentamento matricida, o que podemos chamar, com Lourenço (1988), de origem traumática do estado português, traumatismo que assinalaria desde sempre a 'comunidade imaginada' (Anderson, 1989) que chamamos Portugal (PADILHA, 2005, p. 6).



É possível observar então que a origem do Estado Português se dá a partir de confrontamentos com o outro e, desses confrontos, advém a necessidade de construir a identidade portuguesa, a qual erige-se a partir do lusismo. Pautada em Hall (2003), Padilha defende que o lusismo pode ser delineado como elemento identificador da cultura lusitana e é por meio dele que se constrói a ideia de grande nação portuguesa. No artigo “Da construção identitária a uma trama de diferenças”, Laura Padilha (2005) faz um retrospecto de como o vocábulo lusismo deixa de ser conceituado simplesmente como um elemento linguístico, tal como define Antenor Nascentes, “vocábulo, expressão, construção, próprios do português falado em Portugal” (NASCENTES, 1972, *apud* PADILHA, 2005, p.5) para ser analisado como um sinônimo de lusitanidade - segundo Antônio Houaiss, como: “caráter ou qualidade peculiar, individualizadora, do que ou de quem é português” (HOUAISS, 2001, *apud* PADILHA, 2005, p. 5).

Em sua análise, a professora observa que o movimento de glorificação dos lusos e da cultura portuguesa começa a se delinear nas crônicas de Fernão Lopes e Gomes de Zurara quando esses cronistas, a partir do confronto matricida realizado por Afonso Henriques, marcam Portugal como uma comunidade imaginada pela diferença no espaço ibérico. Aqui tem início o processo eufórico do lusismo, cujo apogeu se dá com *Os Lusíadas*, de Camões. A epopeia camoniana marca, já em seu canto I, terceira estrofe: “Cesse tudo o que a Musa antiga canta / Que outro valor mais alto se alevanta” (CAMÕES, 1972). É a construção eufórica do lusismo a partir de um fato histórico, o império lusitano marcado pela expansão ultramarina, pela conquista de novas terras na América, África e Ásia. É principalmente esse texto épico que marca o mar como espaço imagético de expansão e confronto com o outro, do mesmo modo que a conquista do mar é o passaporte para a expansão do império português e a dominação cultural e linguística empreendida pelos lusitanos.

Entretanto, se as aventuras marítimas trouxeram glória e fama, o projeto imperialista português também entrou em declínio e, a partir daí, começa o processo disfórico do lusismo. A princípio, na literatura portuguesa, esse processo propõe, em vez de uma viagem pelo mar, como fez a versão eufórica, uma viagem para dentro da terra. É um olhar que se volta para o chão, para as trilhas urbanas e rurais, para as marcas da terra a fim de que se reconheça também ali a lusitanidade do povo português. Esse movimento de disforia tem início com a literatura do Almeida Garrett e Eça de Queiroz, seguindo-se Laura Padilha no artigo referido.

Eduardo Lourenço (2001), por sua vez, cita esse período disfórico da literatura portuguesa como pertencente à segunda “idade de ouro” da cultura Lusitana e também o caracteriza como o momento em que se opõe a grandeza eufórica do passado, do glorioso Portugal, ao desencanto com a realidade do presente. Lourenço, ao analisar esse período da literatura de seu país, o contrapõe ao momento eufórico do lusismo, conhecido como primeira “idade de ouro” e assim o define:

O código da segunda ‘idade de ouro’ é o oposto: Portugal não é nada ou pouca coisa — fora a memória de ter sido grande, o que Garrett assimilará em termos míticos à saudade — e a literatura, tudo. Pelo menos no propósito. De algum modo, é o poeta, o novelista, o impiedoso analista de uma sociedade em busca de uma nova identidade, que cumprirá o milagre de uma nova transubstanciação: a realidade será o fruto do sonho que a antecede e a configura. Teremos o Portugal de Garrett, o Portugal de Herculano, o Portugal de Júlio Dinis, o Portugal de Camilo, o Portugal de Eça de Queirós. O Portugal de Camões está definitivamente nas ‘brumas da memória’, donde o evocará um Portugal histórico humilhado e sem saber onde buscar-se senão numa fuga transfigurada em revanche sobre o presente, que irá de Oliveira Martins à *Mensagem* de Fernando Pessoa (LOURENÇO, 2001, p. 86 – grifo do autor).

Desse modo, observa-se que o processo disfórico do lusismo revela um país orgulhoso de suas glórias do passado, mas que se encontra sem rumo no presente. Isso então exige dos portugueses um novo modo de estar no mundo e, assim, tem-se a possibilidade de reconfiguração do lusismo no confronto com o outro – ainda que esse outro seja o revisitar do próprio passado e dos mitos portugueses estilhaçados pelos muitos questionamentos da contemporaneidade. São justamente os questionamentos atinentes a essa estilhaçada memória sócio-histórica portuguesa que o texto literário de Mãe revisita, já a partir do próprio título do romance.

Por meio dos questionamentos de seu personagem central, Valter Hugo Mãe discute a nova configuração da cartografia sociocultural portuguesa, bem como a estranha sensação de deslocamento que parece acompanhar Portugal desde a sua segunda “idade de ouro”, como fala Eduardo Lourenço (2001) ou, ainda, desde a sua origem traumática, como citam Padilha (2005) e Lourenço (2001). Em especial, essa revisitação se dá pela rememoração do salazarismo a partir das dores e decepções que o incômodo presente no Lar da Feliz Idade suscita em Silva.

Numa relação que é ao mesmo tempo de repulsa e atração por alguns dos ícones da cultura portuguesa, construídos a partir dessa cartografia sociocultural, o protagonista

discute a interferência desses símbolos na formação cultural dos portugueses e na consagração desse povo como homens bons, pacíficos e ordeiros. Ao referenciar Amália Rodrigues, a mais reconhecida fadista de Portugal, Silva analisa a contradição entre o discurso da cantora e as suas ações:

[...] parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer, divirtam-se gentes da minha terra, [...] punha-se a amália a dizer, [...] e ela que ia a França comprar vestidos onde se vestiam as estrelas de cinema americano e se embonecava de joias e até tinha visto o Brasil e a Espanha, servia para que a amássemos e fôssemos pensando que estávamos todos tão bem ali metidos, éramos todos tão boas pessoas, tão bons homens, realmente (MFE, p. 134 - grifo nosso).

A passagem traz a imagem dos portugueses como brinquedos de encaixe montável e desmontável, a fim de enfatizar a noção de que eles eram manipulados e conduzidos pelas intenções governamentais, ainda que, para isso, fosse preciso recorrer a ícones como Amália Rodrigues. Para o historiador Fernando Rosas, o governo do Estado Novo de fato tinha essa visão de que o povo precisava ser conduzido e de todo modo tentava inculcar isso aos portugueses:

O [...] discurso propagandístico dos ideólogos e teorizadores do regime [comportava], simultaneamente, uma certa visão infantilizadora do povo português, gente conformada, respeitadora, doce, algo irresponsável e volúvel, mutável nas suas opiniões, sonhadora, engenhosa mas pouco empreendedora, obviamente insusceptível de ser titular da soberania ou fonte das grandes decisões nacionais, necessitada, portanto, como coisa natural e naturalmente aceite, da tutela atenta mas paternal do Estado (ROSAS, 2001, p.1036).

Em relação às funções do discurso estadonovista expostas por Rosas, compreende-se que há no romance uma representação dessa visão, que é igualmente criticada pelo protagonista de Mãe. Observa-se nesse texto literário a união entre os ideais políticos e alguns símbolos culturais do país a fim de que o processo de massificação e dominação cultural fosse conduzido de tal modo que não ficasse perceptível ao povo essa condução. Um dos ícones da cultura portuguesa presentes em **a máquina de fazer espanhóis** é a já citada cantora Amália Rodrigues, pois ao referir-se ao discurso dela de exaltação do mito da pobreza honrada em contraposição a seu comportamento exuberante de cantora que podia comprar caríssimos vestidos,

Silva evidencia uma relação de repulsa e atração muito comum aos portugueses em relação à fadista:

e eu, de facto, ainda adoro a amália e ouço-a quase a chorar se for preciso e se tivesse de escolher um só português para entrar no paraíso, talvez quisesse que fosse ela, para eternizar de verdade aquela voz. a maior voz da desgraça e do engano dos portugueses. pena não haver paraíso, já não haver amália e ter havido e sobrar para aí tanta desgraça e engano (MFE, p. 134).

Quando, no fragmento do romance, Silva afirma que Amália Rodrigues é/foi a “a maior voz da desgraça e do engano dos portugueses”, há uma ênfase na contradição do sentimento dele em relação à cantora, posto que, por um lado, ressoa a adoração coletiva dessa que é considerada uma das maiores representantes da cultura portuguesa, mundialmente reconhecida. Por outro, há a percepção subjetiva desse homem que observa na artista um meio de engodo, de inculcação dos ideais massificadores do Estado Novo. Assim, tem-se a representação de uma memória que é coletiva e, ao mesmo tempo, reveladora das tensões entre o eu e a sociedade, visto que traz as percepções desse sujeito inserido num contexto de extrema repressão e coação social. Desse modo, compreende-se o desalento expresso ao final dessa passagem, a qual intercala uma pessimista visão do presente com os desalentos do passado, permitindo que se observe a interpretação da difícil realidade portuguesa atual tendo em vista uma época de massiva opressão social.

Nas memórias do protagonista, não só Amália Rodrigues esteve a serviço do salazarismo, como o octogenário também ressalta o quanto o futebol interferiu diretamente na continuidade da ideia de povo glorioso:

ainda hoje ouço os velhos comentarem que o paizinho fez tudo para que o benfica personificasse a glória da nação. era como ter um exército do desporto, uma seleção, pois, que fora constituída e adotada por coração depois do erro que fora esperar do sporting tal coisa (MFE, p. 81).

Mais uma vez, o narrador recorre a um ícone da cultura portuguesa, neste caso, o time de futebol Benfica e os seus jogadores, a fim de representar como a sociedade foi reunida em torno de um mesmo lema – o orgulho de ser português – em detrimento à percepção de como o regime controlava a toda a sociedade:

e todas as pessoas passaram a ser benfiquistas encurralados, o que significa que eram benfiquistas porque a oposição já não era nenhuma e todos queriam adorar campeões, e era ver o entusiasmo do ditador com o futebol dos encarnados. [...] eu que sempre fui portista, gostava do eusébio como era impossível não gostar. gostava dele em grande e estava, claro que pelo coração, do lado do paizinho e isso propunha atenuar consideravelmente as minhas desconfianças, nem sempre lúcidas, acerca do regime (MFE, p. 81-82).

Nesse momento da narrativa, é possível perceber então que a ideia eufórica do lusismo se faz presente no romance, tanto por meio da exaltação dos ícones como (Amália Rodrigues, o time Benfica) quanto pela referência constante ao orgulho de ser português – “peito viril erguido contra malandros estrangeiros” (MFE, p. 82), mas, claramente com intenção irônica e crítica, afirmando-se uma aura de descrédito por esse orgulho patriótico. Assim, pelo modo como essa perspectiva eufórica do lusismo é representada no texto, observa-se que ela já antecipa o tom disfórico que prevalecerá no romance de Mãe.

A matiz irônica e crítica, aliada a certo orgulho de ser português também pode ser observada no capítulo “herdar Portugal”, em cujo desenvolvimento Silva narra, dentre outras passagens, o nascimento da pequena Elisa, primeira filha do casal. Para o protagonista, a menina se torna herdeira de Portugal e pelo modo como ele narra o nascimento dela, é possível observar que a herança tanto representava a assunção dos muitos problemas de Portugal, quanto um certo orgulho pela resistência dos portugueses:

quando a Laura pariu, torturada de expectativas, a nossa elisa nasceu na felicidade e na frustração. podias ser francesa, elisa. podias ter sido francesa, embora nos dê um orgulho tão grande a resistência que te permitiu ser portuguesa e, assim, herdar Portugal. Portugal é teu, minha filha, é teu, mesmo assim difícil de compreender (MFE, p. 85).

É importante ressaltar que a rememoração sobre o nascimento de Elisa retoma historicamente o ano de mil novecentos e sessenta e dois, período em que a França era um dos únicos países da Europa a manter o apoio a Portugal, que se encontrava isolado em razão das constantes pressões da ONU para o fim do regime estadonovista. Desse fato decorre também a referência de Silva ao dizer que sua filha poderia ter sido francesa, pois muitos portugueses foram acolhidos na França.

Observa-se, ainda, na narração do protagonista que, mesmo sem compreender claramente a situação social de Portugal, por todas as dificuldades financeiras e emocionais que ele e Laura passaram, a ideia de orgulho português permanece.

Ressalta-se o sentimento de resistência como uma manifestação desse orgulho, mesmo diante de uma situação tão complexa como o regime militar. Essa resistência revela também uma consciência social por parte do casal, que mesmo enfrentando situações tão adversas, insiste em ficar no país, recusa-se a fugir, suscitando assim uma discussão que entremeia todo o romance em torno do nacionalismo. Isso porque, ainda que a passagem fale sobre a França, ao longo do enredo também são lembradas as relações de imigração com a Espanha e, de modo geral, com a Europa. Nota-se que, no romance, Portugal é representado como se não fizesse parte da Europa, ou melhor, o país pertenceria a esse continente, mas não teria nem o glamour nem a imponência dos outros países pertencentes ao continente. Entretanto, para Silva e Laura, mesmo com todos os problemas vividos, Portugal era a pátria amada.

Os sentimentos de euforia, incertezas e angústias que envolvem a representação do ser português auxiliam na configuração do lusismo disfórico no texto, cujas características se mostram mais marcantes no tom pessimista e angustiante do relato de Silva. Esse disforismo também pode ser observado na análise do protagonista quanto a alguns símbolos que marcam a cultura portuguesa e destaca-se na obra o tratamento dado à Nossa Senhora de Fátima, reconhecidamente uma santa que tem forte apelo popular em Portugal e, no romance, aparece como símbolo a ser discutido, desconstruído e desierarquizado.

Quando Silva vai para o abrigo, ele leva, com suas roupas, fotografias de Laura. Entretanto, tiram do quarto tudo o que lhe lembra a esposa e sua vida antes do abrigo, ficando no cômodo apenas uma imagem da referida santa. De acordo com o catolicismo, Nossa Senhora de Fátima teria aparecido em Portugal a três crianças, fazendo-lhes revelações. A crença na história de suas aparições e os muitos milagres a ela atribuídos, tornaram-na um símbolo da fé católica portuguesa. O santuário dessa Santa é um monumento muito visitado em Portugal, atrai peregrinos de diversas nacionalidades e pode ser visto como um marco da forte aliança entre Igreja e o Estado. Isso porque, durante o período do regime salazarista, esse conjunto arquitetônico religioso em homenagem a Nossa Senhora de Fátima passou por diversas reformas e ampliação de suas estruturas, representando a expansão também do poder do catolicismo nesse país.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> As informações referentes à reforma, ampliação e simbolização do Santuário de Fátima foram extraídas do site oficial desse instituto, a saber: <<http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=1000>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2012.

No contexto do romance, entretanto, ao ser obrigado a conviver com a imagem dessa Nossa Senhora, o personagem principal mostra o seu repúdio à santa, justamente por ela simbolizar as relações de poder entre a política e a Igreja. Mais especificamente, o modo como a Igreja se portou como uma aliada de Salazar, vendendo um discurso que não condizia com a realidade portuguesa. Assim, Silva demonstra também todo o seu descrédito em relação ao discurso do catolicismo, do paraíso, das ideias transcendentais divulgadas pela Igreja. No romance, a convivência forçada com a imagem da santa é também uma tentativa de impor a Silva uma crença religiosa, como se percebe no fragmento a seguir:

a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma (MFE, p. 23).

Entretanto, para um homem já tão decepcionado com seu país e a Igreja, a imposição da imagem da santa não lhe traz a devoção esperada. Ao contrário, a relação vai se desierarquizando:

olhei para a figura da nossa senhora de fátima e falei mudo, tenho pena de ti, metida à cabeceira dos tristes nos lugares mais tristes de todos e agora vens assistir-me, eu que nada tenho para te mostrar que valha o empenho de maneres incessantemente esses olhos azuis abertos, essas mãos postas no ar. talvez devesse despedaçar aquela estatueta. libertá-la da obrigação de estar ali com solenidades sagradas que, sem dúvida, cansariam o melhor dos espíritos. talvez devesse lembrá-los de que não sou um homem religioso e que a perda não me fez acreditar em fantasias (MFE , p. 25-26).

Ao serem analisadas as muitas pressões sociais, políticas e religiosas impostas a Silva, compreende-se o fato de ele não ceder a essa nova coerção de, como num passe de mágica, acreditar no catolicismo e nos seus ícones. Entretanto, ressalta-se que, em meio ao contexto de cerceamento da liberdade, o protagonista reage desenvolvendo um processo de humanização da santa. Na passagem, nota-se que há uma inversão de posturas que vai de encontro ao conservadorismo esperado pela cena: é o narrador quem se apieda da santa e, de algum modo, tenta consolá-la. Assim, desvela-se uma relação não divinizada, deixando entrever a concepção do protagonista

de que as relações religiosas deveriam ser desse modo, deveriam compreender e consolar, ter a dimensão do humano e não uma postura imparcial e distanciada, na qual o homem apenas deve crer e obedecer à vontade divina.

No decorrer do romance, Silva passará a chamar a santa de Mariazinha e arrancará as miniaturas de pombas que compõem a imagem dela, chegando a levá-las para passear pelo abrigo com seus companheiros do lar e promovendo, assim, uma desierarquização dessa aura de santidade, tornando-a mais humana, mais próxima dele. Ademais, é um contexto de brincadeira, que envolve relações humorísticas e denota essa desconstrução mítica em torno da Nossa Senhora. Em especial, observa-se que o fato de Silva chamá-la de Mariazinha, no diminutivo, indica ambigualmente uma relação de proximidade e afeto, como também de desprezo por sua condição divinizada, visto que o uso do diminutivo, a depender do contexto, tanto pode indicar afetividade como ofensa/indiferença.

Essa postura de desmitificar ícones emblemáticos da cultura portuguesa pode ser igualmente observada no que se refere à figura camoniana. Em meio às recordações de Silva e debates entre ele outros idosos, é desfeito o mito de que Camões fora o maior poeta português, pois, numa conversa com Anísio, um dos companheiros no asilo, enquanto este defende Camões como um visionário, o maior símbolo poético de Portugal, Silva assim define o poeta do Classicismo: “o bandarra o mais que viu também foi nevoeiro. pense bem, foi um nevoeiro que lhe tolheu as adivinhações. não adivinhou nada, é o que é. adivinhou o raio que o parta. era mais um poeta” (MFE, p. 92). Desse modo, percebe-se que Silva desconstrói a aura de imponência que envolve o ícone camoniano, colocando-o na categoria de um poeta a mais.

Em relação a autores da Literatura Portuguesa, no romance há não só a referência a Camões como também a Francisco José Viegas e a Fernando Pessoa. No tocante a Viegas, a alusão se dá em um capítulo de **a máquina de fazer espanhóis**, no qual aparecem os personagens Isaltino de Jesus e Jaime Ramos. Os dois são investigadores policiais das tramas de Viegas e no romance de Mãe tentam elucidar um incêndio que ocorreu no Lar da Feliz Idade. Destaca-se o fato de a aparição dos dois ocorrer no único capítulo em que há o uso de letras maiúsculas, como a chamar a atenção dos leitores para a relação intertextual que é apresentada. Entretanto, diferentemente do tom crítico dado à referência a Camões, a alusão aos personagens de Viegas fica em aberto, o que provavelmente denota uma homenagem de Mãe a um escritor que é seu contemporâneo.



No que concerne a Fernando Pessoa, observa-se que o tom intertextual é de exaltação ao poeta português. Na voz de Silva, o poeta dos heterônimos tanto é descrito como “o próprio maravilhoso genial lindo fernando pessoa” (MFE, p.51) quanto é exaltado como “o nosso grande poeta” (MFE, p.51). Entretanto, a referência a esse escritor vai além da homenagem, pois se estabelece uma relação intertextual no romance com o poema “Tabacaria”, do heterônimo pessoano Álvaro de Campos. A intertextualidade referida pode ser observada, precipuamente, pelo personagem Esteves, que aparece no romance de Mãe como um dos idosos internados no asilo e é reconhecido por ser o Esteves sem metafísica, do poema de Fernando Pessoa. Do mesmo modo, há uma alusão aos versos “Come chocolates, pequena; come chocolates!” e também uma semelhança entre os temas discutidos em ambos os textos.

De acordo com António José Lima Reis (2009), o poema “Tabacaria” enquadra-se na terceira fase poética do heterônimo Álvaro de Campos, na qual ele apresenta um pessimismo intenso, caracterizado pelo regresso das memórias de sua infância e a consciência de sua solidão, temáticas presentes no poema:

O tema do poema é a dimensão da solidão interior face à vastidão do Universo exterior. A tabacaria acaba por ser um símbolo que não tem valor próprio - verdadeiramente importante é que esse símbolo faz nascer em Campos a necessidade de analisar a sua própria existência face à existência da tabacaria enquanto coisa fixa e real (REIS, 2009).

Do mesmo modo que, no poema “Tabacaria”, são discutidas tanto a solidão quanto a existência humanas em virtude de uma necessidade concreta, em **a máquina de fazer espanhóis**, essa necessidade também se apresenta. O Lar da Feliz Idade proporciona a Silva a consciência de sua solidão, que a princípio é enfatizada pela morte da esposa e a internação por vontade da filha, mas que, depois, é voluntária, pois o protagonista se isola dos outros internos. Ademais, esse processo de solidão em que se envolve, leva-o a questionar o modo como construiu sua vida e de que forma foi contingenciado pelos diferentes contextos que lhe coube viver. Desse modo, discute a existência humana, as tensões entre o individual e o coletivo, da mesma forma que também problematiza as questões religiosas por meio da crítica ao catolicismo e seus símbolos. Muitas dessas reflexões de Silva ocorrem no momento em que, do seu quarto, ele olha para uma janela e contrapõe o mundo lá fora com o seu mundo interior. De modo muito similar, as proposições do eu poético da “Tabacaria” se dão por uma janela que contrapõe o interior e o exterior:

O poema evoca uma cena: alguém olha uma tabacaria de uma janela qualquer, de uma mansarda qualquer, de uma cidade qualquer; observa o movimento da rua (carros, pessoas, passeios, cachorros) e dos que entram e saem das lojas, das confeitarias e da tabacaria; olha uma criança comendo chocolates, e filosofa. Às vezes sai da janela, volta e se senta numa cadeira e pergunta: 'em que hei de pensar?', como se pensar lhe pesasse como uma obrigação. Fuma, valorizando o momento em que olha a fumaça e se sente liberto de todas as especulações filosóficas. Levanta-se e pega um papel para escrever um poema e vai de novo até a janela e vê o dono da tabacaria e o homem que sai. Conjectura. A relativa banalidade da cena é o pano de fundo para as intensas reflexões filosóficas do poema (NEGREIROS, 2010).

Em conformidade com Negreiros, Reis (2009) também argumenta que a simbologia do quarto e da janela *versus* a rua e a tabacaria, representa essa oposição entre o 'dentro' e o 'fora', uma oposição dialética que parte em busca de uma síntese de compreensão. Novamente encontra-se uma similaridade entre o poema e o romance de Mãe, visto que Silva, muitas vezes, observa da janela do seu quarto no asilo uma praça que fica para além dos muros do lar e tem a impressão de que lá a vida segue, enquanto no seu mundo tudo se encontra sem vida. É também da janela que surgem as imagens dos abutres que tanto o aterrorizam, como a apregoar-lhe que a morte está próxima e, principalmente, a lhe incutirem o medo e o terror, deixando o narrador apavorado:

vejo uns pássaros pretos, abutres, a voarem em cima da minha cabeça. é criação dos seus olhos, aqui não entram nem moscas, as janelas não abrem. eu sei, mas acho que é uma forma de ter medo. julguei que não tivesse medo de nada. mas tenho. tem de quê. de ser desfeito, de a morte me desfazer, não sei (MFE, p. 224).

Por um lado, a janela do quarto é cenário para a vida que segue lá fora e rota de entrada para o medo da morte e a solidão, pois a estada no lar prenuncia que a morte é iminente e o abandono concreto. Entretanto, por outro lado, em meio à decepção de ter sido internado no asilo, Silva descobre no Feliz Idade o espaço para a redescoberta da amizade, da necessidade de ter companhia e encontra isso junto aos outros idosos. No processo de redescobertas que vivencia, o narrador se permite fazer algumas travessuras, como o referido passeio pelo lar em companhia do senhor Pereira, carregando com eles as miniaturas de pombas da imagem de

Nossa Senhora de Fátima. É justamente nesse passeio que se reforça a intertextualidade com o poema “Tabacaria”.

O senhor Pereira, com as pombinhas entre as mãos, percorre o asilo e aproxima-se das idosas por diversão: “chegava-se às velhas e mostrava-lhes o que ali levava, tão perverso, e dizia, olhe vou comer-lhe a pombinha. era tão infantil quanto inacreditável” (MFE, p.74). Algumas senhoras achavam graça na brincadeira e riam, entretanto, outras, sentiam-se ofendidas e rumavam-lhe as bengalas, zangadas. Toda essa cena chamou a atenção do Esteves, que se aproximou para ver o que acontecia. Em meio à brincadeira, o narrador, o senhor Pereira e o Esteves viram a Dona Leopoldina sentada e decidiram brincar com ela também, para provocá-la, pois ela era conhecida entre eles por ser muito resmungona e malcriada. A idosa estava sentada, tranquilamente comendo seus chocolates, os quais estavam especialmente arrumados numa delicada e feminina caixinha. Ao verem a cena, os senhores decidem intervir na tranquilidade de Dona Leopoldina:

e o esteves sem metafísica, atizado de hilário pelo senhor pereira, virou-se para a dona Leopoldina e disse-lhe, come chocolates, marmajona, come chocolates. e a estúpida da mulher não fazia ideia de onde aquilo vinha, nunca imaginaria o gênio poético que ali perpassava naquele instante como uma milagre da literatura, uma incrível epifania do que a literatura tinha de vida real (MFE, p. 75).

Nessa passagem, não só pela presença do Esteves sem metafísica, mas primordialmente pelo trecho “come chocolates, marmajona” há uma referência ao citado poema de Fernando Pessoa, pela alusão aos versos “Come chocolates, pequena; / Come chocolates! / Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”.

Em “Tabacaria”, os versos suscitam a imagem de uma criança que, inocentemente, come os seus chocolates como um ato de fruição, nisso encontra prazer e sentido para a existência. Similarmente, Dona Leopoldina come os seus chocolates e também tem prazer nisso, obstante o fato de estar em um asilo. Alheias às circunstâncias sociais, ambas aproveitam o prazer, o reconforto e a felicidade que encontram nesse ato. Ao afirmar que a idosa “não fazia ideia de onde aquilo vinha”, ao referir-se aos versos de Pessoa, Silva reafirma de modo mais enfático a semelhança entre a anciã e a menina, visto que a ignorância da primeira representa no romance o alheamento da segunda.

A menina come seu chocolate de modo tranquilo e feliz, dispersa dos questionamentos que envolvem o eu lírico, e sua felicidade advém justamente dessa alienação. Como a dar ênfase para o completo alheamento da menina, os versos dessa passagem estão entre parêntesis no texto, representando, assim, não só uma suspensão na sequência de ideias filosóficas e existenciais que estavam sendo apresentadas no poema, como também uma suspensão do real. Entretanto, ainda assim são apresentadas questões existenciais que envolvem a oposição entre o real e o transcendente, visto que, na continuação do poema, são apresentados os versos “Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”. Desse modo, observa-se que, no texto poético, há uma dessacralização das ideias religiosas, da noção de sagrado e isso é transposto à confeitaria, como a dizer que o concreto é que pode orientar, não o transcendental, dada a sua imanência. Entende-se que há uma similaridade entre esse discurso e o que é apresentado no romance de Mãe, nas reflexões de Silva sobre sua vida e a realidade portuguesa.

Na sequência do texto, o eu poético afirma: “Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes! Mas eu penso”. A partir desses versos, é possível observar que o eu lírico, por pensar, não consegue viver essa vida de inconsciência, de alheamento das questões filosóficas assim como faz a menina. Essa situação também pode ser comparada ao que ocorre no romance, visto que Antônio Silva não conseguia deixar de pensar, o que era muito doloroso, enquanto Dona Leopoldina, por sua vez, como a menina de “Tabacaria”, conseguia alienar-se ao prazer concreto dos chocolates.

Tanto nessa passagem do romance quanto em outros trechos, é referenciada a imagem do Esteves sem metafísica, um senhor centenário que mora no asilo e, quando jovem, se tornara personagem do poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa. Sobre a personificação do Esteves sem metafísica no texto poético, Reis afirma:

Campos deixa de ‘filosofar’ quando um elemento real se intromete entre ele e a Tabacaria. Tudo se desmorona, porque tudo estava apenas no pensamento de Campos e nunca poderia ser real da mesma maneira que o Esteves é real. (haverá também afinal um nome mais real do que Esteves?). Passando subitamente a interveniente na realidade que analisava, Campos, assim que vê um conhecido e que depois lhe acena, deixa de poder estar fora da realidade para ser puxado violentamente para o meio dela. É assim que o Universo se reconstrói subitamente, sem metafísica, ou seja, sem dar mais azo ao pensamento e à análise, é só a verdade dos sentidos e não a idealização do pensamento (REIS, 2009).

Na trama de *Mãe*, por sua vez, Silva sente-se maravilhado por conhecer pessoalmente o Esteves sem metafísica, ainda que, a princípio, mostre-se incrédulo quanto à veracidade da informação. Se, no poema de Pessoa, Esteves faz apenas uma fundamental aparição, no romance, é apresentada a biografia dele, o seu modo de agir na velhice e também é relatada a sua morte. Silva é um entusiasta da companhia de Esteves e o seu maravilhamento é tal que ele chega a pensar que se Esteves morresse, ele poderia encontrar Laura. Entretanto, logo volta a si e admite não acreditar na transcendentalidade.

Muito mais do que uma homenagem a Fernando Pessoa e seu poema, o Esteves sem metafísica de *Mãe* ganha uma amplitude maior ao ter traços de sua biografia “revelados” no romance e com sua morte representaria, então, uma reafirmação da concretude da vida, desse arrebatamento que é o real como a expressar que, para além dele, nada mais existe.

Entretanto, diferentemente da conformidade em relação ao tom de “*Tabacaria*”, se comparado a outro poema de Fernando Pessoa, o matiz assumido por *Mãe*, é evidentemente outro, de pessimismo e angústia.

Se em **Mensagem**, Pessoa termina a obra com os versos “Tudo é disperso,/ nada é inteiro./ Ó Portugal, hoje és nevoeiro... / É a Hora!” e essa incitação final pode traduzir ainda a noção do mito como sonho possível na reconstrução da grandeza de Portugal, no romance de *Mãe* predomina uma desesperança sem rumo a seguir. Assim, o protagonista de *Mãe* cita, com desalento, os caminhos salgados de Portugal: “fomos sempre um povo de caminhos salgados. Ainda somos um povo de caminhos salgados. Isto é coisa para nos amargar o sangue e nunca mais nos permitir a leveza destas cenas” (MFE, p. 205).

Entende-se que, no romance, a marca dos caminhos salgados traduz essa desesperança que não conseguiu ser superada por Portugal. Se desde a expansão ultramarina os portugueses esperaram pela afirmação da pátria como importante país europeu, o que ocorreu, de fato, foi a condução a uma situação que se forma caótica na atualidade, representada no romance por uma complexa desesperança frente ao presente, pois se compreende que a agonia é tanta que parece não mais haver um futuro que seja diferente da atual realidade. No trecho final de **a máquina de fazer espanhóis**, representando esse desalento, há justamente uma referência à angústia de Silva: “[...] o que sente, senhor silva. e eu repeti, angústia, sinto angústia” (MFE, p. 250).

Nesse processo de reflexão, ganha relevo o sentimento de “agonia” que marca todo o texto. No dicionário, como verbete simples, encontra-se, para esse termo, uma série de sentidos importantes colocados nesse pensar sobre Portugal, propiciado pela narrativa de Mãe:

1. Med. Conjunto de sintomas e manifestações de caráter mórbido que acometem pessoa ou animal na iminência da morte; o estado, a circunstância e o tempo em que se manifestam [...].
2. Fig. Sentimento aflitivo muito intenso e angustiante, sofrimento, de origem física ou emocional [...].
3. Desejo ardente, ânsia impaciente por algo [...].
4. Fig. Decadência (de alguém ou algo, de um processo etc.) que leva ao fim, ou à morte [...].
7. Indecisão, hesitação, demora em fazer ou decidir algo.<sup>9</sup>

Iminência da morte, aflição, sofrimento, desejo impaciente, decadência, indecisão: afinal, sobre Portugal parece ainda ecoar o verso (agonístico?) do poeta: “É a hora”. Porém, esse tom de agonia não deixa espaço a uma perspectiva minimamente esperançosa: não sobraram mitos, não sobraram ritos – apenas resta o compartilhamento de um sofrimento que nem a morte é o bastante para dizimar.

Desse modo, afirma-se a possibilidade de delinear os traços do lusismo, de sua euforia ao seu disforismo, ao analisar-se a trajetória do Sr. Silva, o protagonista de **a máquina de fazer espanhóis**. Observa-se que essa representação e discussão sobre alguns dos grandes mitos da cultura portuguesa impõem um repensar desse lugar agonístico que os portugueses ainda ocupam como quem não conseguiu se desvencilhar de um remoto passado glorioso e se vê preso a um presente de incertezas, com a necessidade de projetar urgentemente o futuro. Essa necessidade observada nas entrelinhas do romance de Mãe permite também analisar que essa trama, ainda que não se trate de uma obra especificamente política, já por seu título, antecipa um conteúdo de crítica à homogeneização ideológica e à padronização cultural impostas pelo capitalismo e pelo que Silva, em sua narrativa, chama de “efeito Europa” – a descaracterização das culturas locais em detrimento de uma suposta unidade europeia, o que reforçaria a característica de Portugal vir a ser a máquina que produz espanhóis e não portugueses.

---

<sup>9</sup> Verbetes extraídos do dicionário online Aulette.

#### 4. DE QUANTAS MEMÓRIAS SE (DES)FAZ UM PAÍS

*eu precisava de gritar dizendo que queria morrer português, queria ser português, com a menoridade que isso tivesse de implicar.*  
(Silva, em *a máquina de fazer espanhóis*).

*Começo a recapitular as origens mais longínquas da minha família, [...]. Venho descendo sem pressa até o limiar do século XX, mas antes de entrar na minha vida propriamente, faço questão de remontar aos meus ancestrais [...], mas sinto que em breve as feições de um Assumpção serão como as de uma espécie extinta.*  
(Eulálio, em *Leite Derramado*)

Em **Leite derramado**, o centenário Eulálio Montenegro d'Assumpção, até por seu imponente sobrenome, representa certa elite de tradição rural no Brasil que, assim como o personagem de Chico, encontra-se temporal e socialmente deslocada, sem ter mais bases nas quais possa se sustentar diante da realidade do Brasil contemporâneo.

Por sua vez, António Jorge Silva também vivencia a sensação de deslocamento social e temporal na realidade portuguesa. Em **a máquina de fazer espanhóis**, a presentificação do passado vivido por Silva remete às experiências do protagonista, as quais representam uma coletividade que, ensinada a ser ordeira e pacífica, sente-se deslocada frente à urgência do agir para modificar a atual situação de Portugal.

Ainda que culturalmente distantes, os personagens aproximam-se no ato primordial de suas narrativas: a volta ao passado diante das incertezas do presente. Se um rememora o conservadorismo e a riqueza de certa aristocracia rural decadente, o outro retoma lembranças sobre o salazarismo e as consequências desse governo para os portugueses. Em comum, a experiência de homens que têm suas memórias ficcionalmente narradas e que, ao serem inter-relacionadas à história, permitem discutir memórias nacionais e, portanto, coletivas, construídas também pela subjetividade desse indivíduo contingenciado entre as tensões do eu e da coletividade.

#### 4.1 Brasil e Portugal: por uma história de aproximações e distanciamentos

O período de setembro de 2012 a junho de 2013 foi escolhido para celebrar o ano de Portugal no Brasil e, igualmente, o ano do Brasil em Portugal. A iniciativa empreende esforços conjuntos dos governos dos referidos países, bem como a associação com empresas privadas a fim de que as duas nações se (re)conheçam e se (re)descubram em eventos culturais, artísticos, econômicos e sociais elaborados com o intuito de aproximar os seus laços. Esse mútuo encontro é um dos numerosos exemplos de que as relações luso-brasileiras cobram importante relevo na atualidade. Não raro, o noticiário brasileiro tem enfatizado as recíprocas visitas dos representantes do Brasil em Portugal e vice-versa, assim como são divulgados empreendimentos financeiros e acordos de várias ordens.

Todos esses acontecimentos trazem leituras e releituras das relações históricas entre ambos os países, as quais foram sempre marcadas por oscilantes movimentos de proximidade e distanciamento. Da religião católica à culinária, essa influência recíproca foi incontornável considerando-se o longo processo de colonização, ultrapassado pela não menos singular constituição de um governo brasileiro independente, nas mãos do filho do rei português.

Ademais, a unir e a diferenciar, encontra-se o uso oficial da língua portuguesa nas duas nações. A princípio, essa língua foi imposta pelos colonizadores e usada como instrumento de dominação ideológica, auxiliando na propagação de uma concepção lusista, a qual favoreceu a supremacia portuguesa no passado. Para Laura Padilha:

A língua portuguesa foi – e continua sendo – o elemento cultural que se fez um dos principais alicerces, seja da construção identitária erigida no espaço europeu, seja da sedimentação do que podemos considerar a trama de diferenças que por ela se teceu e tece nos países colonizados onde se fez ou o idioma nacional, ou a língua oficial (PADILHA, 2005, p. 3).

No transcorrer do tempo, houve a apropriação por parte dos brasileiros e, em cada país, o desenvolvimento linguístico caminhou por sendas diversas e adquiriu características peculiares de cada região. É justamente por meio da língua portuguesa, esse elemento identificador comum, que tanto Eulálio quanto Silva narram suas memórias e retomam o tempo passado dessa trama de diferenças a



que se refere Laura Padilha, afirmando que há uma série de identificações a unirem os falantes do português, mas também profundas diversidades a distingui-los.

Brasil e Portugal foram sociedades eminentemente agrárias, baseadas no tradicionalismo rural, que, com o passar do tempo, se industrializaram e assumiram o viés capitalista global. Em ambos os romances que são objeto deste estudo, as contradições do desenvolvimento econômico e social entre capital e trabalho nas duas ações são flagrantes. Ainda que os processos de instauração do capitalismo e da industrialização tenham ocorrido de modo diverso nesses países, essa condição de estranhamento social frente à modernização ocorrida aproxima os protagonistas e, conseqüentemente, parte da população portuguesa e brasileira.

O regime salazarista impôs aos portugueses o mítico orgulho da pobreza, afirmando as bases rurais do país, no qual não haveria espaço para luxo e riqueza dentre as camadas populares. Entretanto, Silva, que se formou em meio às imposições do regime, consegue olhar com pesar na velhice para a crise social que se instalou em seu país em decorrência desse processo de atraso imposto aos portugueses pelo salazarismo.

No tocante a Eulálio, sua vida também esteve ligada a uma economia agrária, que por muito tempo enriqueceu sua família, seja com as fazendas de café ou cacau, seja com o tráfico de escravos. Contudo, ao contrário de Silva, identificado com as camadas médias portuguesas, o protagonista de Chico Buarque representa uma aristocracia que por muito tempo direcionou os rumos da política brasileira. A partir do momento em que se desenvolve a industrialização no Brasil e o capitalismo financeiro ganha força, o clã Assumpção se vê em declínio e as relações de poder que exercia já não têm mais força no cenário político.

Há que se ressaltar também, como ponto aproximativo, que Eulálio e Silva foram cerceados pela educação que receberam, entretanto, ainda assim, poderiam ter optado por superar ao que lhes fora ensinado. O protagonista de **Leite derramado** não consegue romper os muitos preconceitos que o envolvem, do mesmo modo que o narrador de **a máquina de fazer espanhóis**, ainda que revele ter uma consciência crítica sobre o processo ditatorial, não se posiciona publicamente contra o governo salazarista. Não cabe, nesse momento, classificar a postura de ambos os protagonistas, entretanto, o que interessa salientar, sobretudo, é o delineamento humano dado aos personagens, na conflitante interface colocada entre as contingências histórico-sociais e a sua subjetividade.

Essa tensão entre o eu e o coletivo aparece no romance de Chico Buarque principalmente em relação às questões que envolvem o namoro de Eulálio e Matilde. Por mais que o protagonista tenha de certo modo enfrentado o conservadorismo familiar para viver sua paixão pela jovem estudante, ele não conseguiu disfarçar os muitos incômodos que o casamento com uma mulher negra lhe causavam. De um lado, a subjetividade do narrador-protagonista leva-o a envolver-se com Matilde, contudo, de outro, a educação tradicional que recebeu lhe impede de viver esse amor sem as agruras de uma relação marcada pelo racismo.

Em **a máquina de fazer espanhóis**, essas tensões entre a subjetividade e o coletivo registram-se nos dilemas de Silva ao reconhecer suas limitações diante das imposições do Estado Novo.

Nos referidos romances, como mote em comum tem-se não só a narrativa realizada por protagonistas idosos que se propõem a revisitar suas memórias e narrá-las, como também há uma problematização em torno das atuais circunstâncias que envolvem Brasil e Portugal. Por caminhos diversos, Silva e Eulálio rememoram o tempo passado e defrontam-se com um conflituoso presente, para o qual volvem um olhar pessimista e delineiam presentes sem perspectivas de futuros. No caso de Silva, o tom de pessimismo é ainda mais marcante, proporcionando, assim, um matiz de quem agoniza sem ter a esperança de uma resolução para os seus problemas. No tocante a Eulálio, a sua experiência representa a nuance decadente de certa aristocracia rural conservadora para a qual não há mais espaço na sociedade brasileira.

**a máquina de fazer espanhóis** e **Leite derramado** são romances que permitem a discussão de realidades históricas a partir dos imbricamentos com a ficção. Nos relatos dos protagonistas, ainda que figuras fictícias, observa-se a representação de memórias coletivas, cujas configurações remetem a incertos presentes e dolorosos passados. Assim, essas memórias ganham possíveis sentidos e adquirem a conotação de elementos problematizadores na contemporaneidade.

#### **4.2 Sentidos da memória em romances contemporâneos**

Os romances analisados neste estudo são textos que têm seu marco inicial no ato de recordar, caminham pela história e pela política e desembocam em

narrativas que remetem a “biografias ficcionais” as quais, como janelas abertas ao passado, permitem entrever questões que se mantêm presentes e dizem respeito às memórias nacionais de Brasil e Portugal. Observa-se que a história de um país é escrita por todos os seus sujeitos, os quais contribuem consciente ou inconscientemente com os rumos que o seu tempo toma e, em razão disso, acredita-se pertinente analisar esses relatos memorialísticos ficcionais como textos representativos de memórias nacionais e, portanto, coletivas, as quais permitem observar também as cisões que entremeiam as memórias nacionais contemporâneas desses países por meio da subjetividade que perpassa a narração de Silva e a de Eulálio.

Analisar uma memória nacional implica discutir também questões relativas às concepções identitárias, ainda que esse não seja o mote principal de estudo deste trabalho. É preciso recorrer às questões identitárias para que se contraponha a ideia de memória nacional una e coesa às representações contemporâneas de memórias de sujeitos plurais e que, ainda assim, trazem marcos de nacionalidade.

A princípio, a memória nacional fundamenta-se na noção de identidade una, a qual está ligada, de acordo com Hall (2005), à concepção de sujeito do Iluminismo, que referenciava justamente o ser em sua totalidade e baseava-se numa visão essencialista do eu. De acordo com Hall,

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou ‘idêntico’ a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2005, p.10).

Essa visão fixa e estável acerca da identidade do sujeito iluminista se une à concepção do Estado-nação, por meio do qual se desenvolveu uma política identitária pautada na filiação nacionalista, com base no local de nascimento, e a identidade assumiu, assim, um caráter predeterminado e inegociável. Para Bauman, “o Estado-nação é um Estado que faz da ‘natividade ou nascimento’ o ‘alicerce de sua própria soberania’” (BAUMAN, 2005, p. 25).

Benedict Anderson, em **Comunidades imaginadas** (2008), também coloca como característica da nação o aspecto de ser soberana. Esse autor define a nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo

intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (ANDERSON, 2008, p. 32). O caráter imaginado da nação diz respeito ao sentimento de comunhão que envolve os seus membros, ainda que eles jamais venham a ter um contato direto, uma convivência diária. O imaginativo permite, então, um elo de ligação que transcende as individualidades e permite que se sobressaia apenas o fator identificador comum.

Já em relação ao aspecto limitado da nação, isso se confirma pela necessidade de fronteiras finitas, as quais são bem demarcadas e permitem, assim, a contraposição de uma nação a outra. A condição de ter limites delineados auxilia no que Bauman define como um objetivo básico da identidade nacional: “objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’” (2005, p. 28). Essa confrontação tanto serve para estimular a rivalidade entre as nações quanto para intensificar o sentimento de pertença do indivíduo em relação à sua nação. Disso decorre também o caráter construído e modelado que a identidade nacional adquire em relação ao “pertencer-por-nascimento”, em que se compreende a ideia de pertencer a uma nação como uma convenção construída (BAUMAN, 2005).

A condição de elemento construído da nação também tem a função de enfatizar a ideia de comunidade, no sentido de focalizar o que seria comum a todos e desenvolver o aspecto uno que a identidade nacional do período iluminista deveria ter. Não à toa, Anderson (2008) correlaciona o caráter soberano da nação justamente à época do Iluminismo, dado o contexto histórico que favorecia a necessidade de um Estado desvinculado do poder monárquico e religioso, pautado na ideia da superioridade da razão. Assim, a identidade nacional passa a ser uma representação, principalmente, do Estado e, posteriormente, da Igreja e da Família, como assinala Bauman (2005).

Entretanto, o contexto histórico-social mundial de muitas crises levou os pesquisadores das ciências humanas a modificarem suas visões acerca da ideia de uma identidade que ainda era vista como estável e, assim, passou-se a discutir o sujeito pós-moderno. Esse novo sujeito traz à cena uma identidade fragmentada, em crise e plural. Dessa forma, o conceito de identidade nacional visto de forma una e coesa não tem mais o mesmo vigor por deixar entrever as cisões que marcam a nação. Em meio a esse cenário ambíguo marcado por identidades fragmentadas e plurais, tanto há uma tentativa de valorização da subjetividade desse sujeito pós-moderno, como também se questiona de que modo ainda é possível manter certa unidade em meio às múltiplas identidades assumidas.

Por certo, hoje, com a internacionalização do capital e os consequentes trânsitos migratórios cada vez mais intensificados, alteraram-se essas relações de pertencimento e identificação. Entretanto, a ideia de pátria-mãe ainda reúne diversas filiações e funciona como um porto que abriga múltiplos navios, os quais comportam memórias individuais ou grupais que se unem, ao tempo em que se diferenciam, sob o mesmo elo identificador de uma memória nacional. As cisões que agora são vistas na memória de uma nação dizem respeito tanto à subjetividade do indivíduo, que revela suas percepções em relação ao país, quanto às memórias de pequenos grupos que compõem o todo social ou mesmo as minorias que foram historicamente silenciadas pelos grupos que exerciam o poder na sociedade.

No que concerne aos romances **Leite derramado** e **a máquina de fazer espanhóis**, observa-se que os protagonistas desses textos apresentam e discutem memórias pessoais, porém igualmente relativas a seus países.

No romance de Chico Buarque, nota-se que Eulálio representa certo grupo social que já não tem mais espaço na conjuntura brasileira e, por conta disso, suas lembranças transitam entre o auge desse grupo no passado e a sua trajetória de decadência, até a chegada à derrocada final. Em nenhum momento, contudo, há afetivamente o orgulho nacional. Ao contrário, a posição de Eulálio é a do colonialista que, de certa forma, continua vendo de fora o Brasil. Nesse processo de lembrar, amplia-se, assim, a importância do esquecimento dos conflitos sendo exemplar, nesse caso, a irresolução do desfecho de Matilde, bem como as intenções de um branqueamento social que, ao fim e ao cabo, são o embranquecimento das próprias lembranças de Eulálio.

Em relação aos possíveis significados que envolvem a personagem Maria Eulália, filha do protagonista, Regina Félix destaca:

A filha, por seu turno, é a personagem cuja trajetória contorcida imprime mais movimentos e conversões entre os Assumpção, sendo responsabilizada pela destituição de Eulálio nos dias atuais, o que ele experimenta como a decadência de uma família de prestígio e posses. Desde o primeiro marido de Maria Eulália, que lhes levou um palacete em negociata, à amante marchand que carrega objetos da família para leilões, e o companheiro que violentamente lhes arremata mais uma propriedade (e cuja negritude Eulálio não deixa de ressaltar), a família vai sendo depauperada (FÉLIX, 2009, p. 274).

Observa-se que, além do apresentado, há também a especial conotação de que Eulália é fruto de uma relação instável que, pelas nuances apresentadas, do ponto de vista histórico-social, mostra-se impossível de ter um final feliz. Desse modo, a completa degeneração da aristocrática família parece indicar que os rumos tomados pelo Brasil levaram a uma modernização da arquitetura e dos costumes, mas também compuseram um painel social esgarçado pelo capitalismo desenfreado, suscitado no romance pelo tráfico de drogas, pelo consumismo do tataraneto, pela agiotagem do pastor evangélico, pela relação mercantilista do hospital particular e pela construção dos edifícios e urbanização da cidade.

Ao contrário da imagem final do romance **Leite derramado** que remete à irônica decadência de uma família aristocrática, as memórias narradas em **a máquina de fazer espanhóis** parecem desvelar que, para Portugal, resta esperar a morte de um passado agonístico. Em sua narrativa, ao revisitar o passado português, António Silva problematiza a atual situação de crise em Portugal. Diante de seu contexto pessoal, o narrador-protagonista retoma um passado traumático, marcado pelas memórias do tempo da ditadura que, por certo, muito contribuiu para o atraso do país.

No romance português, entretanto, observa-se que Silva, mesmo diante de experiências traumatizantes, ainda mantém um sentimento de identificação com a sua pátria, há ainda certa resistência que o faz manter o seu orgulho de ser português, sem que, para isso, seja preciso mostrar-se insensível às críticas situações que envolvem o seu país.

Desse modo, pontua-se que analisar um romance contemporâneo cujo enredo problematiza a construção da identidade sociocultural portuguesa e as memórias nacionais torna-se pertinente a partir da noção de que toda identidade é construída e atravessada pela memória da nação, a qual envolve também a rememoração de fatos históricos. Tal problematização, frente aos sujeitos contemporâneos, pode indicar uma crise de pertencimento ou, no mínimo, um questionamento acerca das circunstâncias que entrelaçam a identidade cultural portuguesa à ditadura salazarista.

Silva, após a morte de Laura e o internamento no asilo, ainda é visitado algumas vezes por sua filha – segundo ele, do mesmo modo que se visita um zoológico ou se sai para passear, aumentando ainda mais a solidão que rodeia o protagonista. Em relação aos outros idosos, contudo, a ideia de isolamento é ainda

mais nítida, pois eles são relegados ao completo abandono por seus familiares e sofrem muito com isso. De todo modo, o romance apresenta uma adaptação sempre difícil, mas também a ideia de que é preciso reaprender a viver e construir novos laços de afetividade. No tom pessimista que permeia a obra, isso soa como um sopro de leveza e esperança em meio às mortes e à dor de se perder amigos.

A partir das narrativas de Eulálio e Silva, compreende-se não apenas os distanciamentos e aproximações que envolvem esses romances contemporâneos da literatura brasileira e da portuguesa, mas também se discute o modo como as suas lembranças questionam a homogeneidade da memória nacional e mostram o quanto ela é cindida pelos grupos sociais que a compõem. Do mesmo modo, afirma-se o entendimento da memória como uma construção que permite perceber de que modo a história e as experiências pessoais se inter-relacionam e agem umas sobre as outras. Pontua-se, portanto, que, com base na noção de interação social, a memória pode ser compreendida como espaço vivo, político e simbólico no qual, de modo dinâmico, são recriadas as lembranças e deslocados os esquecimentos que, a cada nova análise e interação, permitem que seja modificada a interação entre o sujeito e a coletividade, desvelando, assim, novas tensões entre esses elementos intrínsecos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*o que me faz correr é sempre o mesmo, uma vontade de saber mais e o de deixar contado às pessoas, nos livros, sabe. deixar nos livros aquilo que se descobre, porque um livro, com o que contém, pode ser uma fortuna eterna.*  
(Silva, em *a máquina de fazer espanhóis*)

A análise dos romances **Leite derramado**, de Chico Buarque, e a **máquina de fazer espanhóis**, de Valter Hugo Mãe, desvela um complexo processo que envolve questões atinentes à identidade sociocultural, como também uma discussão acerca das memórias coletivas e suas identificações, representando, ainda, a ambivalência entre o social e o individual.

No romance de Chico Buarque, o centenário narrador revisita parte da história brasileira e, à proporção que conta suas memórias, descortina cenários, momentos históricos e personagens que permitem a problematização da história nacional por meio do texto literário. Destaca-se, na narrativa, a saga da família Assumpção, representante de certa aristocracia rural brasileira, caracterizada pelo comportamento conservador e a empáfia costumeira à elite tradicional.

O velho Eulálio, típico homem cordial, pode também ser visto como representante de certa classe dominante brasileira que passou por um processo de degradação financeira e moral, mas, ainda assim, continuou a tentar manter seus privilégios. Importa registrar que Eulálio é o único a ter voz em seu texto, desse modo o leitor conhece os fatos narrados a partir da ótica desse aristocrata. Estabelece-se, portanto, uma irônica crítica ao narrado por esse desencontro entre a imagem que o protagonista narrador faz de si e a situação de precariedade em que se encontra, pobre e doente, no corredor de um hospital público. Além disso, é interessante saber que o nome Eulálio é composto de eu+lálio, de origem grega *lalein*, que significa falar e pode ser entendido como “eu falo” (FIGUEIREDO, 2010). Assim, pode-se tanto compreender que, por um lado, o direito à fala é um resquício do aristocrático poder do protagonista como também, por outro lado, entende-se que, na decadência, tudo foi tirado de Eulálio e a ele só restaram as memórias e a



fala, daí a sua necessidade de narrar suas histórias, mesmo que aparentemente elas não interessem a ninguém.

Se na narração de Eulálio ressoa certa ironia pelo anacronismo em relação aos rumos do país, na narrativa de Silva, por sua vez, o que se afirma é o desencanto marcado pela angústia diante da realidade portuguesa. Em **a máquina de fazer espanhol**, as memórias do protagonista remetem à biografia ficcional de um indivíduo que vivenciou o período salazarista e, marcado pela educação dessa época, tenta reinterpretar o presente com vistas às experiências de outrora. Entretanto, por mais que o matiz pessimista imprima cores fortes à narrativa de Silva, salienta-se dois pontos que são quase diluídos em meio às lembranças do narrador: o orgulho português, que não exclui uma perspectiva crítica; e a necessária reconstrução da vida, independente da idade em que a pessoa (ou, quem sabe, o país) se encontre. No romance, essa ideia se delineia com a adaptação de Silva ao lar da Feliz Idade e mostra que, independente do contexto de vida de cada um, as relações afetivas podem contribuir para que os períodos de angústia sejam enfrentados de forma um pouco mais suave, como ocorre com Silva à proporção em que ele vai construindo novas amizades e, também, demonstrando-se mais afetivo com os novos amigos.

Salienta-se que, ao fim deste estudo, soa como ponto identificador basilar entre os romances o desencanto pessoal, demonstrado por Eulálio, e o coletivo, representado por Silva, frente ao tempo presente. Neles são delineados retratos acerca das realidades sócio-históricas dos países referenciados, problematizando-se, desse modo, questões voltadas à identidade sociocultural, relacionadas às tensões entre o subjetivo e o coletivo. Aprofundar essas relações constitui-se em objetivo aberto para novas incursões investigativas, às quais este trabalho intenta ser um contributo inicial.

Ao final deste percurso analítico, afirma-se, sobretudo, a potencialidade da literatura, em diálogo com a história e nos meandros da memória, para o questionamento de diferentes realidades sociais. Nesse questionamento, passado e presente se inscrevem e são reescritos na abertura para o devir, exigindo nosso olhar sempre renovado sobre a vida.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. [tradução de Cristina Antunes]. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

COUTINHO, Isabel. **Chico Buarque**: a primeira entrevista sobre o romance leite derramado. Disponível em: <<http://blogues.publico.pt/ciberescritas/2009/07/18/chico-buarque-a-primeira-entrevista-sobre-o-romance-leite-derramado/>> Acesso em: 22 nov. 2012.

DÓNOAN, Laberintos: transcurso por las señas del sentido. In: **Revista Anthropos**: Huellas del Conocimiento, 2008 ENE-MAR; (218).

FÉLIX, Regina. Leite derramado – Chico Buarque. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 34 - Brasília, julho/dezembro de 2009 Disponível em: <[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/3413.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3413.pdf)> Acesso em 28 dez. 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. O racismo à brasileira: a escrita da memória em *Leite derramado*, de Chico Buarque. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade**: perspectivas interamericanas de literatura e cultura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GARCIA, Maria Lúcia Andrade. **História do Brasil**: República do Café com Leite. Disponível em: <[http://www.cidadeshistoricas.art.br/hac/hist\\_07\\_p.php](http://www.cidadeshistoricas.art.br/hac/hist_07_p.php)> Acesso em 28 dez. 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. São Paulo: DP&A, 2005.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Teoria da ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Tradução de Bluma Waddington Vilar e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MÃE, Valter Hugo. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; RESENDE, Beatriz (orgs.). **Artelatina**: cultura, globalização e identidades. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MARTINS, José. **ManaosHarbourLimited&Rodoway**. Disponível em: <<http://jmartinsrocha.blogspot.com.br/2011/10/manaos-harbour-limited-rodoway.html>> Acesso em: 28 de dezembro de 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). **Memória e cultura**: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

Namer, Gérard. "Postfácio" a Maurice Halbwachs. In: HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**, Barcelona: Anthropos. 2004

NEGREIROS, Carlos Augusto de. Entre a realidade e o sonho: uma leitura de “Tabacaria” de Fernando Pessoa e sua relação com o *Eclesiastes*. In: **Revista Crioula**. Novembro de 2010, nº8.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão. Entre a memória e a história: *Leite derramado*, de Chico Buarque de Hollanda. In: **Poesia e prosa**: hoje, agora. Num. 21-22. Setembro/2010. Disponível em: <[http://www.iltc.br/poesia/pdf/Ana\\_Maria\\_Abrahao\\_dos\\_Santos\\_Oliveira.pdf](http://www.iltc.br/poesia/pdf/Ana_Maria_Abrahao_dos_Santos_Oliveira.pdf)>. Acesso em: 17 de novembro de 2012.

PADILHA, Laura Cavalcante. Da construção identitária a uma trama de diferenças – Um olhar sobre as literaturas de Língua Portuguesa. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 73, Dezembro 2005: 3-28.

PASSOS, Najla. Perseguição institucional aos terreiros do DF pode acabar nesta segunda. In: **Carta maior**. 24 de março de 2012. Disponível em: <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=19822&alterarHomeAtual=1](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=19822&alterarHomeAtual=1)> Acesso em: 10 fev. 2013

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. In: **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**[En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 28 enero 2006. Disponível em: < <http://nuevomundo.revues.org/1560> >. Acesso em: 31 jul. 2012

\_\_\_\_\_. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do pasado. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1499.html>> Acesso em: 31 jul. 2012

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Tabacaria**. Disponível em: <<http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/acampos/456.php>> Acesso em: 29 dez. 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa (tomo I)**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

REIS, Antonio José Lima. **Tabacaria**. 2009. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/apontamentoslimareis/tabacaria>> Acesso em: 02 jan. 2013.

ROSAS, Fernando. O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. In: **Análise Social**, vol. XXXV (157), 2001, 1031-1054.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHWARZ, Roberto. Brincalhão, mas não ingênuo. In: **Folha de São Paulo**, 28 mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2803200908.html>> Acesso em: 26 nov. 2012.

SILVA, Alvaro Costa e; MORAES, Reinaldo. **'Leite derramado'**: memórias quase póstumas de Chico Buarque. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/pextra/2009/03/28/e280327996.asp>> Acesso em: 20 ago. 2009.

TARDELI, Denise d'Áurea. Resenha : "Leite derramado". In: **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n. 1, jan. / jun. 2009